

MEMÓRIA DOS CATADORES DE MATERIAIS RECICLÁVEIS DE ASSIS (2001-2007)

ZÉLIA LOPES DA SILVA

(ORG.)

**CULTURA
ACADÊMICA**
Editora

**MEMÓRIA DOS CATADORES
DE MATERIAIS RECICLÁVEIS
DE ASSIS (2001-2007)**

Conselho Editorial Acadêmico
Responsável pela publicação desta obra

Profª Drª Ana Maria Rodrigues de Carvalho (FCL/Assis)

Profª Drª Solange Bongiovanni (FCL/Assis)

Prof. Dr. João da Costa Chaves Junior (FCL/Assis)

Prof. Dr. Regildo Márcio G. da Silva (FCL/Assis)

Profª Drª Edislaine Barreiros de Souza (FCL/Assis)

Prof. Dr. Paulo Cesar Gonçalves (FCL/Assis)

Prof. Dr. Eduardo José Afonso (FCL/Assis)

Profª Drª Rozana Ap. Lopes Messias (FCL/Assis)

Prof. Dr. Jorge Augusto da Silva Lopes (FCL/Assis)

Prof. Dr. Eduardo Galhardo (FCL/Assis)

Prof. Dr. Nelson Silva Filho (FCL/Assis)

Prof. Dr. Ronaldo Cardoso Alves (FCL/Assis)

Prof. Dr. Alonso Bezerra de Carvalho (FCL/Assis)

Profª Drª Zélia Lopes da Silva (FCL/Assis)

Profª Drª Karina Anhezini de Araujo (FCL/Assis)

Profª Drª Marília Aparecida Muylaert (FCL/Assis)

Prof. Dr. Abílio da Costa Rosa (FCL/Assis)

Srª Camila Braga Moraes (FCL/Assis)

Srª Edna Maria Kill (FCL/Assis)

ZÉLIA LOPES DA SILVA
(ORG.)

MEMÓRIA DOS
CATADORES DE
MATERIAIS
RECICLÁVEIS DE ASSIS
(2001-2007)

© 2014 Editora UNESP
Cultura Acadêmica
Praça da Sé, 108
01001-900 – São Paulo – SP
Tel.: (0xx11) 3242-7171
Fax: (0xx11) 3242-7172
www.editoraunesp.com.br
feu@editora.unesp.br

CIP – Brasil. Catalogação na Publicação
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

M487

Memória dos catadores de materiais recicláveis de Assis (2001–2007) [recurso eletrônico] / organização Zélia Lopes da Silva. –

1. ed. – São Paulo : Cultura Acadêmica, 2014.
recurso digital : il.

Formato: ePDF

Requisitos do sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-85-7983-526-1 (recurso eletrônico)

1. Catadores de lixo. 2. Lixo – Eliminação – Aspectos sociais.
3. Livros eletrônicos. I. Silva, Zélia Lopes da.

14-13135

CDD: 363.7280981

CDU: 363.7280981

Este livro é publicado pelo Programa de Publicações da Pró-Reitoria de Extensão Universitária da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP)

Editora afiliada:



Asociación de Editoriales Universitarias
de América Latina y el Caribe



Associação Brasileira de
Editorias Universitárias

SUMÁRIO

Prefácio 7

Introdução 11

PARTE I – A VIDA EM PRETO E BRANCO: DO BISCATE A
TRABALHADORES DA COLETA DE RECICLÁVEIS 19

1. A memória de si. Relatos de mulheres:
sonhos, decepções na vivência cotidiana 21
2. Narrativas masculinas (por eles mesmos) 141

PARTE II – TRAJETÓRIA DA COOPERATIVA DE
CATADORES DE MATERIAIS RECICLÁVEIS DE ASSIS
E REGIÃO (COOCASSIS) 191

3. Imagens em tempo real: a trajetória da
Cooperativa de Catadores de Materiais
Recicláveis de Assis e Região (Coocassis) 193
4. Resignificando a memória:
a “coleção” de fotos e seus suportes 211

Epílogo – Os catadores: o direito ao passado 217

Referências bibliográficas 221

Equipes que trabalharam no Projeto Memória
dos Catadores de Materiais Recicláveis de Assis
(2001-2007) 223

Sobre a organizadora 227

PREFÁCIO

É um prazer constatar na Academia a presença de docentes e alunos que se dispõem a dedicar parte de seu tempo, saber e energia a uma parcela da população tão pouco valorizada como é o caso dos catadores de materiais recicláveis.

A proposta deste livro ao coletar, sistematizar, analisar e publicar histórias e fotografias de pessoas que marcaram sua passagem na Cooperativa de Catadores de Materiais Recicláveis de Assis e Região (Coocassis), dando visibilidade a esses trabalhadores, contribui para fortalecer o reconhecimento que esperam dos poderes públicos e da comunidade em geral pelos serviços que prestam à sociedade. Ao mesmo tempo, joga mais um foco de luz na desigualdade social brasileira, aliás, reconhecida por alguns, inclusive os catadores, como avalia uma das entrevistadas:

Eu acho importante o trabalho de vocês. Assim, a entrevista, porque através do livro as pessoas vão se conscientizando do que as outras pessoas que não têm estudo, não têm condição financeira boa, não têm estrutura educacional avançada, né, vão sabendo o que essas pessoas passam, né?

Dedicação acadêmica como essa, que resulta na publicação deste livro, não surge por acaso, mas de um compromisso político

que atravessa o fazer profissional de uma intelectual, sobretudo de uma educadora que incita seus alunos a olharem para os grupos populares e a ver neles uma parte da nossa história.

Entre os trabalhadores que se viram privados de alternativas de sobrevivência no mercado formal de trabalho, estão aqueles que encontraram na catação uma oportunidade de trabalho e renda. Entretanto, o trabalho individual de catador submete esse sujeito à exploração dos “atravessadores”, que pagam preços irrisórios pelos materiais coletados durante um dia todo; em geral, quantia insuficiente para garantir sua sobrevivência. Por outro lado, a atividade desenvolvida individualmente não é valorizada pela sociedade, que muitas vezes, de modo preconceituoso e/ou desrespeitoso, trata o catador como um vagabundo, como indica uma entrevistada: “[...] para mim, catadora o povo sempre taxa de vagabundo, de lixo [...]”.

A organização dos catadores em cooperativas ou associações tem sido uma alternativa coletiva de trabalho, por meio da qual passam a ter acesso aos recursos públicos e privados que viabilizam os meios e bens de produção e possibilita-lhes o estabelecimento de convênios com o poder público para prestação de serviços, bem como, assim como ocorre com as universidades, o apoio necessário para a sua capacitação e desenvolvimento.

Em Assis, no ano de 2001, docentes e alunos do Curso de Psicologia da Faculdade de Ciências e Letras da UNESP deram início, juntamente com a Cáritas Diocesana e a Secretaria Municipal da Assistência Social, ao processo de organização dos catadores, alguns dos quais ainda compõem a Cooçassis. Dos primeiros passos, coletando individualmente e comercializando coletivamente, aos dias de hoje, com todo o trabalho realizado em conjunto e a coleta seletiva implantada em todos os domicílios, politicamente articulados ao Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis (MNCR), a caminhada foi longa e muitas vezes árdua, como revelam alguns depoimentos.

Quem dera, de tempos em tempos pudéssemos ter registradas e publicadas histórias de inúmeros catadores que passaram pela

Cocassis: Ismael, Madalena, Vanda, Araci, Antonio, Jeferson, Ataliba, Moisés, Genara, Acácia, Manuelzinho, Valmir.¹

O encontro com a cara colega de academia, professora Zélia, que se interessou por esses trabalhadores, tem sido importante para o trabalho que vimos desenvolvendo com os catadores no Oeste Paulista, por meio da Incubadora de Cooperativas Populares da UNESP – Núcleo de Assis. Olhares e intervenções multidisciplinares que contribuem para fortalecer a nova identidade desses trabalhadores organizados em uma cooperativa, não mais anônimos, vagabundos ou lixeiros, como muitos queriam fazê-los crer.

A despeito de tantos desafios ainda postos aos catadores no Brasil, e também à Cocassis, muitas conquistas foram possíveis nesses anos de luta. Para muitos dos catadores que participaram deste livro, a certeza da oportunidade de trabalho e renda, garantindo sua sobrevivência e de seus familiares, bem como o reconhecimento dantes nunca tido. Este livro é mais uma conquista de memória preservada, de palavras e imagens que poderiam estar jogadas ao vento.

Dr^a Ana Maria Rodrigues de Carvalho

Dr. Carlos Rodrigues Ladeia

Assis, dezembro de 2012

1. Parte da história da Cocassis e de seus catadores encontra-se relatada na tese de doutorado de Ana Maria Rodrigues de Carvalho, *Cooperativa de Catadores de Materiais Recicláveis de Assis (Cocassis): espaço de sociabilidade e seus desdobramentos na consciência*, defendida em 2008, no Instituto de Psicologia da USP.

INTRODUÇÃO

Navegar é preciso, viver não é preciso.

Fernando Pessoa

Este livro, que trata da *Memória dos catadores de materiais recicláveis de Assis*, tem sua origem em projeto maior,¹ composto de algumas etapas. Uma delas é a elaboração da presente publicação, baseada no depoimento de homens e mulheres que foram entrevistados, por meio de roteiro previamente elaborado para esse fim, e de fotos que registraram a trajetória da Coocassis, de 2001 a 2007.

-
1. Cabe esclarecer que esse projeto de extensão sobre os catadores é composto de três etapas: a primeira tratou do levantamento das notícias publicadas nos jornais de Assis sobre os passos iniciais do processo de organização dos catadores de materiais recicláveis de Assis e região; o passo seguinte foi a organização do conjunto de fotos que reconta a trajetória do grupo e de seus apoiadores, com base nas diversas atividades desenvolvidas de 2001 a 2007. Resultou desse trabalho a elaboração de uma exposição que relembrou esse processo. A última parte do projeto envolveu a elaboração de entrevistas orais com um grupo de trabalhadores e trabalhadoras da cooperativa, a fim de produzir um livro com foco nos próprios sujeitos e elaborar uma página da cooperativa na Internet contendo as várias informações já acumuladas sobre as experiências do grupo, em diferenciados níveis. O projeto teve apoio financeiro, com bolsas da PROEX e, durante o ano de 2010, uma bolsa do grupo Santander.

Os sujeitos que participam dessa pesquisa, em regra esquecidos, anônimos e invisíveis, somente aparecem como números nas estatísticas oficiais que tratam dos contingentes populacionais abaixo da linha da pobreza. Fora dos parâmetros da cidadania e com dificuldades de arranjar trabalho formal, passam a integrar a categoria dos “trabalhadores autônomos” que fazem biscates diversos, tornando-se, alguns deles, nos momentos de desemprego e de total falta de alternativas, em “catadores individuais” de materiais recicláveis, vivenciando, a partir daí, o estigma da sociedade, por serem confundidos com mendigos ou potenciais malfeitores, submetidos aos olhares de vigilância do entorno.

Neste texto, esses homens e mulheres – que antes integravam o contingente que alimentava as estatísticas da exclusão social, expandindo-se para todas as dimensões das vivências dos envolvidos – deixam de ser apenas um número e passam a contar, em suas narrativas, a luta diária pela sobrevivência em face dos percalços enfrentados na árdua busca de emprego, de qualquer emprego, para garantir a manutenção de si e de sua família.

A discussão avança, com o intuito de reafirmar que tais protagonistas se apresentam carentes de direitos elementares de toda ordem, considerando-se que suas perdas também se deslocam para o próprio banimento em relação ao passado e ao futuro. Assim, essa reflexão tem em mira trazer para o grupo a dimensão de que, além de “coletar papéis e materiais recicláveis”, esses homens e mulheres têm direito a um passado, como qualquer outro cidadão brasileiro; de partilhar o que é produzido no país, em termos materiais e também culturais; de expressar os seus sonhos e as mazelas de uma vida difícil em meio a tantas carências; de reivindicar e garantir uma vida digna para si e seus filhos.

Esse é o desafio desses escritos, tanto daqueles que participaram das diferentes fases, na tarefa de produção de fontes e de elaboração deste livro, quanto desses homens e mulheres que aceitaram falar de suas vidas e expor publicamente as dificuldades para garantir sua subsistência diante das incertezas enfrentadas cotidianamente.

Antes de prosseguir, algumas palavras precisam ser ditas sobre os procedimentos adotados na definição dos entrevistados. A escolha foi feita tomando-se por base dois grupos de pessoas: os integrantes, homens e mulheres, da diretoria da cooperativa – que agrega trabalhadores cuja proposta vincula-se à perspectiva de uma experiência de economia solidária – e um grupo aleatório de mulheres que trabalha na coleta, de casa em casa e nas atividades diversas do barracão, perfazendo 13 narradores. Os motivos para tal escolha devem-se, por um lado, à intenção de acompanhar as percepções desses homens e mulheres sobre o aprendizado e as dificuldades para ir delineando as diretrizes políticas (e as barreiras) para a gestão da cooperativa e, por outro, à necessidade de perceber a trajetória desses protagonistas, notadamente das mulheres, muitas delas responsáveis pela manutenção de sua família, pois, das entrevistadas, a maioria é mãe e cria sozinha os seus filhos.

Inicialmente, a intenção era fazer histórias de vida, o que não se tornou viável, em virtude das dificuldades iniciais dos depoentes em falar livremente sobre si mesmos. Então, optou-se pela entrevista, com perguntas seguindo um roteiro mais amplo, com o objetivo de recuperar, sucintamente, valendo-se de suas falas, a trajetória de cada um desses sujeitos,² mas buscando mapear a sua percepção sobre o processo de vida e de trabalho, voltado para essa nova inserção no “sistema solidário de trabalho”, como cogestores da cooperativa de materiais recicláveis.³ Os entrevistados escolhidos, pela própria definição do projeto, foram os membros da diretoria, homens e mulheres, e, ainda, algumas mulheres da coleta

-
2. Para a definição dos procedimentos metodológicos foram consultados alguns estudos sobre História Oral e suas possibilidades, tais como: Montenegro, 1992; Alberti, 2005; Freitas, 2002; Portelli, 1993.
 3. Esse processo foi amplamente discutido e o roteiro final foi produzido, em 2011, pela autora e pelas bolsistas PROEX, Ana Carolina de Almeida Piccinin e Emily Yaeko Oka, que foram preparadas para fazer as entrevistas e partilhar esses momentos de tensão e emoção, no ato de lembrar, desses homens e mulheres que concordaram em tornar públicos os registros de momentos relembrados, nem sempre alegres, de suas vivências.

seletiva, selecionadas aleatoriamente.⁴ Essa definição permitiu, após agendamento que nem sempre funcionou, o deslocamento das *entrevistadoras* até o Parque de Reciclagem para a realização dos apontamentos orais. Para o registro das narrativas desses protagonistas, foi utilizado gravador digital portátil, roteiro e fichas biográficas. Por último, foi feita a transcrição desses depoimentos, conforme as indicações da literatura especializada sobre o assunto.⁵

As gravações assinalam que esses narradores, inicialmente tímidos, contam o percurso vivido: a escolaridade, os trabalhos desempenhados desde a infância, as relações familiares, suas alegrias e desencontros, as saudades e tristezas evocadas por certas lembranças, os problemas e dificuldades enfrentados ao longo dessa caminhada, até chegarem à cooperativa, que se tornou, para os seus integrantes, uma opção de trabalho e de garantia de dignidade, diferentemente do percurso anterior.

A segunda parte deste livro apresenta, sucintamente, a trajetória de organização desses trabalhadores que passaram a integrar a Coocassis⁶ tomando como fonte principal as fotos dos principais

-
4. As questões apontadas por Verena Alberti foram importantes para os diversos passos do projeto. A autora afirma que “a História Oral moderna é uma metodologia de pesquisa e constituição de fontes [...] e um caminho interessante para se conhecer e registrar múltiplas possibilidades que se manifestam e dão sentido a formas de vida e escolhas de diferentes grupos sociais, em todas as camadas da sociedade” (Alberti, 2005, p.164).
 5. O último passo desse processo foi a transcrição das entrevistas. Trata-se de momento peculiar que exige “dedicação, paciência e sensibilidade” (Alberti, 2005, p.181), além das questões alertadas pelos especialistas quanto aos limites da interferência na transcrição do que foi dito pelos entrevistados, dos silêncios não capturados etc. Os depoimentos de três dos entrevistados foram transcritos pelas bolsistas do projeto. As demais transcrições foram realizadas pelos alunos da turma de 2012 do Curso de História que integram o Programa de Formação na Área de Acervos e Bens Culturais, do Cedap, após leituras e orientações para execução dessa atividade.
 6. A trajetória do “grupo inicial” e do processo de constituição da Coocassis foi estudada por Ana Maria Rodrigues de Carvalho, op. cit., 2008. No capítulo 3 dessa tese, a autora discute pormenorizadamente esse trabalho de psicóloga em um grupo de desempregados na cidade de Assis e as dificuldades para efetivamente ajudá-los a sair dessa condição. Informa Carvalho que, nessa busca

protagonistas inseridos nesse processo e, também, a trajetória de parte desse projeto, o qual foi realizado em diversas etapas e que agora chega ao seu fim com esta publicação.

Os resultados aqui mostrados retraçam, com base no acervo fotográfico, o percurso do grupo (e de seus apoiadores) que executa um trabalho fundamental para a sociedade, tanto do ponto de vista da garantia do bem-estar geral quanto de preservação do meio ambiente, que sofre os efeitos predatórios de sua apropriação descontrolada.

A organização desse acervo fotográfico e do próprio livro que trata da trajetória de alguns desses cooperados pode parecer, ao senso comum, de alcance limitado para o grupo (e de pouco *glamour*). Afinal, a organização desse material tinha como perspectiva a identificação das pessoas (homens e mulheres) presentes nas fotografias e sua posterior organização, por agrupamento temático, visando a sua alocação em caixas devidamente identificadas e acomodadas para as gerações futuras e para uso do próprio grupo.

Contudo, não se pode perder de vista o outro lado da questão, que é o sentido simbólico do arquivamento e da preservação da memória desses protagonistas (reunidos numa perspectiva de cooperação solidária) e da divulgação de fragmentos de suas vivências. A primeira consequência desse esforço memorialístico é permitir que a memória do grupo, até então “subterrânea”, chegue à superfície, não como estorvo de descontentes marginalizados, mas para acabar com a “invisibilidade” que lhes foi imposta por não fazerem parte

de alternativas, tomou conhecimento do projeto da Cáritas Diocesana que apoiava um grupo de catadores autônomos, mas que estava vivendo impasses semelhantes e em processo de interrupção pela ineficácia que apresentava. Desse contato, surgiu a proposta de associação de forças que deu origem à união desses dois projetos cujo objetivo era semelhante, uma vez que ambos pretendiam ajudar essas pessoas a recuperar a dignidade perdida e garantir os caminhos de qualificação para sua inserção no mercado formal de trabalho. O passo seguinte desses apoiadores foi buscar a agregação desses trabalhadores e convencê-los a formar uma cooperativa de catadores de recicláveis, projeto que logo se mostrou arrojado e passou a exigir o envolvimento do poder público, em dimensões local e nacional.

dos circuitos formais do mercado de trabalho e, em consequência, da sociedade, numa clara e ampla exclusão social.

Esse caminho tornou-se possível, a partir da ajuda da Cáritas Diocesana e de professores do Curso de Psicologia da UNESP, Ana Maria Rodrigues de Carvalho e Carlos Rodrigues Ladeia, com base em projetos voltados à valorização desse grupo de catadores e desempregados, realidade que tomou outro rumo com a decisão conjunta de sua organização em cooperativa como forma de enfrentar as dificuldades de sua sobrevivência e, também, de garantir uma vida mais digna.

Assim feito, os passos foram em direção a outras lutas. Perspectivas novas foram se abrindo para o grupo como um todo, até para os seus apoiadores. Da invisibilidade, passaram aos holofotes e às manchetes dos jornais e à participação em congressos, encontros, palestras, cursos novos de capacitação, atividades culturais nas quais são os protagonistas. O coral, por exemplo, traduziu a experiência vivida por homens e mulheres catadores que exibiram as suas potencialidades e dotes culturais, antes desconhecidos. Os voos foram cada vez mais altos, até chegarem aos seus pares já organizados em âmbito nacional. E, aí, sua invisibilidade passou a fazer parte de seu passado.

Nos encontros com outras lideranças dos catadores, as questões gerais de seu trabalho, certamente, entraram nas pautas de discussões e também o conhecimento sobre as manifestações da categoria em âmbito nacional, apresentando suas reivindicações e suas plataformas de lutas visando à conquista de direitos, tais quais as demais categorias de trabalhadores. Disso resultou sua organização com vistas a atingir esses objetivos, com a convicção de que realizam importantes serviços à coletividade e ao meio ambiente. Os catadores de Assis sabem que, apesar de terem uma trajetória específica, essas questões estão presentes em seu cotidiano, e sabem que suas conquistas vão além da luta pela subsistência de si e de seus familiares, e que sua força e autonomia futuras passam pela sua articulação ao movimento nacional de catadores de materiais recicláveis, a qual já existe.

O livro, portanto, discute, nos capítulos que se seguem, a trajetória desses trabalhadores e o forjamento da categoria ao se inscreverem no mundo do trabalho, na execução de tarefas com materiais recicláveis. Essas preocupações foram sistematizadas na primeira parte deste texto, nomeada “A vida em preto e branco: do biscate a trabalhadores da coleta de recicláveis” – subdividida nos capítulos 1 e 2, que abordam “A memória de si. Relatos de mulheres: sonhos, desilusões na vivência cotidiana” e “Narrativas masculinas (por eles mesmos)” –, e na segunda parte do livro, “Trajetória da Cooocassis” – contada nos capítulos 3 e 4, sob os títulos “Imagens em tempo real: a trajetória da Cooperativa de Catadores de Materiais Recicláveis de Assis e Região (Cooocassis)” –, com base em fotos que registraram esses acontecimentos, e “Res-significando a memória: a ‘coleção’ de fotos e seus suportes”, que apresenta o trabalho de organização da coleção das fotos e de depoimentos dos alunos do Curso de História, bolsista e voluntária, que fizeram parte do projeto. Ou seja, esse capítulo traz sucintas informações e os objetivos expressos nas diversas etapas do trabalho de organização das fotos, até o seu acondicionamento nas caixas destinadas à sua conservação para as pesquisas futuras e para uso do próprio grupo.

Para concluir, o “Epílogo” e as “Referências bibliográficas” fecham esse livro, cujo perfil foi sendo forjado em seu próprio percurso de elaboração.

PARTE I
A VIDA EM PRETO E BRANCO:
DO BISCATE A TRABALHADORES DA
COLETA DE RECICLÁVEIS

1

A MEMÓRIA DE SI. RELATOS DE MULHERES: SONHOS, DESILUSÕES NA VIVÊNCIA COTIDIANA

Todo dia ela faz tudo sempre igual...

Chico Buarque de Hollanda

O presente capítulo trata das narrativas de algumas mulheres que integram a Cooperativa dos Catadores de Materiais Recicláveis de Assis. Em suas falas, é possível perceber certas características de individuação, bem como elementos que são comuns às demais trabalhadoras que passaram a integrar a cooperativa, cujas histórias de vida articulam-se intimamente ao trabalho desde a infância. As entrevistadas relatam, em seus depoimentos, que na infância frequentaram a escola, mas não foram além dos primeiros anos do primário,¹ embora também haja algumas que prosseguiram até a 7ª série e, excepcionalmente, terminaram o 3º colegial e cursaram o ensino superior. Mas há, entre essas mulheres, aquelas que nunca frequentaram escola.

Nessas lembranças, o abandono da escola deve-se às dificuldades da família, seja pela perda do pai – por morte ou separação –, seja por problemas financeiros enfrentados pela mãe, que se vê so-

1. O primário corresponde, atualmente, ao Ensino Fundamental – ciclo I (1º ao 5º ano); as séries 5ª a 8ª compreendem o Ensino Fundamental – ciclo II (6º ao 9º ano); e o Colegial é o atual Ensino Médio (1ª a 3ª série).

zinha com o encargo de criar os filhos ainda muito pequenos. Nesse caso, as crianças, assim que chegam a uma idade em que podem exercer alguma atividade remunerada (geralmente entre 7 e 12 anos), se incorporam ao mercado informal de trabalho, com o intento de ajudar no sustento da família, situação que se manifesta com mais intensidade para essas mulheres e é amplamente registrada pela historiografia que tem abordado os segmentos populares. Esse ciclo repete-se com as protagonistas em foco, às vezes abandonadas pelos companheiros no período da gestação. Essa situação provoca todo tipo de problemas, a começar pelas dificuldades de arranjar emprego para garantir o próprio sustento. Novamente, os filhos da maioria dessas protagonistas seguem o mesmo percurso, com abandono precoce da escola, embora as explicações atuais sejam o desinteresse pela escola, o casamento precoce ou por ter arranjado emprego.

O Quadro 1 sistematiza informações gerais e permite algumas considerações sobre a trajetória dessas mulheres: o grau de escolaridade, o número de filhos, as atividades profissionais exercidas, o estado civil e o local de nascimento.

Em suas falas, essas mulheres aparecem como chefes de família com a responsabilidade de sustento de seus filhos. Mesmo assim, indicam que são solteiras, muito embora tenham filhos, alguns adolescentes e outros já casados e com filhos. Porém, não se trata de relações fortuitas. Em seus relatos, nota-se que algumas delas viveram longos anos com seus parceiros, e só depois de certo tempo houve a separação; quando isso ocorreu, o sustento e a educação das crianças ficaram a cargo da mãe, considerando a ausência do pai e o desinteresse quanto ao seu destino.

Das entrevistadas, seis delas nasceram na cidade de Assis e sempre moraram em bairros que, muitos deles, não dispunham de infraestrutura adequada e não eram devidamente assistidos pelo poder público. Os bairros mencionados foram Vila Nova Florínea, Vila Sousa, Vila Xavier, Vila Ribeiro. Mas também há aquelas que vieram de outras localidades, como Echaporã (embora nascida em

Paraguaçu Paulista), Santa Cruz, Gardênia (São Paulo) e Olinda (Pernambuco).

Quadro 1 – Mulheres trabalhadoras da reciclagem – Coocassis

Nome	Atividade na cooperativa	Estado civil	Trabalhos anteriores	Filhos	Origem	Estudo	Entrevista
Aparecida Pedro da Silva	Coleta seletiva	Solteira	Trabalho na roça; catadora de rua	Três filhos	Paraguaçu Paulista	Sem estudo	1ª/7/2011
Aparecida Regina Barbosa Xavier	Coleta seletiva/esteira	Separada	Várias atividades	Três filhos	Assis	Até a 4ª série	5/11/2011
Creuza Soares Cardoso	Diretoria da cooperativa – 1ª Secretária	Solteira	Empregada doméstica	Dois filhos	Assis	Até a 7ª série	12/2010 e 22/6/2011
Laureci Florentino Franco	Coleta seletiva	Separada	Trabalho na roça	Quatro filhos	Assis	Pouco estudo	10/12/2011
Maria Emília Mendes da Silva	Coleta seletiva	Solteira	Emprego na indústria; outros serviços	Sem filhos	Olinda (PE)	Até o 2º ano primário	22/6/2011
Maria Galdino da Silva	Diretoria – Coordenadora da esteira	Solteira	Varredora de rua (Prefeitura)	Três filhas	Gardênia	Até a 5ª série	31/5/2011
Maria de Jesus Tavares	Coleta seletiva	Solteira		Três filhos	Santa Cruz	Até a 5ª série	5/11/2011
Marinusa Mariano de Souza	Conselho fiscal	Solteira	Empregada doméstica	Uma filha	Assis	2º grau	31/5/2011
Noêmia Virgínia Vitor	Coleta seletiva/ auxiliar de cozinha	Casada*	Cortadora de cana etc., empregada doméstica	Três filhos	Assis	Pouco estudo**	15/9/2011
Vilma Rodrigues Cipriano	Coleta seletiva	Desquitada		Uma filha	Assis	Pedagogia	1ª/7/2011

(*) Casada pela terceira vez.

(**) Não informa o grau de escolaridade efetiva.

Fonte: Entrevistas realizadas durante o ano de 2011 no Parque de Reciclagem de Assis.

Ao examinar o próprio local em que algumas dessas mulheres moravam desde a infância, constata-se que alguns desses bairros não ofereciam muitas opções de aprendizado, pela precariedade de sua infraestrutura, como é o caso de Vila Nova Florínea, em Assis, que só recentemente passou a ter asfalto em suas ruas. E, também, escolas, como relata Creuza, uma das entrevistadas, que relembra a desapropriação da casa em que a família morava de aluguel para construção de uma escola nessa Vila.

Nesses registros, a entrada precoce no mercado de trabalho é explicada como uma decorrência das dificuldades financeiras da família ou em razão dos constantes deslocamentos dos pais, situações apontadas para o abandono da escola na infância. A explicação para o abandono da escola também é atribuída à pouca valorização da educação por parte dos pais, notadamente a escolarização das meninas, que, nessa perspectiva, deviam aprender os serviços domésticos – cozinhar, lavar e passar roupa –, numa postura arcaica em relação aos papéis sociais no âmbito da família e da sociedade.

O engajamento, ainda na adolescência, em alguma atividade remunerada, direciona as suas “escolhas” profissionais para os serviços domésticos, ou aqueles associados a tais predicados, como atividade de babá ou equivalente. Essa situação projeta-se para a idade adulta, na qual, em virtude da baixa escolaridade, as “opções” de inserção no mercado de trabalho ficam cada vez mais restritas. O resultado desse processo é a sua entrada no mercado de trabalho em condições extremamente desfavoráveis, sempre executando trabalhos domésticos ou trabalhando em atividades pesadas na roça, como o corte de cana, coleta de soja, corte de arroz ou na cidade, como a varredura de rua etc.

Portanto, essa posição dos pais sobre a preparação específica da mulher para as atividades domésticas ou prendas do lar não está de acordo com a necessidade de sua presença no mercado de trabalho para ajudar a família. Em razão da sua baixa escolaridade, essa jovem, desde cedo, é empurrada para trabalhos pesados, no campo ou nos serviços domésticos, como foi assinalado anteriormente. A situação agrava-se após o casamento e as sucessivas sepa-

rações, em que se veem na condição de chefes de família. Encurraladas pela falta de emprego, algumas delas foram empurradas para a coleta de recicláveis pelas ruas da cidade. Outras, posteriormente, chegaram à cooperativa pelos mesmos motivos. Ou seja, a falta de alternativa para garantir o próprio sustento e o de seus filhos, levou-as à Cooperativa dos Catadores que, após sua constituição, passou a ser uma opção fácil de emprego pelos seus objetivos, desde sua criação, de inserção social de sujeitos em busca de algum serviço sem exigência de qualificação prévia.

As informações sintetizadas no Quadro 1, baseadas nos relatos de suas protagonistas, também trazem outros indícios significativos, entre eles o fato de duas dessas mulheres integrarem, na ocasião da entrevista, a diretoria da cooperativa. Esse aspecto deve ser assinalado porque, em seus depoimentos, elas relembram sua situação de extrema dificuldade quando, na tentativa de conseguir alguma colocação, se inscreveram na cooperativa por iniciativa própria ou levadas por uma colega ou amiga. Ao buscarem esse trabalho com os recicláveis, em situações aparentemente iguais de desemprego, suas percepções e sentimentos, de acordo com suas lembranças, são distintos. Para Creuza, a sensação inicial foi de ter chegado ao fim do túnel em termos de trabalho degradado. Já Maria Galdino, integrante da cooperativa desde sua fundação, tinha a expectativa de melhorar de vida e sair da condição recorrentemente vulnerável de busca de trabalho.

A descrição, por elas mesmas, de suas trajetórias na cooperativa, permite outros elementos que sinalizam para a nova oportunidade pessoal dessa experiência que tem propiciado um aprendizado permanente bem como a compreensão e significado do trabalho que passaram a executar, os desdobramentos em suas vidas e a compreensão de sua significação para a sociedade em geral; mesmo que essa sociedade nem sempre tenha consciência do papel delas nesse processo, que é evitar a degradação cada vez maior do meio ambiente.

Em seus relatos é assinalada a experiência com os cursos de capacitação feitos desde a entrada na cooperativa, em diferenciados

níveis, e sua importância para o desenvolvimento pessoal no que se refere à aquisição de conhecimentos e de autoestima. O primeiro deles foi o treinamento para a realização do trabalho em grupo e, à medida que ocorria a inserção em outras tarefas, os cursos técnicos para operar a esteira e as máquinas, e os cursos de formação de lideranças e demais atividades relacionadas ao trabalho e ao convívio no âmbito do grupo, esses últimos destinados a toda a diretoria.

As trabalhadoras relembram que esse processo de aprendizado e a consequente inserção do cooperado começa nas atividades de coleta seletiva, a primeira etapa dessa formação. À medida que esse trabalhador ou trabalhadora se destaca nas suas tarefas e pelo empenho em colaborar no desenvolvimento das atividades diversas da cooperativa percebe-se participando e assumindo novas funções. Assim, destacam que chegar ao cargo de direção é o desdobramento das constantes avaliações do trabalho executado – independente de sexo – e de sua disposição para aprender e aceitar os novos desafios do trabalho a ser realizado.

Ao ser arguida se ocorria diferenciação na execução do trabalho entre homens e mulheres e se havia algum problema na integração de mulheres na direção da cooperativa, Creuza afirma que não se vê com função especial nesse processo pelo fato de ser mulher. É direta em sua fala: “Acho que não. A demanda de trabalho só aumentou e também as responsabilidades. Continuo uma catadora. Não vejo diferença com os homens”. Observa, no entanto, que, do ponto de vista profissional, adquiriu muitos conhecimentos. Consegue ter desenvoltura para resolver os problemas da cooperativa nos bancos e na Prefeitura. Ou seja, não tem medo ou vergonha de falar com o gerente ou o prefeito. E chega à conclusão de que administrar não é fácil. Também ressalta que esses conhecimentos foram incorporados na resolução de seus problemas pessoais e conclui que em sua casa “só gasta o que pode pagar”.

Na narrativa mais elaborada e positiva de Maria Galdino – uma das catadoras integrante da cooperativa desde 2004 e uma de suas diretoras – reafirma-se a indiferenciação de gênero na con-

dução dos destinos da cooperativa. Esclarece a reviravolta dada em sua vida a partir do momento em que passou a trabalhar nessa atividade de trabalho solidário, a ponto de dizer que sua pretensão é continuar na cooperativa porque foi ali que viu sua vida sofrer contínuas transformações.

Entrevistadoras: Para finalizar, você tem algum sonho para o futuro? Algum plano, objetivo?

MGS: O sonho pro futuro, eu acho que é ficar aqui na cooperativa, já tem oito anos que eu estou aqui, já tem até senhora de idade que trabalha aqui, que não consegue emprego lá fora e vem aqui procurar, mas eu penso trabalhar até quando existir a cooperativa, porque daqui eu não saio não.

Entrevistadoras: Mudou desde que você entrou aqui?

MGS: Mudou, como mudou. Fora os outros empregos que eu tive, aqui foi o melhor, bem melhor. Então, aqui foi uma oportunidade que eu tive, consegui minhas coisas aqui, arrumar a minha casa, então daqui eu não pretendo sair, não. Esse ano, eu sendo diretora ou não sendo, vou ser uma cooperadora normal, porque isso não tem desvantagem nenhuma. A gente só é diretora e coordenadora porque, às vezes, você tem capacidade de aprender algo a mais para passar aos outros. Eu estou aqui desde 2004, então eu já sei um pouco da cooperativa. Então, eu posso passar o que eu sei para eles.

Entrevistadoras: Então, o seu sonho mesmo é continuar na cooperativa?

MGS: Continuar na cooperativa, porque a cooperativa não acaba. Aqui é um trabalho “indeterminado”, enquanto existir duas ou três pessoas tem trabalho, porque material reciclável não acaba nunca e sempre vai ter consumidor.

Entrevistadoras: Você mora perto da cooperativa ou é longe?

MGS: Não, eu moro na Vila Ribeiro, aliás, para baixo da Vila Ribeiro.

Entrevistadoras: E como você vem para cá todo dia?

MGS: De ônibus, tem o ônibus da cooperativa que passa nos pontos e vai pegando o pessoal e traz para cá. (Maria Galdino da Silva. Entrevista: 31/5/2011).²

As dúvidas sobre esse trabalho com material reciclável estão contidas no depoimento de Noêmia, que aborda o seu percurso de vida e de trabalho, em poucas palavras, e sua inserção na categoria de trabalhadora com recicláveis, bem como os preconceitos enfrentados socialmente por essa inserção. Aliás, essa é uma questão recorrente na fala desses homens e mulheres.

NVV: Até eu chegar, à cooperativa que hoje eu me encontro, teve um percurso. Antes, eu morava em Marília, aí lá as coisas pra nós estavam muito difícil. Eu sempre morei na cidade de Assis. Mas, devido um problema de separação – eu era amasiada na época –, para poder ter sossego eu fui embora para Marília. Lá, eu morava com meus três filhos. Depois eu voltei para Assis e estava desempregada. Aí, eu e Cleuza – Cleuza hoje faz parte da diretoria –, [que] também morava comigo em Marília, a gente veio para cá. Viemos aqui falar com a Sandra [que] na época fazia parte da diretoria. Aí, Sandra falou que estava precisando sim, de pessoas pra trabalhar aqui. Só que nós tínhamos que fazer a coleta seletiva, a coleta de rua empurrando carrinho junto com outras mulheres. Aí a gente foi, né. Aí, depois eu fui gostando do projeto. No começo deu vergonha, porque a gente nunca tinha feito esse tipo de serviço. A minha mãe já é catadora. Há 25 anos ela já trabalha com material reciclável. Por causa da gente está desempregada eu comecei a trabalhar aqui [na] cooperativa. Através desse serviço eu pagava aluguel e através desse serviço eu consegui comprar minha casa própria que hoje é onde meus filhos moram, graças a Deus. Eu

2. Cabe ressaltar que todos os relatos aqui apresentados foram transcritos e editados, preservando-se as marcas da linguagem oral, por meio da qual as entrevistadas se expressam.

estou muito feliz, viu? É assim, um serviço que às vezes muitos falam: vocês não têm vergonha, não? A gente não tem que ter vergonha do que a gente é. É um serviço digno, igual a qualquer outro. Já trabalhei na esteira com as meninas, no lixo. Já fui coordenadora da esteirinha do material reciclável. E, hoje, devido um problema meu de saúde, eu não estou podendo ir pra rua. Mas eu gosto mesmo é está [na] rua catando material reciclável. Então, eu hoje estou na cozinha. (Noêmia Virgínia Vitor. Entrevista: 15/9/2011)

O relato anterior explicita que a inconstância dos empregos e as dificuldades enfrentadas, em diferenciados níveis, perpassam essas famílias. Embora as gerações não sejam as mesmas, há elementos de repetição na trajetória dos filhos que acabam refazendo o mesmo trajeto vivido pelos pais, processo que se apresenta marcado por muitas privações e recorrentes separações, que acabam desestruturando a família e colocando todos em novas dificuldades.

As separações, entretanto, ocorrem em diversas situações e tempos distintos dos casamentos dessas protagonistas. Aparecida Regina após vinte anos de casamento, separou-se do marido, explicando que a decisão ocorreu por vários motivos, embora as investidas de outra mulher se insinuando para o seu marido tenham precipitado o término da relação. Em suas palavras:

ARBX: Eu trabalhei no Clube São Paulo quase 12 anos. Aí tinha umas donas lá, igual umas donas que tem aqui na cooperativa, que todos os homem que entravam lá no clube elas já atacavam. É igual aqui, só que elas já tinham revirado tudo. Já fazia tempo que meu marido trabalhava lá. Elas tinham revirado tudo que tinham que revirar. Aí partiu para o lado do vinho, né. [Risos.] Mas é aquele negócio, assim, sabe, se insinuando, aquelas brincadeiras sem graça falando palavrões; não era uma coisa concreta, mas começou a fazer desavença na casa da gente. E um pouco também por causa de família, né, porque eu ajudava muito os irmãos, sobrinhos, né. Então, foi um pouquinho de

cada coisa, porque a gente era para viver muito bem, porque ele trabalhava e eu sempre trabalhei. A gente era já para ter uma casa própria, ou um carro até, mais ou menos, pra passear. Assim, uma situação de vida melhor. Mas, de tanto ajudar parente, a gente não tem nada até hoje, nem ele nem eu. (Aparecida Regina Barbosa Xavier. Entrevista: 5/11/2011)

Esse constante “começar de novo”, constatado no campo das relações familiares, já foi assinalado pela bibliografia especializada ao longo do século XX³ e deixa antever que esse “modelo de relação” tem longa tradição no âmbito das classes populares e se manifesta como parte constitutiva do grupo aqui discutido, sem que haja qualquer estranhamento sobre a sua existência. O paradigma familiar convencional não é o caminho para essas mulheres, uma vez que, no âmbito do grupo, poucas são casadas formalmente. Também aparece a opção homossexual entre essas mulheres, que indica caminho alternativo de relacionamento. Esses relacionamentos informais (heterossexuais) são vistos pela bibliografia especializada como parte distintiva de seus valores e expressam a visão de mundo desse segmento, diferentemente do preconizado paradigma burguês de família nuclear, formalizada por um contrato jurídico e “abençoada” por um religioso perante os seus pares. No contexto desse segmento, esses trâmites são dispensados, mesmo porque os “custos do ritual” estão além de suas possibilidades financeiras. Porém, há relações duradouras.

Assim, uma ideia mais abalizada de suas percepções e de suas trajetórias individuais pode ser detectada diretamente de seus relatos sobre a construção de suas vidas e dos diversos percalços sofridos desde a infância e de suas realizações.

3. Esse assunto foi discutido, em momentos e em experiências diversas dos sujeitos, pelos seguintes autores: Velloso, 1990, p.207-28; Maluf & Mott, 1998, p.367-421; Porto, 2008.

Relatos de mulheres: dos sonhos às desilusões

Entrevistadoras: Ana Carolina de Almeida Piccinin
Emily Yaeko Oka

Local das entrevistas: Parque de Reciclagem, Assis, São Paulo

* * *

1º relato: Aparecida Regina Barbosa Xavier

Data da entrevista: 5/11/2011

Transcrição: Glayce Marina Alves Ferreira

Entrevistadoras: Então, Aparecida, você sempre morou em Assis?

Como era onde você morava e como foi essa época da sua vida?

ARBX: Eu nasci e fui criada em Assis, a gente era uma família de 11 irmãos; daí foi perdendo por falecimento os irmãos; aí ficaram nove irmãos, depois foi perdendo por motivo de falecimento e ficaram só três homens e quatro mulheres. Meus pais eram muito severos com a gente, muita educação na casa das pessoas, não colocar a mão em nada que era dos outros, nem para tirar o que era dos outros e nem para ficar fuçando nas coisas das pessoas que a gente ia visitar, não pôr a mão em nada que era de ninguém, não tirar nada do lugar, não fazer bagunça. Todo aquele ritual mesmo que era severo. Não precisava meus pais falar assim: “o olha em casa nós vamos conversar!”. Ou “em casa você vai ficar de castigo ou apanhar”. Meus pais não falavam nada. Eles só davam um olhar meio torto, assim, pronto, você já entendia tudo, não precisava mais nada que isso, viu. Então, meus pais não eram de ficar assim falando que iam castigar que iam bater. Bastava olhar e pronto, você já entendia e parava de fazer o que estava fazendo, na hora.

Entrevistadoras: Vocês moravam aqui na cidade mesmo, ou no sítio?

ARBX: Nós morávamos aqui em Assis mesmo. Moramos muito no sítio, moramos muito aqui em Assis. Oh, meu tempo de in-

fância eu não posso reclamar, porque foi na medida das necessidades da gente, mas foi muito bom, muito gostoso. A gente brincou muito, a gente se divertiu bastante. A gente não tinha os brinquedos que tem hoje, né, jamais você pensava em tal boneca que tem hoje. Você brincava com sabugo de milho, com caroço de manga, com toquinho de madeira, fazendo, né. Brincava de carrinho com os irmãozinhos, porque tinha os meninos pequenos, os irmãos pequenos, então brincavam entre si ali. Não tinha tanta briga entre os irmãos, tanta violência, depois que fomos crescendo um pouco se tornando mais adulto que cada um vai sabendo se defender e como a vida é. Aí você já vai tendo mais noção do que é uma defesa. Brigava um pouquinho os irmãos machos, mas era coisa sem agressão física, né.

Entrevistadoras: E a relação com seus pais? Foi criada pelo seu pai e pela sua mãe?

ARBX: Ah, eu não tenho o que reclamar dos meus pais, não. Minha mãe era muito brava, sabe. Ela batia, quando ela pegava, era difícil bater, mas quando ela pegava para bater, batia mesmo: batia de mangueira de torneira, mas era muito difícil, só quando era uma arte que deixava ela muito fora do sério. Agora o meu pai não batia. Olha, vou falar para vocês que acho que se ele me deu uns tapas uma vez na vida foi muito. Tapa, assim, que não chegava nem doer. Só que a gente tinha mais medo do meu pai que não batia do que da minha mãe que batia demais. Mas foi muito boa mãe, muitas vezes que eu apanhei até agradeço, hoje a gente vê que até agradece as surras que a gente levou. Naquele tempo a gente achava que era ruim, que a mãe era ruim, que a mãe era isso que a mãe era aquilo, né, porque era criança. Mas hoje, a gente percebe que aquelas surras que foram dadas serviram para muita coisa nos dias de hoje.

Entrevistadoras: E hoje em dia, a senhora tem ligação com seus irmãos, eles moram aqui em Assis?

ARBX: Olha, até antes do falecimento da minha mãe e do meu pai a gente era muito unido. Mas, depois que meu pai e minha mãe faleceram, aí ficou um pouco assim dispersado, sabe, porque

cada um tomou um rumo na vida, tem seu trabalho, tem sua família. Uns moram mais longe, outros moram mais perto. A gente mesmo sai cedo e chega de noite. Final de semana, a gente tem bastante serviço para fazer em casa, então você não tem tempo também para está visitando quase ninguém mais, né, mas a gente sempre se deu bem, né.

Entrevistadoras: Algum deles trabalha como catador aqui na cooperativa?

ARBX: Não, não, meus irmãos nenhum é catador. O que é catador mesmo é meu filho. De vez em quando ele começa catar e vai um tempo. Depois ele dá uma parada e vai para outro serviço, porque ele é pedreiro também, né. Ele faz as coisas dele, uma hora ele está vendendo verdura outra hora ele está catando material reciclável, outra hora ele está trabalhando de pedreiro. É o que vem na frente quando está precisando enfrenta.

Entrevistadoras: Seus pais também não chegaram a prestar esse tipo de trabalho?

ARBX: Não, meu pai era funcionário público e a minha mãe, de vez em quando trabalhava de doméstica, mas a maioria do tempo era só do lar mesmo.

Entrevistadoras: E da época da escola? Você falou que frequentou até a quarta série.

ARBX: Olha, na escola, também não tinha inimigos; às vezes alguma briguinha assim. Mas coisa de criança pequena, né, mas onde eu fui sempre fui muito querida, muito bem inserida.

Entrevistadoras: Você gostava da escola, de estudar?

ARBX: Gostava, gostava muito da escola e queria ter tido a oportunidade para estudar firme, sabe, até fazer uma faculdade [e] terminar tudo. Porque o sonho que eu tinha mesmo era ser uma juíza, uma aeromoça ou uma médica, até mesmo uma policial militar. Mas nenhum dos meus sonhos foi concretizado, porque eram bastante irmãos. Então, os que eram mais velhos tinham que começar a trabalhar muito cedo para ajudar os pais a cuidar dos outros irmãos, porque as necessidades eram grandes. Você vê, 11 irmãos não era brincadeira para os

pais cuidarem. E os irmãos mais velhos se casavam e muito cedo saíam de casa. E os pais coitados ficavam a vê navios, né. Então, eu tinha muita dó dos meus pais, então comecei a trabalhar muito cedo. Às vezes, a minha mãe colocava a gente para trabalhar para vizinhos pobres, igual a gente. Só pra gente ir aprendendo, para gente ingressar no meio de trabalho.

Entrevistadoras: Você começou a trabalhar com que idade?

ARBX: Com 7 anos eu já deixava a cozinha limpinha para minha mãe antes de ir para a escola. Sete horas da manhã entrava na aula e já tinha que a cozinha está limpinha para ela. Era muita criança para cuidar. Era muito serviço na casa para fazer. Mas, para gente aprender ela já começava a colocar desde cedo. Aquela época que eu deixava a cozinha pra ela limpinha, não tinha negócio de fogão a gás, torneirinha não. Era bacia, fogão de lenha, inclusive até hoje eu adoro cozinhar em fogão de lenha. Eu só não faço isso porque eu moro em casa alugada e é ruim para você fazer, né. Mas, se for por mim mesmo eu só cozinho em fogão de lenha.

Entrevistadoras: Você gostava da escola, mas teve que sair por causa do trabalho?

ARBX: É, por causa do trabalho!

Entrevistadoras: E hoje em dia você está separada, mas qual foi o motivo que levou à separação?

ARBX: Olha, eu nunca fui uma pessoa ciumenta assim na vida, mas teve uma época, menina, que me bateu um ciúme tão grande do meu marido, sabe aquele ciúme assim que parece que você vai ficar louca. Aí você já viu, né, mulher enciumada e ferida vira um trem, né. Aí eu brigava muito com meu marido: brigava cedo, brigava na hora do almoço e brigava de tarde. Coitadinho, né, não aguentou. [Risos.] E onde eu trabalhava – eu trabalhei no Clube São Paulo quase 12 anos – tinham umas donas lá, igual umas donas que tem aqui na cooperativa, né. E todos os homens que entravam lá no clube elas já atacavam igual aqui. Já fazia tempo que meu marido trabalhava lá. Elas já tinham revirado tudo que tinham que revirar;

aí partiram para o lado do veinho, né. [Risos.] Mas é aquele negócio assim, sabe, se insinuando. Aquelas brincadeiras sem graça falando palavrões. Não é uma coisa assim que você pega, uma coisa concreta, mas começou a fazer desavença na casa da gente. E um pouco também por causa de família, porque eu ajudava muito os irmãos, sobrinhos, né. Então, foi um pouquinho de cada coisa, porque a gente era para viver muito bem, porque ele trabalhava e eu sempre trabalhei, né. A gente era já para ter uma casa própria, ou um carro até mais ou menos, para passear. Assim, uma situação de vida melhor, mas de tanto ajudar parente a gente não tem nada até hoje, nem ele tem nada nem eu.

Entrevistadoras: Vocês ficaram quanto tempo juntos?

ARBX: Quase vinte anos. Hoje ele está sozinho, eu também estou sozinha. Nem ele arruma ninguém, nem eu arrumo ninguém. Mas não é coisa combinada, né. Não é!

Entrevistadoras: Vocês não têm nenhum contato?

ARBX: Não! É coisa dele lá mesmo, e da minha parte é por mim mesma, entendeu, porque a gente sendo evangélica, enquanto seu marido é vivo, você não pode ter ninguém pela palavra de Deus, né. Só se você se divorciar por um motivo que Deus permite, né, aí você pode até se casar de novo. Sabe, meu jeito de pensar eu prefiro ficar sozinha, porque hoje tá muito difícil você arrumar companheiro, companheiro mesmo, porque eu se falar para vocês que meu marido era ruim, não era! Era uma ótima pessoa.

Entrevistadoras: Nunca teve nenhum problema?

ARBX: Não, ele é uma ótima pessoa. Um homem muito recatado, um homem que não tem vícios. A única coisa que ele gosta um pouco é de jogar uma marra, um baralho, mas assim porque não tem outra diversão, que ele não gosta de outra diversão tipo ir a uma festa na cidade, ou aquela aglomeração de pessoas ele não gosta. Então, é por esses motivos assim que a gente se separou, mas a gente tem amizade, conversamos pouco, porque nós somos de pouca conversa. Mas ele é uma ótima pessoa, eu

não posso falar mal dele de maneira nenhuma, sempre foi muito bom marido. Tirando essas picuinhas, isso é uma picuinha, em vista de tanta coisa na vida que a gente vê.

Entrevistadoras: Em relação aos seus filhos, como foi a experiência de ter sido mãe?

ARBX: Foi um pouco difícil, um pouco difícil porque a gente trabalha fora, os filhos ficam meio à vontade, cheios de liberdades, né. Aí você está trabalhando e você fala para o filho: “Ô, fica dentro de casa, não sai para a rua, você não acompanha ninguém”, só que quando você vira as costas é bem diferente, né. Quando eram menorzinhos atendiam, ficavam uma belezinha; mas vão crescendo e vão começando a ter liberdade [ininteligível]. Aí, às vezes, ficavam na rua o dia inteiro brincando. Quando eu chegava do serviço, ficavam quietinho lá dentro como se não tivesse saído de casa, mas a gente, como não é boba, né? Quando era solteira trabalhava muito para ajudar os pais, depois que casei fiquei só um tempo em casa, depois precisei sair também para ajudar o marido, porque a situação financeira de uma pessoa sem muitos recursos é difícil hoje, né. Então, três filhos também não é muito fácil para uma pessoa só sustentar e se a gente quer dá uma coisinha melhor para eles tem que batalhar, né. E os dois irmãos, quando cresceram um pouquinho, eles brigavam muito porque um deles é muito nervoso, muito irritado, o outro é mais tranquilo. Ele não gosta de briga. Agora o outro não. Falou alguma coisa errada para ele já é uma tempestade. Então, eles não se davam, assim, muito por causa disso. Até pouco tempo atrás ainda eles ficavam se espinhando, sabe. Daí eu falei para eles que a maior felicidade da minha vida não é vê eles com carro, com casa e com um monte de dinheiro, que isso, que aquilo, e nem eu. A minha felicidade maior é, que um dia que Deus recolher a gente, vê eles unidos e se entendendo, né, porque são irmãos e não podem brigar [o tempo todo]. Mas, graças a Deus, de uns tempos para cá eles estão se dando muito bem.

Entrevistadoras: E eles frequentaram a escola?

ARBX: Frequentaram. O mais velho fez até a quarta série incompleta, se eu bem me lembro foi incompleta. O do meio fez até a sétima série, mas incompleta. A menina mais nova, fez até a oitava série, mas não completou.

Entrevistadoras: Eles foram trabalhar também?

ARBX: É, eles foram trabalhar! Daí, queria tanto vê eles estudar. Não gostam da escola, os meninos não gostam da escola. A menina gostava um pouquinho, mas igual eu gostava da escola eles não gostam não!

Entrevistadoras: E hoje em dia você mora na sua casa, sozinha?

ARBX: Não, eu moro em casa alugada sozinha, só eu mesmo. Os filhos moram perto, mas cada um na sua casa, né.

Entrevistadoras: E você já teve algum problema sério de saúde?

ARBX: Olha, graças a Deus até agora não. Há poucos dias eu fui ao médico. Aí os resultados deram artrite, tendinite, sabe! Mas, o médico disse que era por causa [de] esforço físico demais. Mas, até então, outras doenças, assim, graças a Deus nenhuma.

Entrevistadoras: Quais foram os tipos de trabalhos que você teve antes de entrar aqui na cooperativa?

ARBX: Já trabalhei de empregada doméstica, já trabalhei na roça, já trabalhei em granja, já trabalhei em clube de piscina. Já trabalhei de montar bijuteria. Já fiz muita coisa!

Entrevistadoras: Nunca tinha trabalhado com catação e coleta?

ARBX: Não... Não! De catadora é a primeira vez que trabalho!

Entrevistadoras: Nem conhecia ninguém?

ARBX: Conhecia, sim! Porque meu menino desde moleque pequeno catava na reciclagem e ele gostava. Até hoje ele gosta. De vez em quando ele pega o carrinho dele e sai para catar.

Entrevistadoras: Como você conheceu a cooperativa?

ARBX: Olha, no Clube São Paulo eu pedi para ser ornada [demitida] e ir embora. Fazia tempo já que eu estava reclamando, insistindo para eles me mandar embora. Aí um dia a presidente me mandou embora. Eu já estava cansada de trabalhar aos domingos, em festa lá à noite, sabe. Eu já estava muito cansada.

Aí ela mandou eu embora e eu fiquei um ano parada. Depois, eu tinha, na minha casa, ainda um filho e uma neta que eu criava, e ajudava [a] cuidar de uma irmã e dois sobrinhos. Aí depois eu falei assim: “Não, tenho que começar a trabalhar”. Já descansei um pouco e o dinheirinho que se pega não vai durar a vida inteira, né. Eu fiquei sabendo por outros colegas da cooperativa. Vim aqui e fiz um currículo e logo entrei. Eu vim em um dia e no outro dia já mandaram vir fazer o teste. Vim e fiz o teste. Acho que eles gostaram e eu fiquei.

Entrevistadoras: Você começou trabalhando onde na cooperativa?

ARBX: Eu comecei trabalhando na coleta seletiva, mas eu ficava na esteira também. Ao mesmo tempo ficava nos dois, sabe. Ia para a coleta e depois que chegava da coleta subia para a esteira.

Entrevistadoras: Você tinha intenção de ficar aqui na cooperativa?

ARBX: Intenção não tinha não. Falei. É só até arrumar alguma coisa. Mas só que sai hoje, sai amanhã e sai depois. E estou aqui já há quatro anos. E outra coisa também, eu já fui chamada bastante para trabalhar de empregada doméstica. Já fui chamada de volta lá no Clube São Paulo, mas eu não quis ir. Por enquanto eu vou [ficar aqui] mesmo. Porque aqui, tem algumas coisas que a gente acha que é injusto, que é ruim, mas em todo lugar na vida tem alguma coisa que não é favorável que a gente gostaria que fosse; mas eu gosto de trabalhar aqui! Pelo menos no sábado, se você trabalha, vamos supor até as duas horas ou até as cinco, aí você vai embora para casa descansar. No domingo, você não vem trabalhar, não é igual a muitos lugares que você tem que trabalhar sábado, tem que trabalhar domingo e tem que trabalhar de noite. Você tem seus horários para ficar em casa, mas é aquele negócio que se é assim direto você vai enjoando, né.

Entrevistadoras: Então, você veio trabalhar aqui mais por motivo de necessidade?

ARBX: De necessidade!

Entrevistadoras: Mas você tinha algum pensamento sobre a cooperativa, sobre a atividade de catação?

ARBX: Não. Para mim, a cooperativa era como se fosse uma firma, entendeu? Depois, ao longo dos dias eu fui observando, fui vendo que as coisas são diferentes de uma firma, mas eu me adaptei bem. Às vezes a gente acha ruim os horários, um pouco que eles fazem assim, né. Porque eles puxam muito, né, mas a gente fica porque a gente está vendo que tem necessidade de ficar pelo trabalho, né. Porque se não tiver em dia isso, de onde a gente vai tirar nossa retirada, não tem como, né!

Entrevistadoras: Você acha que é um trabalho valorizado?

ARBX: Não é. Ele é mais valorizado eu acho, pela observação que eu faço pelas pessoas que estão de fora do que pelas pessoas que estão aqui dentro, da diretoria. Eu acho que é mais valorizado por quem está lá fora olhando e colaborando com a gente e separando o material reciclável, do que as pessoas próprias ali de dentro. Eu acho que as pessoas ali de dentro não dão muito valor às pessoas que estão aí trabalhando, suando e lutando. É como se fosse assim, no meu modo de vê e pensar é, tipo assim, quando você olha na pessoa parece que vê a pessoa pensando assim: “Eu venho aqui não faço nada, ando pra lá e pra cá o dia inteiro, passeio pra lá e pra cá o dia inteiro, deixa os trouxa trabalhar aí para mim ganhar”. É tipo assim o que você sente, né.

Entrevistadoras: Quais foram as contribuições para a sua vida trabalhar aqui na cooperativa?

ARBX: Olha, é assim... Todo trabalho que eu tive geralmente foi assim, sempre uma união de pessoas, assim, um grupo de pessoas; a maioria dos trabalhos que tive. Então a gente já pega a experiência de como se trabalha bem e você se entende com todo mundo, todas as pessoas. Porque você trabalhar sozinho em um lugar é uma coisa, você trabalhar com um grupo de pessoas é diferente, você tem que ter um comportamento diferente, porque se você não tiver um comportamento diferente você não se dá com ninguém, você briga com todo mundo, você arruma inimizade com todas as pessoas. Então, você tem que saber levar aquela situação de se trabalhar com um grupo de pessoas.

Então, como eu já trabalhava com um grupo de pessoas muito antes da cooperativa, eu já sei mais ou menos lidar com essa parte, né. Eu, graças a Deus, pelo menos que eu saiba, pode ser que tenha algum outro que não vai muito com o jeito da gente, mas isso aí é normal, né, mas pelo menos que a gente saiba, eu não tenho inimigo nenhum.

Entrevistadoras: É mais uma ligação de trabalho?

ARBX: É mais uma ligação de trabalho! Pra mim é uma ligação de trabalho.

Entrevistadoras: E fora daqui?

ARBX: Fora daqui a gente, às vezes, se encontra, se cumprimenta. Mas assim de contato, de ir à casa da gente, está no meio de festa, essas coisas não. Não, porque eu não gosto.

Entrevistadoras: E o que você faz de atividade de lazer, quando não está trabalhando?

ARBX: Lazer nenhum, porque eu vou lavar roupa, limpar a casa. Quando você vê já passou o resto do sábado e do domingo. Aí já volta segunda-feira no trabalho de novo.

Entrevistadoras: E a igreja?

ARBX: A igreja eu vou aos sábados, porque eu chego mais cedo, aí dá tempo de eu ir, no meio da semana não dá tempo de ir mais.

Entrevistadoras: Você tem algum sonho que ainda queira realizar?

ARBX: O meu sonho mesmo era poder voltar a estudar e ter uma profissão boa, mas dependendo do trabalho que a gente arruma não tem mais condição que você vê a hora que sai daqui, como que você vai estudar? E outra coisa, você sai daqui, tem dia que você vai menos cansada, mas tem dia que você sai daqui até com o fôlego meio difícil de respirar, pelo cansaço. Então, você não vai ter coragem mais de chegar em casa tomar um banho rapidinho e ir para escola.

Entrevistadoras: Qual a importância sobre o trabalho de vocês em relação à preservação do meio ambiente?

ARBX: Olha, eu como sempre na minha vida desde criança, eu gosto muito da natureza. Então, eu procuro não estragar nada

que é da natureza. Nada. Nem arrancar uma folha de uma árvore, tenho dó, porque, às vezes, você para, você olha quanta coisa bonita Deus fez, o povo está destruindo tudo. É tão gostoso quando está aquele calorzão, aquele sol quente sentar debaixo da sombra de uma árvore, a coisa mais gostosa do mundo, não é? Eu gosto muito da natureza, animais, aves, tudo que envolve a natureza eu gosto.

Entrevistadoras: E esse trabalho que a gente está fazendo de entrevistar vocês, você acha que tem alguma importância?

ARBX: Mas vocês entrevistam nós a fim do quê? Para analisar o modo das pessoas viverem?

Entrevistadoras: Como falei no começo, é mais para constituir uma memória de vocês, mostrar o trabalho de vocês para todo mundo.

ARBX: Para as pessoas saberem?

Entrevistadoras: A nossa professora quer fazer um livro sobre a memória de quem trabalha aqui e, com isso, divulgar cada vez mais lá fora o trabalho de vocês.

ARBX: Eu acho importante o trabalho de vocês. Assim, a entrevista, porque através do livro as pessoas vão se conscientizando do que as outras pessoas que não têm estudo, não têm condição financeira boa, não têm estrutura educacional avançada, né, vão sabendo o que essas pessoas passam, né.

Entrevistadoras: Acho que é só isso. Agradecemos muito.

ARBX: Eu que agradeço, porque é bom conversar, a gente quase não conversa. Às vezes, a gente vai conversar assim até se emociona por algumas coisas que a gente lembra. Eu sinto tantas saudades dos meus pais [com voz trêmula, parece emocionada].

Entrevistadoras: O tempo passa, né. A gente não para pra pensar, né?

ARBX: Não!

2º relato: Aparecida Pedro da Silva

Data da entrevista: 22/6/2011

Transcrição: Ana Carolina Elisio Hengles

Entrevistadoras: Bom. A data que você ingressou aqui na cooperativa foi...?

APS: Bom... Nós entramos aqui em 2003.

Entrevistadoras: 2003.

APS: É... foi o começo da coleta.

Entrevistadoras: Seu nome completo?

APS: Aparecida Pedro da Silva.

Entrevistadoras: Tem algum apelido?

APS: Veinha. [Risos.]

Entrevistadoras: Veinha? [Risos.] E... cor ou raça que você se considera?

APS: No registro tá pardo.

Entrevistadoras: Estado civil?

APS: Solteira.

Entrevistadoras: Tem filhos?

APS: Sim. Três filhos.

Entrevistadoras: Três filhos... E... você é daqui de Assis mesmo?

APS: Não, sou de Echaporã.

Entrevistadoras: Echaporã?

APS: É... minha família mora tudo lá.

Entrevistadoras: Nasceu em Echaporã?

APS: Não. Eu nasci em Paraguaçu.

Entrevistadoras: Ah, tá...

APS: Depois meu pai mudou pra lá.

Entrevistadoras: E... endereço atual?

[...]

APS: Vila Ribeiro.

Entrevistadoras: Estudou?

APS: Não.

Entrevistadoras: Não. Tem alguma religião?

APS: Católica.

Entrevistadoras: Católica?

APS: Católica que quase não vai a igreja, né? [Risos.]

Entrevistadoras: E o tipo de trabalho atual que você faz aqui na cooperativa?

APS: O que eu faço? Bom... A gente coleta na rua...

Entrevistadoras: Coleta...

APS: Faz a coleta, depois vem almoçar e vai separar material. Serviço geral, né? Faz tudo. [Risos.]

Entrevistadoras: E você, antes de trabalhar aqui, trabalhou com qual tipo de serviço?

APS: Olha... Quando eu morava em Echaporã, eu trabalhava na roça, com café... Voava o café, derriçava o café, voava o café, fazia tudo o que tinha e um pouco mais. Depois, meu marido de lá, ele vinha aqui trabalhar na feira. Aí a gente mudou pra cá e continuamos trabalhando na feira. Trabalhamos uns quinze anos na feira. Depois, não deu mais. Entrou o Plano Real, aí não deu pra trabalhar mais na feira. Aí eu trabalhei uns dias numa horta comunitária, da Promoção Social, aí um dia eu encontrei a moça que trabalhava na cooperativa, né... Que era lá em cima, no barracão, só tinha uma meia dúzia de gente trabalhando. Aí eu conversei com ela, ela falou, fui lá. Conversei com a Ana, aí entrei. Eu catava na rua, antes de entrar aqui eu catava na rua e entregava lá. Aí, depois abriu aqui e aí tô até hoje.

Entrevistadoras: Você morou e nasceu em Paraguaçu?

APS: Isso...

Entrevistadoras: Mudou para Echaporã...

APS: Lá eu me criei.

Entrevistadoras: Criou lá...

APS: É...

Entrevistadoras: Até qual idade você morou lá?

APS: Até 21 anos.

Entrevistadoras: Até 21 anos? Ah... [risos] Morou bastante tempo...

APS: Bastante...

Entrevistadoras: E como foi essa época, lá em Echaporã? Como foi morar lá?

APS: Ah, lá era... difícil, né... Porque lá não tem trabalho. O trabalho é só braçal, né... Então, a gente trabalhava lá, aí depois uns tempos a gente foi pra São Paulo. Toda a família foi pra São Paulo, aí depois meu irmão teve um acidente. Aí minha mãe não quis ficar lá mais. Nós voltamos de novo; aí depois de lá eu arumei uma pessoa, nós fomos morar junto. Aí viemos pra cá...

Entrevistadoras: Vieram para Assis...

APS: Tá com... Vinte e cinco anos que nós tá aqui...

Entrevistadoras: Ah... Tá... Então atualmente você tem um... um...

APS: Tenho.

Entrevistadoras: A relação de vocês, é boa?

APS: É boa!

Entrevistadoras: Boa?

APS: É... [Risos.]

Entrevistadoras: Ele trabalha, também?

APS: Trabalha...

Entrevistadoras: ... aqui?

APS: Não.

Entrevistadoras: Não?

APS: Ele trabalha em outra coisa.

Entrevistadoras: Então, você mudou de Echaporã pra cá por uma questão do trabalho?

APS: É, do trabalho, porque eu trabalhava lá na roça, né, e ele vinha fazer feira, né. E ele vinha sozinho, então não dava conta. Ele falou: "Vamo mudar pra lá, que daí nós dois vamo trabalhá, né...". Daí ficou nós dois trabalhando na feira, quando não deu mais, aí nós paramos.

Entrevistadoras: Mas você começou a trabalhar desde criança?

APS: Desde criança, desde os 7 anos.

Entrevistadoras: Desde os 7 anos?

APS: Desde os 7 anos.

Entrevistadoras: Na roça mesmo?

APS: Na roça mesmo. Eu não aguentava com a enxada, então a gente ia, arrancava mato do pé de feijão, do amendoim, com a mão e ia tocar as galinhas para não comer a flor do feijão...

Fazia alguma coisa, né...

Entrevistadoras: Então, foi uma infância...

APS: Né que não teve nem infância, né...

Entrevistadoras: Não teve... Foi mais...

APS: Antigamente...

Entrevistadoras: De trabalho, né...

APS: É, as pessoas trabalhavam muito novas, né... A maioria, né...

Entrevistadoras: E... E você foi criada pelos seus pais...?

APS: Fui.

Entrevistadoras: Pai e mãe?

APS: Pelos meus pais. Pai e mãe. Eles morreram faz pouco tempo.

Entrevistadoras: E o que é que você pode contar pra gente dessa relação com o seu pai e com a sua mãe? A convivência...

APS: Ah, era boa, né... Aquele tempo lá, a gente obedecia o pai, a mãe. Não fazia o que faz hoje, né... [Risos.] Foi bom! Deu educação, né. O que eu sei hoje, devo a eles... Era bom...

Entrevistadoras: E você teve quantos irmãos?

APS: Dez irmãos. Dez.

Entrevistadoras: Dez irmãos... Homens? Homens e mulheres?

APS: É... Sete homens, três mulher.

Entrevistadoras: Sete homens, três mulher... E... vocês têm contato até hoje?

APS: Tem...

Entrevistadoras: Eles moram onde?

APS: Eles moram em Echaporã.

Entrevistadoras: Echaporã...

APS: É... tem contato. Tenho um filho meu, casado que mora em Marília. A outra casou agora há pouco tempo e mora lá no Santa Amélia e a outra tá comigo. Que é a Daniela, que trabalha ali.

Entrevistadoras: Ah!

APS: É...

Entrevistadoras: A Daniela! Seus irmãos, algum já trabalhou como catador também?

APS: Não, não.

Entrevistadoras: Não.

APS: Só eu. [Risos.]

Entrevistadoras: Então, você veio pra cá trabalhar na feira...

APS: É.

Entrevistadoras: Junto com o seu parceiro...

APS: Isso.

Entrevistadoras: E aí você conheceu a cooperativa através de uma amiga...

APS: Conheci a cooperativa... Isso.

Entrevistadoras: E aí como é que foi? Você já veio pra cá, começou...

APS: Não. Primeiro foi catar na rua, né... A gente catava na rua porque não tinha aqui esse espaço ainda. A gente catava na rua e entregava lá no outro barracão. E recebia por aquilo que se catava na rua, né... Depois, quando abriu aqui a cooperativa é que a gente veio todo mundo pra cá.

Entrevistadoras: E como que foi esse período da cooperativa assim, que você estava entrando, foi também o período que estava começando, né...

APS: Estava começando. Foi um pouco difícil.

Entrevistadoras: Foi difícil?

APS: Foi difícil...

Entrevistadoras: Não tinha apoio?

APS: Não tinha apoio nenhum, era só nós. Teve meses a gente recebia, assim, quarenta real... A gente pagava NPS ou a gente optava pagar o NPS ou receber aquele dinheiro, né... Então, a gente deixava o NPS pra receber porque como ia trabalhar o mês inteiro e não receber nada? Depois que fez isso com a venda, aí melhorou bastante.

Entrevistadoras: E o que te fez continuar na cooperativa tendo essas dificuldades, recebendo pouco?

APS: Porque outros serviços não tinham. Trabalhar de empregada a gente já quase não aguentava, né, que tem lugar que o serviço

é pesado, né. Aqui tem muito serviço pesado, mas tem muito serviço leve que você pode fazer e o pesado outra pessoa fazer, né. Então, tem muita coisa que você pode fazer pela idade sua.

Entrevistadoras: Uhum... É... Bom... Então, você falou que tem três filhos e como foi essa experiência de ser mãe?

APS: Foi boa, né... [Risos.]

Entrevistadoras: Eram planejados os filhos ou aconteceu?

APS: Era não... Planejados.

Entrevistadoras: E a sua relação com as suas filhas é...?

APS: Boa... Ótima... É... Não dão trabalho, não têm vício nenhum, graças a Deus.

Entrevistadoras: Uhum... E elas frequentaram a escola?

APS: Frequentou. Uma no final estava fazendo terceira série e já arrumou um namorado, não queria ir na escola mais, aí saiu, entendeu? Então, ela não completou pra tirar...

Entrevistadoras: Mas as outras duas...?

APS: A Daniela fez tudo certinho, agora tá na faculdade. O outro estudou também...

Entrevistadoras: Essa questão do estudo, você pensa que é importante para os seus filhos?

APS: É importante, né, porque a gente com o estudo, se eu tivesse estudo acho que não tava assim nesse serviço, né... Podia estar em outra coisa, né... Fazer outra coisa mais leve, sei lá... Naquele tempo a gente não tinha oportunidade de estudar, né... Porque tinha que ajudar os pai a criar os filhos, né, que era bastante... então, tinha que ajudar. Hoje em dia não. Quem não estuda é porque não quer estudar, né... Quem estudava tinha que andar muito longe, ir a pé, né... Hoje em dia não. Tem escola na porta, tem ônibus que leva.

Entrevistadoras: Tinha muita dificuldade naquele tempo, né...?

APS: É. Naquele tempo era difícil

Entrevistadoras: E a sua casa hoje, você paga aluguel? É casa própria?

APS: Não, não. Graças a Deus tenho o meu cantinho, não é boa, é um rancho, mas é meu, né... [Risos.]

Entrevistadoras: E moram com você e seu marido?

APS: ... Meu marido e minha filha.

Entrevistadoras: E sua filha... E já teve algum problema sério de saúde, algum...?

APS: Não. Graças a Deus não.

Entrevistadoras: Quando você chegou aqui na cooperativa você tinha intenção de ficar?

APS: Não. Pensei que eu não fosse ficar muito tempo, não. [Risos.]
Aí, com o passar do tempo fui ficando, estudo aqui até hoje.
[Risos.] Tem que fazer as coisas tudo certinho, né, porque tem as pessoa que toma conta, né... E olha as pessoa. Então, quando vê que não dá, aí dispensa, né... Mas até hoje acho que eu fiz tudo certinho. [Risos.]

Entrevistadoras: Então, no começo vocês catavam na rua e iam para o barracão...

APS: Isso, isso.

Entrevistadoras: E daí depois vocês mudaram para cá?

APS: É, depois mudou pra cá.

Entrevistadoras: Você tinha alguma ideia sobre a atividade de ca-
tação?

APS: Não.

Entrevistadoras: Antes de entrar aqui, você não conhecia?

APS: Não conhecia. Nem sabia como que era isso. Depois que a gente foi ver nos outros, fazer para aprender, né...

Entrevistadoras: E no início, quando começou, você acha que era um trabalho discriminado?

APS: Era. Nossa... Primeiro nós sofriamos, hein!

Entrevistadoras: Como que é essa diferença de quando você co-
meçou e agora?

APS: Ah, agora a gente já é bem reconhecido, as pessoas não mal-
trata a gente, porque antes maltratava, né... Achavam que a
gente era mendigo, que a gente ia bater nas portas pra pegar
material. Hoje em dia não, as pessoas tratam a gente bem. Tem
aqueles que... tem dia que tá de mau humor, né, então...
[Risos.] Mas a maioria trata a gente superbem.

Entrevistadoras: Esse momento que começaram a tratar vocês melhor foi... quando? Faz tempo já que vem tendo esse reconhecimento?

APS: Isso que tratava a gente assim meio mal é só no começo sabe, depois quando foi fazendo projeto eles viram que a gente... né, então melhorou bastante.

Entrevistadoras: Entendi... E o que a cooperativa trouxe para sua vida de importante, tanto de dinheiro, quanto de profissão?

APS: Ah, trouxe tudo de bom. Porque trabalhando aqui você sabe que chegar no fim do mês você tem dinheiro pra receber, pra pagar suas coisa, né. Então, você chega no fim do mês você paga suas conta, você fica animada para trabalhar. Só de saber você vai levantar cedo, ter um trabalho, ter um lugar para você ir já é importante.

Entrevistadoras: E você pode descrever o seu dia a dia aqui dentro da cooperativa? Como que é?

APS: Bom... Aqui, que nem hoje que é feriado, a gente fica tudo aqui dentro. Um vai pra esteira, o outro vai fazer limpeza, o outro vai procurar pet com as meninas, pensar, cada um tem uma atividade.

Entrevistadoras: E você, todos os dias você vai para coleta na rua?

APS: Todos...

Entrevistadoras: Aí volta, separa o material...?

APS: Isso... Quando a gente não vai separar, um vai fazer limpeza, outro vai fazer a... Tem latinha pra limpar, põe uma turma pra limpar latinha, uma procura pet, outra pra pensar papelão... Cada um tem uma atividade pra fazer.

Entrevistadoras: É... Nessa questão de tá ajudando a limpar a cidade, você acha que tem um papel importante para ajudar o meio ambiente?

APS: Eu acho que tem. Porque já pensou todo isso que nós pegamos se fosse para o meio ambiente? Para o lixo?

Entrevistadoras: Essa consciência de ver que é importante limpar o meio ambiente, ajudar a tirar o lixo você criou aqui na cooperativa?

APS: Aqui.

Entrevistadoras: Você fez algum curso de capacitação?

APS: Bom, a gente fez bastante curso, né... A gente vai na UNESP, tem a Ana Maria, o cara lá da equipe, que faz uns cursos com a gente, então a gente aprende bastante.

Entrevistadoras: Mudando um pouquinho do assunto de trabalho, o que você pode dizer das amizades aqui na cooperativa? As amizades daqui vão para sua vida fora daqui ou é uma ligação de trabalho mesmo?

APS: Não, muitas vão, porque aqui a gente é uma família, né... Tem gente que vai em casa, às vezes vai só dormir, né... No outro dia tá todo mundo aqui, então tem que ter uma amizade legal, né... Eu até hoje não tenho inimizade com ninguém. Todo mundo são legais. Sempre tem uns que são de mau humor, né, mas...

Entrevistadoras: E as pessoas daqui sabem que você tá desde a fundação? E elas têm respeito por isso, ou não?

APS: Têm. A maioria sabe. Só um grupo novo que tá fazendo teste agora que não sabe, né... Mas a maioria sabe. E o das pessoas mais velhas que estão aqui acho que só eu, a Vilma e o Claudineis e a dona Sônia, lá do barracão. Os outros vieram depois, sabe. Já saiu bastante gente e entrou bastante.

Entrevistadoras: E... E para você tem importância estar aqui até hoje, ter visto essa evolução da cooperativa?

APS: Tem. Nossa... legal. [Risos.]

Entrevistadoras: E atividade de lazer? Você tem alguma?

APS: Não... [Risos.] Lazer é só aqui mesmo. [Risos.] Está aqui.

Entrevistadoras: E a religião, você frequenta alguma Igreja?

APS: Muito difícil. [Risos.] Eu acredito em Deus, né... E religião todo mundo tem, né, mas frequentar fica difícil, né... Seguir aquela religião.

Entrevistadoras: E você tem algum sonho, algum objetivo que ainda pretende cumprir?

APS: Acho que agora não. [Risos.] Agora tenho que só trabalhar.

Entrevistadoras: Já teve algum sonho?

APS: É, sonho a gente sempre tem. Mas agora só trabalhar, né. Pedir a Deus para dar saúde, trabalhar, né... Vê os netinhos... [Risos.]

Entrevistadoras: Você chegou a visitar a exposição de fotos que teve lá na UNESP?

APS: Não, acho que eu não fui lá, não. Vi umas fotos que a Ana tem no álbum. Ela mostrou para a gente.

Entrevistadoras: Você acha que é importante você estar falando aqui para a gente o que foi essa experiência na cooperativa?

APS: É, porque se a gente não falar ninguém vai saber, né... Ninguém vai ficar sabendo. Quanto tempo a gente está aqui, se entrou hoje, se entrou ontem. Se está aqui todo esse tempo é porque é bom, né... Se não fosse bom não estava.

Entrevistadoras: Bom, dona Cida, acho que é isso... [Risos.]

* * *

3º relato: Creuza Soares Cardoso

Data da primeira entrevista: 12/2010

Transcrição: Pedro Henrique Victorasso

Entrevistador: Fale um pouco da sua infância, como foi?

CSC: Bom, eu com 2 anos de idade, meu pai se separou da minha mãe. Ficou minha mãe e mais sete filhos. Com 12 anos eu saí da escola para trabalhar de babá, pois não consegui estudar e trabalhar, então, saí da escola. Trabalhei para ajudar em casa.

Entrevistador: Teve algum outro trabalho?

CSC: Sempre trabalhei de doméstica.

Entrevistador: E o estudo parou por aí?

CSC: Sim, parou por aí.

Entrevistador: Sobre o contato com os seus pais?

CSC: Com o meu pai eu não tive contato nenhum. Eu fui ter contato com meu pai com 23 anos, quando eu estava grávida da minha primeira menina.

Entrevistador: E sua mãe?

CSC: Minha mãe já morreu, sempre morei com ela e nós nunca tivemos contato com meu pai.

Entrevistador: Há alguma passagem de sua vida que queira falar?

CSC: Eu não tive história interessante na minha vida não, estou tendo agora.

Entrevistador: Como você disse antes que gosta de dançar. As festas são com o pessoal da cooperativa ou da família?

CSC: Depois que eu conheci o pessoal da cooperativa, as festas são sempre com eles, sempre tem algum deles envolvido.

Entrevistador: E você tem algum sonho para o futuro, um objetivo?

CSC: Meu objetivo é criar meus filhos, ter minha casa própria, esse é meu objetivo.

Entrevistador: E a vida profissional depois da cooperativa? Como você separa o antes e o depois?

CSC: A minha vida antes? Eu comecei trabalhar muito nova, depois, com 21 anos eu casei, casei assim... Fui morar junto. Aí, durante os doze anos de convivência com o pai das minhas meninas, eu não tive uma experiência muito boa, sofri muito. É por isso que eu falo para você que eu comecei viver agora. Após eu ter terminado meu relacionamento com ele, já faz cinco anos, aí eu entrei na cooperativa.

Entrevistador: Você conheceu a cooperativa como?

CSC: Eu conheci a cooperativa através de uma amiga minha, a Noêmia. Ela veio aqui fazer uma fichinha, preencher um currículo e me chamou para vir junto. Mas eu não me interessava nem um pouco, falei para ela que ia apenas de companhia. Quando eu cheguei aqui [cooperativa] a Sandra, que era diretora, e eu já conhecia ela há muito tempo, porque ela foi vizinha da minha mãe, ela insistiu para eu fazer uma fichinha, eu fiz só por fazer, mas o trabalho não me interessava nem um pouco. No mesmo dia, à noite, ela ligou para a Noêmia avisando que se a gente quisesse podíamos começar no outro dia. Aí, como eu estava morando na casa da minha irmã, com duas crianças, eu resolvi começar.

Entrevistador: Você começou na rua ou no Parque?

CSC: Na rua, na época, só tinha coleta seletiva. No dia a dia eu fui conhecendo a cooperativa, através de reuniões eu fui me interessando. Eu ia viajar para fora, escutava as palestras, assim eu vi que a cooperativa não era só aquele mundinho que eu imaginava: ir para a rua coletar e voltar para cá. Nas reuniões que eu participava que eu vi o tamanho que era a cooperativa.

Entrevistador: Como são essas viagens? Vocês se divertem, passeiam?

CSC: Não, as viagens mais é trabalho mesmo. Você tem que participar das atividades, anotar tudo que é falado, tudo que se passa lá você tem que chegar aqui e passar para os demais. Se não fica aquele clima de que a pessoa foi viajar, foi passear e não é passeio. Tudo que eu aprendi hoje foi através de viagens, reuniões, então, pra mim, o que eu aprendi lá fora através desses encontros, eu não só chego aqui e tento passar falando, como tento passar no meu dia a dia, fazendo o que eu aprendi, porque não adianta você só falar e guardar para você, então, você tem que passar para os outros no dia a dia do trabalho.

* * *

Data da segunda entrevista: 22/6/2011

(Creuza Soares Cardoso)

Transcrição: Ana Carolina de Almeida Piccinin e
Emily Yaeko Oka

Entrevistadoras: Quando você entrou na cooperativa?

CSC: Em 2006.

Entrevistadoras: Seu nome completo?

CSC: Creuza Soares Cardoso.

Entrevistadoras: Você tem algum apelido aqui?

CSC: A maioria aqui me chama de Tia.

Entrevistadoras: Qual a cor ou raça que você se considera?

CSC: Eu não sei o que eu considero... no registro está cor parda, eu não sei aonde eles arrumaram isso. Ou é preto ou é branco, não é verdade? Não existe parda.

Entrevistadoras: Seu estado civil?

CSC: Solteira.

Entrevistadoras: Você tem filhos?

CSC: Duas.

Entrevistadoras: Você é de Assis mesmo?

CSC: Sou.

Entrevistadoras: Até que série você estudou?

CSC: Até a sétima.

Entrevistadoras: Você tem alguma religião?

CSC: É... católica.

Entrevistadoras: Que tipo de trabalho você faz aqui na cooperativa?

CSC: Sou diretora, primeira secretária.

Entrevistadoras: Que tipo de trabalho anterior que você já teve?

CSC: Eu sempre trabalhei de doméstica.

Entrevistadoras: Então, você sempre morou em Assis. Em qual bairro?

CSC: Sempre morei na Vila Nova Florínea.

Entrevistadoras: É o mesmo bairro onde você mora ainda hoje?

CSC: Isso.

Entrevistadoras: Como era esse lugar? Como foi morar nesse lugar desde sua infância? Como que foi sua infância, lá?

CSC: Ah... foi bom. Eu morei na rua Ivaí, quando eu nasci. Na época, minha mãe pagava aluguel numa casa enorme de tábua que ela dividia com minha tia. Aí, quando eu tinha 7 anos, a gente mudou de lá, porque a Prefeitura comprou o espaço para construir a escola "José Augusto Ribeiro". Aí, a gente teve que mudar de lá. A minha mãe, na época, não podia pagar aluguel, porque meu pai largou da minha mãe. Eu tinha 6 anos e ela tinha oito filhos pequenos. Na época, não tinha para onde a gente ir. Construíram a escola com a gente lá dentro. Então, a gente para ir à escola, já estava na escola, praticamente.

Entrevistadoras: A escola já estava sendo construída e vocês lá?

CSC: E nós morando lá. Aí inaugurou a escola e a gente morando lá ainda. Comia sopa da escola e tudo.

Entrevistadoras: E o pai de suas filhas hoje, convive com elas? Vai visitá-las? Tem contato ou não?

CSC: Ele vai visitar elas e elas visitam ele. Faz seis anos que a gente se separou e vou falar para você que, hoje, a gente tem uma relação que se eu tivesse essa relação no passado com ele, quando eu morava com ele, que a gente tem hoje eu não teria largado dele, porque é melhor você criar os filhos junto com o pai. Mas a gente tem uma relação superboa, com as crianças, tanto eu como ele.

Entrevistadoras: Não deu certo mesmo a convivência?

CSC: Não, não deu certo a convivência, junto.

Entrevistadoras: E, hoje em dia, moram você e suas filhas?

CSC: Mora eu e minhas duas filhas.

Entrevistadoras: E sua mãe... morreu?

CSC: Minha mãe faleceu... Minha mãe nem conheceu elas. Minha mãe morreu em 94.

Entrevistadoras: E você já teve, Creuza, algum problema de saúde?

CSC: Não, graças a Deus não, nem eu, nem elas.

Entrevistadoras: Você começou a trabalhar de doméstica, mas como você chegou aqui na cooperativa?

CSC: Ah! tá. Eu cheguei na cooperativa, assim. Quando eu separei do pai das minhas filhas eu tive que ir embora para Marília, para a casa de uma amiga minha, que trabalha aqui hoje comigo, a Noêmia. Mudei para lá. Se eu ficasse aqui, a gente ia voltar com certeza; eu estava decidida a dá um rumo pra minha vida. Aí, eu fui pra casa dela e fiquei quatro meses lá. Em Marília, o mercado de trabalho é muito escasso e de doméstica as vagas que tinham, também, já estavam tudo ocupadas. Aí, eu e ela, fomos vender saquinho de lixo na rua para pagar o aluguel. Eu tinha as duas meninas e ela estava com uma filha dela lá. Então, para gente pagar aluguel e manter a casa, a gente sai

para vender saquinho de lixo na rua. Era dois reais, cada um. Com o que a gente fazia, dava para pagar o aluguel e para sobreviver. E tinha a ajuda também da Igreja. A Igreja dava uma cesta básica por mês pra gente. A gente não podia ficar o resto da vida vendendo saquinho de lixo, porque só ganhava dinheiro no começo do mês, do dia 5 até o dia 15; depois do dia 15 em diante já não dava mais nada. A gente resolveu ir embora para cá. Vendemos as coisas que tínhamos lá. Ela foi morar na casa da irmã dela, e eu fui pra casa da minha irmã. Aí, eu cheguei aqui arrumei um serviço de faxina, por três vezes por semana, porque eu morando com minha irmã, teria que ajudar ela, com duas crianças ainda. [Minha amiga] foi lá em casa e falou para mim: “Creuza, amanhã eu vou à cooperativa fazer uma ficha, para vê se eu consigo entrar lá. Vamos comigo?”. Aí eu vim com ela, mas eu vim só de companhia com ela. Porque eu não me via trabalhando aqui.

Entrevistadoras: Você já conhecia a cooperativa ou escutava falar?

CSC: Não, não conhecia.

Entrevistadoras: Ela já tinha escutado falar?

CSC: A gente só sabia no início das reuniões que tinham no barracão, quando iniciou. Até tinha uma amiga minha, lá do Jardim Eldorado, que sempre falava pra mim. Na época eu morava com o pai das minhas filhas. Ela falava pra mim assim: “Creuza, vai lá no barracão, aí você arruma um serviço lá na cooperativa”. Só que eu não sabia que ela tinha mudado para cá, para usina. E, na época, a Sandra era a diretora da cooperativa, e eu conhecia a Sandra fazia muito tempo, que ela morava perto da casa da minha mãe. Aí ela falou: “Você não quer deixar seu nome?”. Eu falei: “Eu deixo meu nome”. Aí, no mesmo dia – nós viemos na parte da manhã –, à tarde, ela me ligou que era para comparecermos aqui no outro dia, se a gente quisesse trabalhar. Aí, eu com a Noêmia a gente até brincava. Eu falava assim: “Aí, Noêmia, empurrar carrinho na rua, catar material reciclável na rua, Noêmia”. Só que eu não imaginava que era esse processo todo, que o pessoal ia para a rua, unifor-

mizado e batia de porta em porta e que tinha aquele respeito da população; eu não imaginava isso. Eu falei: “Noêmia, seja que Deus quiser, vamos”. Quando foi no outro dia, a gente chegou aqui tinha 32 pessoas. Eu comecei em junho de 2006. Aí, eu cheguei aqui eles me deram um jaleco e um para ela, eu falei: “Vamos, vamos”. A gente sempre tinha um dilema, assim, a gente não pode esquecer que a gente tá precisando [risos], aí nós fomos. Aí, quando eu cheguei lá, eu fui trabalhar com a dona Sônia. A dona Sônia é catadora que está aqui desde o início da cooperativa. Eu fui trabalhar com ela, isso foi terça-feira. Quando eu cheguei lá, que eu vi que não era nada daquilo que estava imaginando [que era] para empurrar o carrinho na rua, pegar reciclável na rua. Eu imaginava, assim, que eu ia catar aquele carrinho, sair na rua, ia abrir saco de lixo, ia pegar o reciclável e jogar dentro do carrinho. Quando eu cheguei lá que eu vi que o processo era completamente diferente – para mim, catadora o povo sempre taxa de vagabundo, de lixo, eu tinha essa noção de lixeiro – eu me surpreendi. Eu vi que não era nada daquilo que eu estava pensando. Dali em diante, quando eu participei da primeira reunião que foi em Ourinhos que era a reunião do Comitê Oeste Paulista, aí é que eu fui entender realmente o que era cooperativa. Daí eu realmente caí em si, que eu estava fazendo um trabalho digno, que eu estava prestando praticamente um favor para a população, que eu não estava fazendo nenhuma coisa feia, que eu imaginava, a gente tinha todo aquele respeito da população, de bater na porta, a pessoa chamar a gente para dentro, dá um café, essas coisas não existe. Qualquer catador autônomo aí na rua não existe isso. Agora, você chega lá com uniforme da cooperativa, bonitinho, o pessoal te respeita. Então, a partir dessa primeira reunião eu aprendi a gostar do que eu fazia. Nunca fui catadora, nunca catei na rua, e hoje eu posso dizer para você que eu sou uma catadora, que a gente não nasce catadora, a gente é catadora a partir do momento que está cumprindo a função de catadora, e hoje eu posso afirmar para você que eu sou

uma catadora, e gosto do que eu faço, e com orgulho. Às vezes, você vai passar pelo médico – aconteceu comigo no médico –, na Santa Casa, para fazer a fichinha lá, na hora de pegar o prontuário a moça perguntar assim: “Você trabalha aonde? – Eu trabalho na cooperativa. – Aonde fica? – Bom, a sede fica lá na Maré de Vitor, mas, atualmente, a gente está trabalhando lá na Usina de Reciclagem. – Então é serviço geral? – Não, [risos] é catador de material reciclável”. Não cai a ficha da pessoa. Para ela, não existe essa profissão. Aí, falo: “Moça, eu sou catadora de materiais reciclável, pode escrever aí. Que hoje não é uma profissão, mas é uma ocupação, então, pode colocar aí”. Qualquer lugar que você chega, hoje, você fala e o pessoal já vai escrever. Mas foi difícil eles entender que catador de material reciclável é uma ocupação.

Entrevistadoras: Como foi, Creuza, esse processo de você ter começado aqui na cooperativa, na coleta e ter chegado, hoje, à diretoria e ser a primeira secretária?

CSC: Então, foi um processo de construção do espaço da gente. Eu cheguei aqui em 2006, fui para a rua, para a coleta seletiva. Na época, a coordenadora era a Maria Galdino e dona Cida, as duas faziam parte na diretoria. Aí, em 2007, quando a gente firmou convênio com a Prefeitura e começou a triar o lixo, a gente teve que chamar mais quarenta pessoas para dentro do quarto da cooperativa, que na época era 32. Tinha que chamar mais quarenta pessoas para fazer a triagem do lixo. Todas as sexta e sábado a gente fazia um teste com esse pessoal. Eles vinham, faziam a ficha na quinta-feira, a gente conversava e se reunia ali na escolinha; eles faziam o teste sexta e sábado. Aí, a gente ia vendo quem pegou o jeito, para começar na segunda. E, para fazer essa avaliação, ficou da coleta seletiva: eu e Sandra que fazia parte da diretoria, que era a primeira secretária, a outra Sandra que trabalhava na coleta seletiva e a Raquel Mangueira que trabalha na coleta, também. Então, a gente teve que ficar na esteira para ensinar o pessoal que estava chegando. Aí,

através disso eu passei a coordenar a esteira, eu era coordenadora da esteira, eu e a Sandra, começamos a coordenar a esteira. Na época de coordenação veio junto comigo a Noêmia e a Solange que também ajudavam na coordenação. Então, de trabalhar de coordenadora, passar a primeira secretária-diretora, foi aquilo que eu te falei no início. É aprender a gostar do que você faz aqui na cooperativa, dá andamento ao trabalho e ter um bom diálogo com os operadores. Eu acho que foi através disso daí que eu me tornei primeira secretária-diretora, porque tudo vai da iniciativa da pessoa. Se eu entrasse aqui na cooperativa e eu fizesse corpo mole, em tudo que eu estava fazendo, os próprios coordenadores que estão ali para avaliar, avaliasse que eu não estava sendo uma boa cooperada, sei lá, eu não seria diretora. É muita responsabilidade. Eu acho que você tem que gostar realmente do que você está fazendo e entender o que você está fazendo na cooperativa.

Entrevistadoras: Isso gera um reconhecimento?

CSC: Isso gera reconhecimento, isso demanda o trabalho, você puxa o trabalho, e saber que é dali, que é daquela pet, daquela latinha, daquele papel que você está deixando passar e ir embora, que é dali que você está tirando sua retirada, que você está tirando seu sustento. Porque, enquanto você não aprender que você está tirando seu sustento dali, você não vai dar valor ao que você faz. É tão simples você chegar aqui na cooperativa às sete e meia da manhã, pelo simples fato de chegar aqui, e ir embora seis horas da tarde e seu dia está ganho. Tem que chegar aqui sabendo o que você veio fazer aqui; que é nosso isso aqui. Você tem que entender que seu sustento você vai tirando do material que você vai buscar na rua. Então, foi tudo uma construção para mim. Até chegar à diretoria.

Entrevistadoras: Faz quanto tempo que você está na direção?

CSC: Faz três anos. Até já venceu e vai ter novas eleições.

Entrevistadoras: Na sua época teve eleição, então?

CSC: Teve eleição em 2008, foi onde eu entrei.

Entrevistadoras: Os cursos e treinamentos de capacitação que vocês fazem são somente para o pessoal da diretoria ou são para todos os cooperados?

CSC: Olha, é assim, quando eu entrei a gente fazia uma capacitação, conforme ia chegando pessoal novo, a gente dividiu o grupo. Vamos supor que dava trinta pessoas, a gente dividiu o grupo em quinze, e esses quinze iam no sábado para a UNESP fazer a capacitação. Você chega aqui, sem saber o que é uma cooperativa, igual – o meu caso – que cheguei aqui pensando completamente diferente. Então, outras pessoas também. Às vezes, chega aqui pensando que veio para cá pelo simples fato de pagamento no final do mês. Então, esse processo de capacitação, ele vinha acontecendo dessa forma. Tinha trinta pessoas que eram divididas em grupo de quinze pessoas a ir num sábado para a UNESP. Depois, as outras quinze iam no outro sábado. É uma capacitação para ajudar os que chegaram. O que é trabalhar em conjunto. A gente sempre vai está ali junto, e saber que você não está fazendo nem mais nem menos que eu. Saber que a gente trabalhando em conjunto é tudo nosso, que tudo é dividido em partes iguais. Então, a capacitação, ela acontece com todos.

Entrevistadoras: Essa capacitação é importante para criar esse vínculo com a cooperativa, para criar uma consciência na pessoa, não?

CSC: Isso, saber realmente o que é a cooperativa, saber realmente o que que a pessoa está fazendo aqui. E tem também os cursos de liderança, que a gente faz, que só diretor não dá conta de demandar tudo. Então, quando tem esses cursos, eles são separados. Tem o curso de capacitação que é para capacitar as pessoas e tem os cursos de liderança, onde vai toda a diretoria, o conselho fiscal e todos os coordenadores. Aí, sim. Mas a capacitação tem, sim.

Entrevistadoras: E o que vocês aprendem nesses cursos de liderança? É mais questão de mexer com conta?

CSC: Tudo. Sobre como mexer com as coisas burocráticas, sobre a demanda do trabalho, sobre vendas, tudo a gente aprende. Ou seja, como ser um líder no grupo.

Entrevistadoras: Para você, como mulher, o que significa estar hoje num papel importante na cooperativa, de primeira secretária, tem algum significado especial?

CSC: Não sei. Eu acho que não, por eu estar à frente da direção. Porque você está na diretoria não quer dizer que você é maior que eu, não quer dizer eu sou mais do que o meu amigo do lado. Não sou mais que ninguém. Continuo sendo catadora, apenas eu só estou dando continuidade. Aliás, eu estou de coordenadora, primeira-diretora, eu só estou coordenando o grupo inteiro, entendeu? A demanda de trabalho, às vezes, sobrecarrega a gente. Então, o trabalho só aumentou para mim. Então, eu acho que eu continuo ainda dentro do projeto da cooperativa com mais responsabilidade. Ser diretora ou ir para a rua empurrar carrinho não mudou nada, continuo catadora. Se for preciso ir para a esteira, subo para a esteira. Se for preciso ir para a rua, vou para a rua. Então, não mudou nada não, é mais responsabilidade.

Entrevistadoras: E isso não causa problema com os homens? Não tem alguma diferenciação?

CSC: Não, nenhuma. Que aquilo que eu te falei, isso daí a gente vai construindo, e a gente aqui é tipo um olheiro. Você vai olhando, você sabe quando a pessoa está evoluindo. Nossa! Vamos investir naquela pessoa que está aqui dentro, que está sabendo o que quer e está gostando do projeto. Então, vai dar resultado, vai dar continuidade.

Entrevistadoras: Hoje, fazendo um balanço, quais são as contribuições econômicas e profissionais para você, depois de sua vinda para a cooperativa?

CSC: No profissional, eu adquiri muito conhecimento. Hoje, em qualquer lugar que eu chego, através da cooperativa, as portas estão abertas. Antigamente, eu chegava no banco, imagina que

eu ia conseguir falar com o gerente rapidinho, nunca. Hoje não, hoje, a gente tem acesso. Vai à Prefeitura e quer falar com fulano de tal e já fala. Se chego no banco e eu preciso resolver isso aqui com urgência você é bem atendida, tudo através e mérito da cooperativa, não eu Creuza. Isso aí é mérito da cooperativa. Então, o que mudou foi isso. Agora, no econômico...

Entrevistadoras: No econômico, você tem uma vida um pouco mais tranquila, hoje, com suas filhas, do que na época em que você estava com seu marido e, depois, quando foi mudar para Marília?

CSC: Não. Hoje eu tenho uma vida mais tranquila, porque eu aprendi a adquirir responsabilidade. Do mesmo jeito que eu tenho responsabilidade de está à frente da diretoria, que não é fácil administrar para ninguém, então, da mesma forma que administro aqui eu tenho que saber administrar em casa. Então, o que eu ganho aqui hoje, eu não gasto mais do que eu ganho. Então, eu acho que mudou essa parte, que adquirir muita responsabilidade.

Entrevistadoras: A cooperativa tem essa função, também, de limpar a cidade, isso contribui para o meio ambiente, para criar a consciência nas pessoas de que elas precisam separar o lixo. Você tinha essa consciência em relação ao meio ambiente ou você criou essa consciência aqui?

CSC: Eu criei essa consciência aqui. A partir do momento que eu entrei. Até minha filha, hoje, reclama, que às vezes eu estou na rua, aí eu vejo a latinha eu vou lá cato e levo embora. No meu bairro tem coleta seletiva, daí acho na rua levo embora; aí, ela adolescente fala: “Ai, mãe, pelo amor de Deus, esquece a cooperativa por um dia”. Então, você cria o hábito, que não tinha essa consciência, não.

Entrevistadoras: Qual a importância desse trabalho para a cidade?

CSC: É muito importante, a gente está colaborando com o meio ambiente, a cidade mais limpa. Acho que o trabalho da gente é muito importante, muito importante mesmo.

Entrevistadoras: Como é a contribuição da população daqui da cidade de Assis, a maioria separa o lixo?

CSC: A gente tem uma boa adesão de coleta seletiva, a maioria separa.

Entrevistadoras: Mudando um pouco de assunto de trabalho, você tem amizades aqui na cooperativa e leva para sua vida fora daqui ou é mais uma relação de trabalho mesmo?

CSC: Algumas amizades eu continuo lá fora; outras, é mais dentro do trabalho. Tem os amigos que você convida no final de semana, que vai para sua casa e tem uns que não, é mais a convivência aqui mesmo na cooperativa.

Entrevistadoras: Qual é sua atividade de lazer?

CSC: É dançar bastante. Adoro dançar. [Risos.]

Entrevistadoras: E, geralmente, é com algumas pessoas daqui, que você tem mais relação? Vocês fazem um churrasco?

CSC: Sim, um churrasco com muita cerveja e muito forró. [Risos.]

Entrevistadoras: Sobre a religião, você disse que é católica. Essa religião tem um papel importante na sua vida?

CSC: Ah! Eu descarto. Eu não me vejo mudando de religião, não.

Entrevistadoras: Você frequenta igreja?

CSC: Frequento. Minha mãe sempre foi católica, minha família é toda católica. Então, não tenho nada contra outra religião. Já fui a outras igrejas. Mas, descarto essa hipótese de não ser católica. Não tenho nada contra outra religião, não.

Entrevistadoras: Você chegou a ir só por ir ou você chegou a frequentar alguma outra?

CSC: Não, eu fui só por ir mesmo. Por um convite de outras pessoas. Porque eu acho que Deus é um só.

Entrevistadoras: A gente gostaria de saber se você tem algum sonho, algum objetivo para o futuro?

CSC: Meu sonho é que minhas filhas terminem os estudos, que eu possa pagar uma boa faculdade para elas no futuro; ter tudo aquilo que eu não tive; e dar uma casa para elas. Isso é tudo o que eu quero, dar uma casa para elas. [Risos.] Não aguento

mais pagar aluguel e não quero que elas [continuem pagando aluguel]. Meu sonho é esse, não é muito. Quem está empenhado alcança sim.

Entrevistadoras: Você chegou a visitar a exposição de fotos que teve na UNESP?

CSC: Não. Eu ajudei na separação das fotos, no reconhecimento das pessoas, que de 2006 para cá eu conhecia todos, que para guardar nome na memória é comigo mesmo. Se você perguntar o nome de todo mundo aqui eu sei, nome e sobrenome de todos. Então, na época, o Pedro que vinha no reconhecimento, de 2006 para cá era eu que fazia o reconhecimento. Aí, o pessoal de 2005 até 2003 era o Claudineis, a Solange, que já estava aqui desde o início, ou a dona Sônia. Eu fiz com ele, e não cheguei a ver, não. Até a última foto a gente tirou aqui, com a turma inteira de 2006, e outra ali, foi a última que eu mandei para ele.

Entrevistadoras: O que você acha desse trabalho? Você acha que tem alguma importância em registrar, guardar as fotos, gravar as entrevistas com vocês?

CSC: Tem bastante, que futuramente vocês vão mostrar para os nossos filhos.

Entrevistadoras: Até porque, esta entrevista tem o objetivo de ser feito um livro sobre a memória de vocês. E um *site* também. Acho que é isso.

CSC: Eu não sou muito falante também. Eu sou boa na prática.

* * *

4º relato: Laureci Florentino Franco

Data da entrevista: 10/12/2011

Transcrição: Ana Carolina Elisio Hengles

Entrevistadoras: Então, Laureci, você sempre morou aqui em Assis?

LFF: É... Eu sempre morei aqui em Assis.

Entrevistadoras: Qual era o bairro?

LFF: Ah, eu sempre morei ali na Vila Souza.

Entrevistadoras: Vila Souza. E como era esse bairro?

LFF: Ali... [Pausa.]

Entrevistadoras: Se você não quiser responder a gente pode...

Desconhecido: Ela foi muito sofrida, né... Então ela... Igual aquele dia que eu estava conversando com vocês. Ela foi muito sofrida.

LFF: Ali eu perdi meu pai. [Pausa.]

Desconhecido: Não precisa apavorar não, Laureci. Fala com calma.

Entrevistadoras: É, pode ter calma.

Desconhecido: Pode chorar porque a gente também... né.

Entrevistadoras: Porque a gente se emociona, né...

Desconhecido: A gente é assim... Sempre quando lembra dos pais, né.

Entrevistadoras: É claro. Na nossa vida, a gente sempre acaba lembrando de muita coisa, não?

LFF: Eu comecei a morar ali, né. Eu morava na Vila Operária. Então, comecei a morar ali, eu tinha 16 anos. Não foi um lugar bom. Porque tem muitas lembranças, né. Então ali perdi meu pai. Ele saiu para trabalhar – estava trabalhando numa firma – e, à tarde, vieram com a notícia que ele morreu afogado. Então, eu era a segunda. Quando ele morreu, meu irmão estava com três meses de nascido. Então, aí comecei trabalhar na roça, no corte de cana e tudo que era serviço de roça de boia-fria para ajudar minha mãe. Porque éramos seis irmãos. Então, nós começamos trabalhar na roça para ajudar, né. Então, minha vida foi essa.

Entrevistadoras: E aí você parou a escola?

LFF: Precisei parar a escola, porque todos chegavam tarde da roça.

Então, aí precisei abandonar o estudo.

Entrevistadoras: E da escola, o que é que você lembra?

LFF: Ah, na escola foi uma época boa, né...

Entrevistadoras: Você gostava de estudar...

LFF: Gostava... Eu gostava.

Entrevistadoras: Tirava boas notas?

LFF: Tirava. Eu gostava de ir à escola estudar. Só que não teve como eu continuar o estudo, né.

Entrevistadoras: E seus irmãos, eles moram aqui em Assis?

LFF: Moram.

Entrevistadoras: Você ainda tem contato?

LFF: Tenho, lá mesmo no quintal da minha mãe. Porque minha mãe tem 74 anos. Então, lá mora meu irmão, no fundo da casa da minha mãe e minha irmã. E tem o meu irmão caçula que é esse que ficou com três meses. Ele mora lá em Tatuí. Casou e foi morar para lá. E tem um que faleceu também, meu irmão. Vai fazer dois anos agora dia 4 de março do ano que vem. Vai fazer dois anos.

Entrevistadoras: E eles chegaram a frequentar a escola ou não?

LFF: Frequentaram também. Só que tiveram que abandonar o estudo.

Entrevistadoras: Todos foram trabalhar?

LFF: Todo mundo.

Desconhecido: Naquela época, era mais difícil para a gente estudar, né.

LFF: Era muito difícil, né.

Desconhecido: Não é igual hoje, que tem Bolsa Escola.

LFF: Não. Hoje tem tudo, né, praticamente, né.

Desconhecido: Tem sempre ajuda para a família, né, de alguma maneira. Naquela época, não tinha, né. Era só os pais mesmos, né.

Entrevistadoras: E sua ligação com seus irmãos?

LFF: Sempre foi tudo bem. Até hoje.

Entrevistadoras: Você chegou a se casar no papel?

LFF: Casei. Com 21 anos eu casei, no papel, né. Aí fiquei casada vinte anos. Tive quatro filhos. A mais velha está com 30 anos e a caçula está com 25 anos. Mora comigo.

Entrevistadoras: As duas moram com você?

LFF: Não. Só essa que tem 25 anos que é solteira e que mora comigo. Agora os outros são tudo casado. A mais velha tem 30 anos.

Entrevistadoras: E como foi a experiência de ter sido mãe, na época?

LFF: Na época, já estava acostumada, né. Cuidar dos irmãos, né.

Não achei que foi difícil não, né.

Desconhecido: Não tinha muita diferença, não é, Laureci?

LFF: Não. Não tem diferença.

Entrevistadoras: Você disse que todos foram trabalhar na roça. Al-
gum de seus irmãos chegou a trabalhar com catação?

LFF: Não.

Entrevistadoras: Não. Nem você antes daqui, não é?

LFF: Não, não.

Entrevistadoras: Você trabalhou como boia-fria e com o que mais?

LFF: Na lavoura de tomate, né, colher tomate; carpir soja, né, cortar
cana, esses serviço assim de roça, né.

Entrevistadoras: E seus filhos, frequentaram a escola?

LFF: Não. Tem a que estudou e parou na sétima série. A mais
velha também. Todo ano comprava o material. E eles não qui-
seram estudar. Falava: “Mais tarde vocês vão sofrer, né, igual
eu sofri”. Ah, ninguém quis ir estudar.

Entrevistadoras: E eles, então, trabalharam desde cedo também ou
não?

LFF: Não. É, porque depois casou, né.

Entrevistadoras: Você já é avó?

LFF: Sou. Tenho oito netos. A mais velha está com 14 anos, e a
mais nova está com um ano e oito meses.

Entrevistadoras: Então, da sua família, a única pessoa que trabalha
aqui na cooperativa é você?

LFF: É. Sou eu.

Entrevistadoras: Você já teve algum problema de saúde, ou não?

LFF: Não, não. Problema de saúde, não. Já tive pressão alta, né. Já
fiquei nervosa. Então, já tomei calmante, né. Mas aí eu resolvi
parar, eu mesma. Era muito nervoso que eu passava. O pai das
meninas também bebia. Foi difícil.

Entrevistadoras: Vocês se separaram?

LFF: É, separei. Estava fazendo vinte anos de casada e eu resolvi
me separar porque as crianças estavam grandinhas, né. Daí eu
falei: “Ah não, chega dessa vida”. E eu sempre trabalhei.

Entrevistadoras: E, hoje em dia, a casa que você mora com a sua filha é casa própria?

LFF: Eu morava pagando aluguel. Morei um bom tempo com a minha mãe também no quintal da minha mãe, em dois cômodos, parede e meia com ela. Aí saí e fui pagar aluguel, né. E aí agora eu ganhei a casinha, né, ali. Então, agora eu estou ali. Pago cinquenta reais por mês, né. Pagava 150 de aluguel. Então, eu estou ali. Acho que deve ter uns cinco meses que estou ali.

Entrevistadoras: E aí você conheceu a cooperativa como?

LFF: Eu via as meninas na rua empurrando o carrinho, né. E aí um dia eu conversando com ela, né, ela falou: “Ah, vai lá, né. Faz uma ficha lá, né”. Aí, peguei e vim.

Entrevistadoras: Na época você estava sem trabalhar?

LFF: Eu estava desempregada, né. Fiquei um ano desempregada. Antes eu estava cuidando de uma senhora, né. Mas aí ela faleceu e eu fiquei desempregada. Então, aí eu vim, fiz a ficha, e uns quinze dias eles chamaram eu. Aí, eu estou até hoje, né.

Entrevistadoras: Mas quando você veio, tinha intenção de ficar aqui? Era só temporário?

LFF: Não, eu precisava trabalhar. Eu falei: “Bom, eu já enfrentei tanto serviço, né, então eu vou, né...”, que eu já sabia mais ou menos como era o assunto. Antes, eu estava catando, assim, com o meu irmão, mas de bicicleta, assim, né... De noite, assim, né. Mas eu vi que não dava nada. Parei também. Mas no começo eu desanimei. Mas falei: “Não, eu tenho que ficar porque a gente precisa, né”. Aí eu fiquei.

Entrevistadoras: E foi mais por um motivo de dinheiro mesmo?

Desconhecido: De necessidade.

Entrevistadoras: De necessidade?

LFF: Quando eu entrei, era bem pouco o salário. Era pouquinho de tudo mesmo. Parece que o primeiro mês foi setenta reais na época. Tem até o holerite lá em casa, né. Aí eu falei “Ah, será que eu vou ficar?”, mas aí eu falei: “Não, vai melhorar”, né. E melhorou, né.

Entrevistadoras: E você entrou fazendo a coleta?

LFF: Eu entrei fazendo a coleta, né. Só que ajudei no lixo, né. Passar o lixo igual agora, né, nós estamos ajudando, né. Tinha o lixo que nós tínhamos que passar também, né. Mas aí eu entrei para coleta na rua.

Entrevistadoras: E hoje você faz o que aqui na cooperativa? Faz qual função?

LFF: Ah, hoje a gente faz tudo, né. De tudo a gente faz um pouco, né. Se precisar, chama, vai ali, a gente vai, né.

Entrevistadoras: Faz a coleta, ajuda na esteira?

LFF: Faz a coleta também. Ajuda na esteira, amarra os jornais, quando precisa, né. Ah, a gente faz tudo, né.

Entrevistadoras: Você pensava alguma coisa da atividade de catção? Achava que era um trabalho valorizado ou não?

LFF: Ah, é um trabalho valorizado porque é uma coisa assim, né, que você faz aquilo que tem que fazer, não é mesmo? Então, a gente tem que ter valor, né, porque a gente faz um serviço que não é fácil. A gente tem que ser valorizado.

Entrevistadoras: Tem a questão do meio ambiente também.

Desconhecido: Os catadores precisam ser mais valorizados, e mais remunerados.

Desconhecido: Porque é muito sacrificado.

LFF: Sacrificado é, mesmo.

Desconhecido: Porque não tem um horário específico para você sair.

Só tem de entrar, né. E o horário de almoço também da gente está muito ruim, muito ruim. Então, você sobrecarrega, tem cansaço. Nossa, tem dia que chego em casa não tenho coragem nem para jantar. Só tomar banho, porque também não dá para dormir sujo.

LFF: É cansativo, né.

Entrevistadoras: Você acha que a cooperativa trouxe algum benefício financeiro para sua vida? Você conseguiu ter alguma coisa através desse trabalho aqui na cooperativa ou não?

Desconhecido: O que você ganha deu para você progredir, por exemplo, comprar um carro, uma casa, uma coisa assim, do seu sonho, uma coisa que você queria...

LFF: Não. Ainda, né...

Desconhecido: É, porque o sonho mesmo meu verdadeiro era estudar. Porque vou falar para você, o que eu tenho uma inveja assim de ver o povo estudando, tendo uma profissão boa e tudo mais. Mas é uma inveja, assim, boa, sabe, não é aquela coisa assim “Ai, eu não fui eu não quero que você seja”, mas aí, depois disso aí, né, vem casa própria, né.

LFF: É...

Desconhecido: Pode ter um carro, né. Mas o que eu queria mesmo era ter estudado, porque depois do estudo então vem o retorno, né, das coisas que você precisa, né, do que você sonha... Paciência...

LFF: Eu sonhava de ter minha casinha, né. Graças a Deus, eu consegui. Então, para mim já está bom. Agora as outras coisas vêm depois, né.

Desconhecido: Eu queria poder ter tempo assim, de pelo menos de voltar a estudar já é difícil, né, mas pelo menos para fazer algum curso assim precisa ter tempo, né.

Entrevistadoras: E as amizades aqui na cooperativa? São amizades mesmo ou são somente colegas de trabalho?

LFF: Não, é amizade mesmo, né, porque a gente, às vezes, tem aqui dentro e lá fora é a mesma coisa, né.

Desconhecido: A gente aprende muito a conviver, né.

LFF: Não tenho que reclamar de ninguém. A gente tem amizade com todas elas.

Desconhecido: Você sabe que o ambiente que trabalha muitas pessoas, a gente aprende e ensina muita coisa. E aprende muito a conviver com todos os tipos de pessoas. Porque você tem que aprender.

Entrevistadoras: Você tem que conviver?

LFF: É. Às vezes, mas a gente tem que ir levando, né.

Desconhecido: Você aprende a ter mais paciência, mais tolerância.

Entrevistadoras: É verdade... E você tem alguma atividade de lazer? O que é que você gosta de fazer nas horas que não está aqui na cooperativa e não está trabalhando?

LFF: O único lugar que eu vou mesmo é lá na minha mãe. Fico o final de semana assim, fico o resto da tarde lá, com ela, com a família.

Entrevistadoras: E você tem ainda algum sonho, algum objetivo para o futuro?

LFF: Ah, eu tenho né, mas... [Pausa.]

Entrevistadoras: E, por fim, a gente só queria perguntar se você acha que tem alguma importância esse trabalho que a gente está fazendo de vir conversar com vocês para saber da vida de vocês, do trabalho de vocês. Você acha que tem alguma importância?

LFF: A importância, assim, se a gente vai assim, tá gastando assim, é isso que você quer dizer?

Entrevistadoras: Não, é se você acha que tem algum valor?

Desconhecido: Você acha que o trabalho delas é importante, assim, pra...

LFF: É importante.

Desconhecido: ... Porque muitas pessoas vão saber disso aí, não sabe quem é a pessoa, mas vai saber da entrevista que vocês estão fazendo, né.

LFF: É... É importante sim.

Desconhecido: Daí vai saber como que é a vida das pessoas de classe baixa, como que vivem, as necessidades que passam. Daí o povo que tem mais poder vai ter mais consciência de poder fazer alguma coisa por essas pessoas, né. Eu acho que é importante.

LFF: É bom. Importante sim.

Desconhecido: Aí sanciona leis lá que pode ser favorável às pessoas de classe mais baixa. Mais projetos, né, para ajudar as pessoas que mais precisam, que nem agora o pessoal que o governo do Estado ajuda os jovens com o Bolsa Família, Bolsa Escola lá que eles fazem, né. Já é uma ajuda para a família, né. Para poder quem tem interesse em estudar, fazer alguma coisa, melhorar de situação, né.

Entrevistadoras: Mas, era isso, então. Obrigada, Laureci.

LFF: Por nada.

* * *

5º relato: Maria Emília Mendes da Silva

Data da entrevista: 22/6/2011

Transcrição: Ana Carolina de Almeida Piccinin e
Emily Yaeko Oka

Entrevistadoras: Data de ingresso na cooperativa, Maria?

MEMS: Eu entrei aqui em 2008.

Entrevistadoras: Tem algum apelido aqui?

MEMS: Tonhão.

[...]

Entrevistadoras: Você se considera de que cor, raça?

MEMS: No meu registro está branca, né, branca.

Entrevistadoras: Estado civil?

MEMS: Solteira.

Entrevistadoras: Tem filhos?

MEMS: Não, não.

Entrevistadoras: É de Assis mesmo?

MEMS: Não, sou pernambucana.

Entrevistadoras: Seu endereço aqui em Assis?

[...]

Entrevistadoras: Estudou até que série?

MEMS: Eu estudei muito pouco, até a segunda série.

Entrevistadoras: Tem alguma religião?

MEMS: Católica.

Entrevistadoras: Que tipo de trabalho você desempenha aqui?

MEMS: Atual? Bom, aqui eu trabalho em várias funções. Eu trabalhava na prensa e na [...] coleta. Eu trabalhava no caminhão do mercado, porque na prensa me machuquei, agora estou aqui dentro.

Entrevistadoras: E antes de trabalhar aqui na cooperativa?

MEMS: Antes eu era cozinheira.

Entrevistadoras: Agora a gente vai fazer mais umas perguntinhas.

Você veio de Pernambuco. Morava onde lá?

MEMS: Lá eu morava em Olinda.

Entrevistadoras: Você mudou para cá com que idade?

MEMS: Mudei com 21 anos. Não vim direto para cá, vim para Sorocaba. De Sorocaba eu vim para cá. Está com sete anos que eu moro aqui.

Entrevistadoras: Sete anos que você tá aqui em Assis...

MEMS: Aqui em Assis eu não tive opção de serviço em lugar nenhum, porque não tenho conhecimento, entendeu?

Entrevistadoras: E por que você veio de lá para cá, o que aconteceu?

MEMS: Vim por desilusão de família. Perdi meus pais. Os irmãos, cada um foi para um canto. Por causa de herança.

Entrevistadoras: Brigaram?

MEMS: Eles sabiam que eu era adotada e a mãe deles me criou, né? O nosso pai era o mesmo, mas a mãe deles me criou.

Entrevistadoras: Ah! E você descobriu isso com qual idade?

MEMS: Eu vim descobrir eu estava com 23 anos.

Entrevistadoras: E aí foi quando você mudou?

MEMS: Quando eu perdi meus pais aí eu vim embora, com 21 anos. Aí eu conversei com o meu tio e ele falou que eu era só filha do meu pai, do irmão dele, né?

Entrevistadoras: E aí você escolheu vir para Assis?

MEMS: Aí eu vim embora, aí trabalhei em Sorocaba, seis anos em cozinha industrial, aí vim aqui para Assis e resolvi ficar. E não tive opção de serviço, vim achar aqui na cooperativa.

Entrevistadoras: Em Assis você só trabalhou aqui?

MEMS: Só trabalhei aqui.

Entrevistadoras: Você foi criada pelo seu pai e sua mãe. Como era essa relação?

MEMS: Não conheci minha mãe biológica. Minha mãe é bem de vida. Cheguei a ver, mas não quis falar. Foi a primeira vez que eu fui covarde na minha vida.

Entrevistadoras: Mas essa ligação com seus pais era boa?

MEMS: Não, com meus pais era bom, apesar da ignorância, como criou a gente, tanto eu como meus irmãos. Foi difícil, mas tinha uma relação boa com eles. Agora os irmãos já... [pausa]

inclusive eu desfiz de tudo que tinha, para dá para eles, aí vim embora. Porque a briga deles era por causa de sítio, de fazenda que meu pai deixou, entendeu? E como a mãe deles me criou, então quando meu pai faleceu, eles falaram que a parte do pai acabou. Aí eu vim embora e resolvi ficar aqui. Aqui só tem eu e Deus e os poucos amigos que eu fiz aqui dentro da cooperativa, né? Porque aqui dá pra contar nos dedos as pessoas que você têm que ter uma afinidade e saber separar as coisas em termos de amizade, de trabalho, você entendeu? Porque quando a gente afina demais é que estão lhe apadrinhando. As coisas não são bem assim, entendeu? Um cabecinha meio ignorantes. Apesar de não ter leitura, o que aprendi muito foi com o mundo. Então, mesmo eu não tendo leitura, eu consegui construir um bom patrimônio na minha vida. Eu comecei a trabalhar com 12 anos de idade. Hoje, eu não tenho nada, porque eu passei tudo para os meus irmãos. Foi a forma de agradecer para eles, porque eles passavam muito na minha cara que a mãe deles me criou. Nem ela fez isso, né? E tudo que eu tinha eu passei para eles.

Entrevistadoras: Você tinha quantos irmãos?

MEMS: São cinco ao todo.

Entrevistadoras: E todos homens?

MEMS: São três homens e três mulheres.

Entrevistadoras: Era uma ligação boa até esse episódio.

MEMS: Era boa. Depois, por causa de herança eles falaram que a irmandade acabou. Então, eu preferi vir embora e deixar para eles lá. Porque meu pai não me deu nada com vida, né. Porque quando meu pai faleceu eu estava com 17 anos, mas eu já era dona do que era meu. Eu tenho uma irmã que é médica, inclusive o que ela tem hoje eu ajudei ela um pouco, entendeu? Graças a Deus. Então, eu prefiro viver sozinha.

Entrevistadoras: Todos eles moram lá? E você nunca mais entrou em contato?

MEMS: Nunca mais. Entrei em contato com a minha irmã. Foi no mês [pausa] tá com uns três meses. Eu peguei uma pneumonia

dupla, pensei que ia morrer e aquela coisa e eu queria saber do meu sobrinho que eu criei, né, praticamente. Depois disso, não tive mais contato e nem quero ter também.

Entrevistadoras: Então, você só frequentou a escola até a segunda série?

MEMS: É, porque eu não estudei. Quando os meus pais separaram eu estava com 7 anos de idade, então fiquei na mão do pai, com madrasta, aquela coisa. Com 9 anos fui para minha mãe, entendeu? Aí depois eu desisti de tudo. Família, eu tive assim, eu criei meus cinco sobrinhos. A minha irmã eu tenho uma afinidade boa com ela, mas por esse negócio de herança destruiu a família, né. Depois que eu entrei aqui, muita gente me ajudou, me deu a mão, entendeu? Porque da época que vim trabalhar aqui, em 2008, eu estava que não tinha nem onde morar. Então, teve umas pessoas que pude contar: Choquito (Maria Galdino), Creuza, dona Cida. Já chegaram até a fazer cesta básica para me dar, porque eu morava na casa dos outros, sabe aquela coisa? Passar na cara, né, sem trabalho. Aí, logo eu consegui uma casa para mim e hoje eu estou no que é meu, graças a Deus!

Entrevistadoras: Então, hoje em dia você mora numa casa própria mesmo?

MEMS: Não, é alugada, mas é minha, né?

Entrevistadoras: Você mora sozinha?

MEMS: Sozinha, graças a Deus.

Entrevistadoras: Então, dessa época da escola você lembra muito pouco, não?

MEMS: Muito pouco porque eu gostava muito de cuidar de gado, ficar mexendo com mecânica, entendeu? Porque na escola o pessoal judiava muito das minhas irmãs, então eu não admitia. Cheguei até a agredir a professora porque ela agredia a minha irmã. Só que hoje eu me arrependo por não ter persistido. Tentei fazer supletivo quando eu estava em Sorocaba, fiquei cinco meses. E por causa de serviço, eu trabalhava à noite lá, em cozinha, eu desisti, entendeu? Quer dizer, comecei e desisti.

Entrevistadoras: Tinha que trabalhar e estudar...

MEMS: Então, eu leio muito pouco, mas graças a Deus o pouco que eu tenho dá para sobreviver, mas eu me arrependo muito sabe? Porque faz muita falta o estudo. Porque você, com estudo, você chega numa porta para pedir um serviço, você dá um currículo, você tem o serviço. Hoje, até para você varrer rua, você tem que ter um curso. Quer dizer, não tem opção, você entendeu? E muitas pessoas que não usam a cabeça, não têm nenhuma opção, porque falta oportunidade, porque ninguém dá oportunidade.

Entrevistadoras: Você sentiu isso quando foi procurar serviço?

MEMS: A gente sente na pele, né?

Entrevistadoras: Em Assis, as pessoas exigiam que tivesse currículo?

MEMS: Exigiam! Eu deixei vários currículos. Eu fiquei mais de um ano entregando currículo, e nunca fui chamada. Aí, eu fui até o fórum e no fórum, a menina me encaminhou aqui. Eu perdi os documentos, né, aí eu fui obrigada a ir no fórum fazer um pedido lá para pegar meus documentos que era tudo de Recife. Aí a menina mandou pedir e me enviou aqui. Aí foi quando a Creuza me contratou.

Entrevistadoras: A Creuza fez a fichinha?

MEMS: Aí com três dias eu fui chamada, estou até hoje. Saí, voltei. Agora está com um ano que eu voltei.

Entrevistadoras: Você chegou a sair daqui, então, depois?

MEMS: Cheguei a sair depois, mas problema pessoal daqui de dentro mesmo, entendeu? Eu tinha a cabeça meio esquentada, aí preferi sair. Voltei, fui muito bem recebida novamente, estou aí, né.

Entrevistadoras: A primeira vez que você veio para cá você começou na coleta?

MEMS: É, na coleta. Trabalhei na esteira. Trabalhei na coleta depois fui para o caminhão do mercado. Fiquei nove meses no caminhão do mercado. Aí foi quando eu saí daqui.

Entrevistadoras: Você já voltou trabalhando na esteira?

MEMS: Voltei. Aí fui para a coleta de novo, aí estou na coleta agora.

Entrevistadoras: Você já teve algum problema sério de saúde?

MEMS: Estou tendo agora, infelizmente! Um problema de coluna que eu me machuquei. Então, agora eu vou ter que fazer uma cirurgia, entendeu? Nunca tive problema de saúde, eu tinha problema de pressão alta, essas coisas. Mas, normal, minha mãe era cardíaca, né? Mas, em relação à saúde, agora que eu tive um problema de pneumonia há uns dois meses atrás, fiquei internada 45 dias, depois que voltei, aí me machuquei na coluna.

Entrevistadoras: Você foi atendida aqui mesmo no hospital de Assis?

MEMS: Fui atendida aqui mesmo, no regional. No regional fiquei internada 17 dias na Santa Casa, e estou até agora fazendo tratamento. Voltei agora e vou ter que parar de novo para fazer a cirurgia.

Entrevistadoras: E já foi marcada? Como foi o atendimento?

MEMS: Não, vai ser marcada na próxima quinta-feira por causa desse feriado. Era para eu ter ido terça-feira. Então, houve um contratempo, eu não pude ir às duas e meia da tarde para [marcar novamente]. Se eu tivesse ido, ia operar amanhã.

Entrevistadoras: Você falou que começou a trabalhar com 7 anos, com o quê?

MEMS: Com 12 anos. Meu primeiro serviço foi em casa de família, trabalhei cinco anos. Comprei um bar na beira da praia e fui cuidar do que é meu. Com 18, eu já tinha e eu desfiz de tudo isso por causa da minha família. Aí foi quando eu vim embora para cá.

Entrevistadoras: Quando você chegou à cooperativa tinha alguma ideia do que era catação?

MEMS: Não, não tinha. Eu não conhecia essa parte porque muita gente não dá valor, né? Hoje eu sei o que é o trabalho, valorizo muito, apesar do que a gente ganha. Mas a gente, graças a Deus, pelo menos para mim que sou sozinha, a gente passa umas barrinha, entendeu? Mas dá para sobreviver.

Entrevistadoras: Você acha que as pessoas têm uma visão negativa desse trabalho?

MEMS: A gente chega na porta batendo, fazendo abordagem da coleta. As pessoas não conhecem, tem pessoas que maltratam; tem algumas pessoas que recebem você muito mal, inclusive fala que vai chamar a polícia, você entendeu? Aconteceu um fato comigo esses dias que eu apertei interfone de um senhor de idade. Até levei em conta que é um senhor que se tiver uns 79 anos, não tem muito. Ele abriu o interfone, a sacola de reciclagem estava do lado. Eu só empurrei o portão e peguei. Ele disse que ia chamar a polícia. Então, a gente passa muito dessas coisas, entendeu?

Entrevistadoras: As pessoas têm um pouco de discriminação?

MEMS: A gente é mal recebida. Tem discriminação. E tem muitos que não conhece o trabalho. E por causa de alguma pessoa ou outra aí termina discriminando a gente que não tem nada a ver.

Entrevistadoras: E as pessoas contribuem separando o lixo?

MEMS: Muitos contribuem, mas muitos põem junto com o lixo. Dizem: “Oh, o lixo está lá, você pode entrar e pegar o lixo”. Aí a gente vai e explica. Aí tem pessoas que já levam na ignorância. E não é assim, tem que explicar porque a gente não pode maltratar os moradores, porque a gente depende deles, de todo caso. Aí a gente explica, e quando explica já não acontece mais, entendeu? Porque muito é falta de informação, entendeu?

Entrevistadoras: Falta de conscientização, né? E a cooperativa faz um trabalho de conscientização, não?

MEMS: De consciência também. A cooperativa faz sim. Eles estão distribuindo um panfletinho agora, né? Vai de porta [em] porta, mas o pessoal ainda não se conscientizou disso. Você chega na classe alta, ali, aonde mora o pessoal mais classe média, o pessoal infelizmente trata muito mal. E pelo meu modo de ver, hoje, porque eu não conhecia esse lado do serviço, mas o trabalho que nós fazemos dá muito valor, além de limpar, né?

Entrevistadoras: É isso que eu ia te perguntar! Esse trabalho da cooperativa tem a função de limpar a cidade, o meio ambiente?

MEMS: Além de limpar, tem tudo a ver com natureza, né? Você vê esse caso de dengue está um horror! Mas por quê? Falta de consciência do próprio morador. Infelizmente é assim.

Entrevistadoras: Para você é importante também por estar ajudando o meio ambiente, não?

MEMS: É importante, claro que é. Porque muita gente não tem consciência; tem pessoas que a forma de ver o mundo é diferente, né? Você passa na rua e vê pessoas jogando copo descartável no chão, sacolinha, essas coisas. Filtro de cigarro. Eu sou fumante! O filtro de cigarro leva mais de cinco anos para decompor. Vidro, alumínio, muitas vezes, o pessoal prefere jogar no lixo, juntar com lixo do que separar. Não tem a consciência de separar. Era um trabalho que devia ser feito mais vezes em cima, passado de porta a porta, fazer panfletinho e distribuir explicando a situação, porque tem muita gente que não tem consciência, e aqueles que têm, eles faz a mesma coisa, preferem jogar do que dispor para a gente.

Entrevistadoras: E você, tinha essa consciência antes de entrar aqui?

MEMS: Antes de entrar aqui eu não tinha. Que nem eu te falei, não tinha nem uma noção de que existia isso aqui, entendeu? Tem muita gente que fala catadora de lixo, trabalhava no lixão, tem outra forma de ver. Quando eu morava em Recife, eu fui num lixão, porque morava muita gente no lixão, porque eu frequentava a Igreja Batista, e aí fui fazer um trabalho. Tinha uma senhora que tinha tido neném fazia dois dias. Naquela água, chovendo, você entrava, a perna dava meia de água, o neném sem roupa “num estrado, numa cama” de papelão e ela cozinhando a própria placenta dela para comer, porque não tinha o que comer. Isso aí nunca mais na minha vida eu esqueço. Eu tinha uns 17 anos quando eu vi isso. Inclusive essa criança, minha irmã adotou. Cria ela hoje, entendeu? Porque ela não tinha condições. Na época que eu fiz isso, eu tinha condições. Compramos um terreno, construímos uma casa de madeira e

pusemos ela. Fizemos barracão para ensinar o pessoal, né? Costurar, cozinhar, bordar, porque tinha muita gente que não tinha oportunidade. Tinha muita gente no lixão, aí então, inclusive eu falei pro pastor: “Nunca mais eu quero fazer um trabalho desse”. Porque eu nunca tinha visto uma coisa, na minha vida, daquelas. Uma criança recém-nascida, eu tirei inclusive a camisa e enrolei a criança. Liguei para minha irmã. Minha irmã veio e levou ela embora porque senão ia morrer. Fazia dois dias que tinha nascido e não tinha nem o que comer. Isso aí eu nunca vou esquecer, e nunca mais eu fui no lixão. Eu ia, assim, para tirar o pessoal, entendeu? Graças a Deus, Deus me deu oportunidade, uma época de eu trabalhar e ganhar bem, de ajudar muitas pessoas. Aí eu fico comparando, quer dizer, o que eu já fui e hoje o que eu sou. Hoje, tive muita ajuda de poucas pessoas, mas eu tive. Não cheguei a esse ponto, né? Mas eu precisei de ajuda, então, que nem você vê muita gente julga o pessoal que trabalha no lixão, que está ali comendo a própria comida do lixo, o pessoal julga.

Entrevistadoras: Tem preconceito, não?

MEMS: Tem preconceito, discriminação. Que nem você está numa lanchonete, num restaurante, a pessoa chega todo sujo pedindo um prato de comida, ninguém dá. Mas, por que não dá? Além de está pedindo, graças a Deus que tá pedindo! Graças a Deus que está pedindo, porque muita gente não dá oportunidade de emprego para uma pessoa dessas, nem em casa de família porque não tem estudo e não tem opção de vida. Então, o que é que procura? Vai sobreviver de quê? Do lixo, da reciclagem, né? E do próprio lixo. Eu já cheguei ver gente se alimentando do próprio lixo e isso dói, sabe? A gente ver certas situações.

Entrevistadoras: Essa relação de amizade que vocês têm aqui dentro da cooperativa, como é?

MEMS: Em termos de trabalho falta muita coisa, sabe? O pessoal se unir mais. Em relação à amizade, você tem que escolher a dedo, infelizmente. Mas todo lugar é assim, né?

Entrevistadoras: É mais uma relação de trabalho, embora algumas pessoas se tornem amigas?

MEMS: É mais uma relação de trabalho. Sou meio estressada, eu não gosto de coisa errada. Eu não gosto que falem mal dos outros perto de mim. Está sentindo alguma coisa fala na frente e não por trás, e aqui tem muito disso. Então, são poucas pessoas que você [pode] contar, que você dá para confiar. São pessoas que estão no mesmo sofrimento, e estão aprontando e derrubando você e não é assim. Então, tenta sempre te prejudicar, entendeu?

Entrevistadoras: Isso seria o quê? Por competitividade de cargo, alguma coisa?

MEMS: Não, não é. É a natureza da pessoa mesmo. Infelizmente. Porque aqui não tem cargo, você tem as coordenadoras que fazem o mesmo trabalho que nós fazemos, entendeu? Mas tem uma pessoa para coordenar. E aqui tem umas pessoas que já pensam de outra forma, entendeu? Que nem eu estou aqui dentro, eu posso está na rua, eu posso está na esteira. Tem que ter uma pessoa para coordenar, então, tem muita gente que não aceita. E quando você tem amizade com uma pessoa dessa aí, você já está puxando o saco, né? Então, eles veem de outra forma, e não são assim as coisas, você entendeu? A pessoa está tentando te ajudar e a pessoa está vendo de outra forma. Então, são essas poucas pessoas que dá para contar também nos dedos que quer te prejudicar, prejudicar o próximo. Tem muita gente que sai daqui por causa de fofoca, de disse que me disse, é só não dar ouvido. Eu sou que nem são Tomé, eu gosto de ver pra crer, entendeu? Eu escuto, eu vejo com os meus olhos, aí eu já dou bronca, e eu sou estressada, hein. Mas tem pessoas aqui, senhoras de idade, tem pessoas mais novas. Eu acho um absurdo as mais novas faltarem com respeito com as pessoas de idade. Isso tem muito aqui dentro, entendeu? E não é bem assim as coisas. Você tem que pôr as coisas, cada um no seu lugar, amizade é amizade. No trabalho é uma coisa,

lá fora é outra coisa, então, depois do seu trabalho, a amizade que você tem lá fora não importa quem seja, seja chefe ou que nem fala, aqui ninguém tem chefe. E muitas pessoas aqui não têm consciência do trabalho que faz, descarrega muito nos outros. Tem muita gente que se esconde do serviço. Infelizmente, não tem uma pessoa para ver isso e quem trabalha realmente não tem valor nenhum, infelizmente tem isso aqui dentro. Quem trabalha realmente não tem valor nenhum. Infelizmente tem disso também, mas isso é em todo lugar, né? Eu como já trabalhei em firma, já trabalhei para os outros, eu sei como que é.

Entrevistadoras: Você já trabalhou em firma de...

MEMS: Eu trabalhei na ZF, eu trabalhei na cozinha lá. Trabalhei na fábrica de copinho descartável Dikstoga, lá em Votorantim. Então, tem muita gente que trabalha aqui que nunca trabalhou na vida, você entendeu? Então, não tem uma noção do que é certo, do que é errado, entendeu? Ainda tem coisas que não dá para explicar porque a gente vai explicar a pessoa já leva para a ignorância. Então, tem muitas vezes que fico neutra, em certas situações porque não dá para falar, não dá para conversar. Eu só acho errado que tem homens aqui dentro que se escondem do serviço. Pessoas de idade se matando no serviço porque os mais jovens, homens fortes, tudo se escondendo, e esses aí estão tudo aqui dentro.

Entrevistadoras: E você acha que essas pessoas fazem isso porque elas não têm consciência?

MEMS: Eu acharia que esse pessoal aí tinha que fazer uma reciclagem deles. Quem quer realmente trabalhar e quem não quer trabalhar. Porque tem muita gente que está trabalhando nas nossas costas, ganhando nas nossas costas porque falta no serviço, mente, e chega aqui e eles aceitam de volta. Quer dizer, aqui é como a mãe e o pai, né? Aquele pai e a mãe que não quer ver nada. Aqui, infelizmente, acontece muito isso, você entendeu? E tem muita coisa errada aqui dentro em relação a isso, aos homens porque muitos poucos dão para você contar nos

dedos, um ou dois que trabalham porque o resto tudo se esconde.

Entrevistadoras: Tem pessoas com problemas, assim, de álcool?

MEMS: Tem sim, mas ninguém vê isso, entendeu? Prefere tapar a vista e deixar passar as coisas. Então, eu só digo assim que já chegou ao ponto aqui de pessoas pegarem a faca, desapartar a briga aqui no pátio por causa de um CD que achou, que ganhou na coleta; de bater, se atracar, querer se matar um o outro de faca. Eu já cheguei a desapartar briga aqui dentro por isso. Mas por que acontece isso? Falta de selecionar as pessoas.

Entrevistadoras: Mas isso acontece será que não é porque faltam pessoas para trabalhar e aí eles aceitam quem chega?

MEMS: É aceitam, entendeu? Aceitam quem chega. Muitos são mandados do Fórum para vir trabalhar aqui, entendeu? E são obrigados a pegar o serviço. Só que essas pessoas aí não dão trabalho, infelizmente e graças a Deus, ou felizmente, não dá trabalho. Agora outros que têm família, esses dão trabalho. São poucos, mas dão trabalho mesmo. Em relação à bebedeira, vem trabalhar bêbado, o pessoal aceita, você entendeu? Eu acho errado. No meu modo de ver, para mim, eu fazia dois dias de experiência, não deu para o serviço “vai andar”, você entendeu? Porque a gente ajuda quem se ajuda. Então, são coisinhas assim que faltam, sabe? Falta uma pessoa de pulso para impor horário, para impor o serviço: “Ô, fulano, você vai fazer isso e isso”. Não deu para trabalhar, então, rua.

Entrevistadoras: Na sua avaliação, o que mudou com a entrada na cooperativa?

MEMS: O que mudou foi isso aí, porque antes quando eu trabalhei aqui, eles não aceitavam erro, entendeu? Então, agora estão aceitando tudo. Porque antes era bem melhor, o pessoal era mais unido, tinha mais união, você entendeu? E hoje não tem isso mais. [...] se vocês quiserem andar com uma câmera aí vocês veem os rapazes tudo sentado.

Entrevistadoras: Mudando um pouco de assunto do trabalho, você tem alguma atividade de lazer? O que você gosta de fazer?

MEMS: Olha, eu gosto muito de pescar.

Entrevistadoras: Pescar? E você pesca onde? Aqui perto de Assis?

MEMS: Geralmente eu vou no pesqueiro, aqui na saída para Cândido Mota. Quando sobra um tempinho e um dinheirinho.

Entrevistadoras: É mais no final de semana?

MEMS: É, mais fim de semana, mais domingo. Ultimamente, eu não tenho tempo para isso porque não está faltando dinheiro, mas do resto tudo bem.

Entrevistadoras: Você vai com a família, vai com os amigos?

MEMS: Não, eu morava com uma companheira, mas a gente separou faz um ano. Vai fazer um ano já, graças a Deus. Aí quase não saio, sabe? Procuo não sair para não encontrar...

Entrevistadoras: E você tem algum sonho, algum objetivo para o futuro?

MEMS: Sonho? Eu tive tantos sonhos, hoje eu nem sei mais. Voltar a minha saúde, porque agora estou me sentindo inútil. Do mês de fevereiro para cá, só problemas de saúde. Eu comecei um ano péssimo: com uma pneumonia dupla, depois machuquei a coluna; até agora eu estou inútil, para fazer o que eu fazia eu não faço mais.

Entrevistadoras: E aí, depois vai ter que se recuperar, né?

MEMS: E agora vou ter que me recuperar, seja o que Deus quiser! Eu estou com muito medo de enfrentar a cirurgia, mas se tiver que fazer, eu vou fazer, vai ser o jeito de enfrentar. E o resto está tudo bem. Graças a Deus, Deus tá dando força para mim até agora. Eu fico chata o dia que estou sentindo dor. Aí eu fico num cantinho sozinha, eu me isolo, nem brincadeira eu aceito. Então, procuro ficar sempre num cantinho, hoje eu estou trabalhando dobrando jornal. Estou lá no meu cantinho dentro no barracão, sem muita conversa.

Entrevistadoras: Você comentou que frequentava a Igreja Batista.

MEMS: É, frequentei dez anos. Saí por uma decepção muito grande na minha família. Saí por causa de problema pessoal de família, né? Aí desanimei e saí porque eu acho que Deus existe um só, né? A minha irmã casou com um pastor e ele espancava

muito ela e as crianças e eu não aceito. Quer dizer, não é por causa de um que todos pagam, então eu preferi sair. Desisti de tudo, não desisti de Deus, jamais, né? Mas de Igreja sim porque eu não gosto de hipocrisia. Ele espancava minha irmã. Deixava ela desmaiada e ia pregar; ninguém sabia de nada. Então, chegou ao ponto de eu ter que tomar umas providências sérias por causa da minha irmã e resolvi o problema. Aí só que ele fez curso, né? E hoje ele mudou para o interior. Lá montou uma Igreja e está pregando novamente.

Entrevistadoras: Eles se separaram?

MEMS: Separaram, graças a Deus. Por livre e espontânea pressão minha, porque meus irmãos eram muito machistas, entendeu? Então, depois que meu pai faleceu, é claro, eles viraram tudo machão, né? Então, ele espancava muito a mulher e eu não aceito isso contra mulher na minha família, apesar de ser mulher. Então, por isso mesmo que eu não quero isso para minha vida, prefiro viver sozinha. Eu escolhi uma opção de vida. Então, eu sou lésbica, com muito prazer eu sou, tenho orgulho do que eu sou. Mas eu vou falar uma coisa para você, eu não troco a minha calça por certo tipo de calça, que eu não aceito. Então, eu procuro sempre levar a minha vida assim, entendeu? Não escondo quem eu sou. Quem quiser gostar de mim é assim. Trato todo mundo com respeito, porque eu acho que isso é em primeiro lugar. Porque o meu respeito termina quando o seu começa ou vice-versa. Então, aqui dentro todo mundo sabe da minha vida e todo mundo me respeita, mas porque eu me dei o respeito, porque eu acho que para ser o que é não precisa está demonstrando para ninguém. Eu acho que tem coisas na vida da gente pessoal que é só entre quatro paredes, que só diz respeito a duas pessoas. A minha vida não escondo de ninguém porque eu não tenho nada para esconder, entendeu? Eu tive uma opção. Hoje, meus irmãos não falam comigo justamente por isso também, a discriminação deles, mesmo porque não foi de fora, de gente estranha, foi mais da própria família, entendeu? Então, eu procurei me isolar e ficar sozinha.

Entrevistadoras: Eles não aceitaram?

MEMS: Não. Então, eu me afastei deles também por isso também e outras coisinhas mais, por que espancar mulher? Meu pai nunca ergueu a voz para minha mãe e nunca espancou minha mãe e ele criou a gente assim, entendeu? Então, eu não admito meus irmãos ser o que eram e, muitas vezes, eu briguei feio com eles e brigo, entendeu? Então, hoje eu tenho minha vida pessoal, tive não só foi um relacionamento, foram vários, não deu certo, infelizmente. Teve pessoas, assim, que eu vivi um ano, vivi dez anos, outra vivi oito anos, desgastou o relacionamento por causa de trabalho, também porque quando eu estou trabalhando, é meu trabalho em primeiro lugar. E já tem gente que não aceita isso. Então, se for para escolher uma mulher, eu escolho meu trabalho.

Entrevistadoras: E aí as mulheres não aceitam!

MEMS: Não aceitam, né. Eu nunca fui muito de gostar de farrinha. Tenho minha hora de lazer, assim numa hora beber socialmente, num final de semana outro não, porque bebida não leva a nada. Eu já bebi muito! Por desgosto, entendeu? Então, eu entrei numa de beber, assim, eu trabalhava demais e bebia, não dormia, tomando remédio para não dormir. Hoje, eu tenho uma gastrite brava por isso! Porque, além de ficar – noites e noites – acordada, tomava remédio para não dormir e bebia, entendeu?

Entrevistadoras: E aí, como que você saiu dessa fase de beber?

MEMS: Parei. Falei: “Não quero mais isso”. Quer dizer, beber só socialmente agora. Então, tomar umas duas ou três cervejas depois parar porque segunda tem que trabalhar. No domingo eu não bebo, só no sábado e olha lá! E, de vez em quando ainda. E agora mesmo que eu estou com problema de saúde eu não estou tomando mesmo.

Entrevistadoras: Foi a pneumonia, não?

MEMS: É, foi uma pneumonia e agora eu estou tomando muito antibiótico para a coluna. E tem uma gastrite brava, aí agora tem que parar mesmo.

Entrevistadoras: Bom, Maria, acho que é isso.

MEMS: Só isso mesmo?

Entrevistadoras: Você não chegou a visitar uma exposição de fotos do pessoal que trabalha aqui, lá na faculdade?

MEMS: Não. Não cheguei a ver.

Entrevistadoras: Vocês ficaram sabendo dessa exposição?

MEMS: Eu não estava sabendo, infelizmente não. Porque tem muita coisa aqui que a gente infelizmente fica por fora.

Entrevistadoras: Você acha que tem alguma importância esse trabalho que a gente está fazendo de entrevistar vocês?

MEMS: Tem sim, afinal de contas é cultura, né? Porque daqui mais alguns anos a gente vai ser lembrada um dia pelo trabalho que nós fizemos, né? Porque através de você muita gente vai ficar conhecendo, para mim tem muito valor.

Entrevistadoras: É isso, então.

MEMS: E parabéns para vocês!

Entrevistadoras: Imagina! Muito obrigado, a gente é que agradece.

* * *

6ª relato: Maria de Jesus Tavares

Data da entrevista: 5/11/2011

Transcrição: Danillo Rosa

Entrevistadoras: Maria, você pode contar como foi sua infância, onde você morou?

MJT: Posso. Minha infância foi em Santa Cruz. Depois, vim embora para Assis, com 6 anos e estou até hoje. Com 15 anos fui embora para São Paulo tentar a vida lá. Lá casei. Larguei. Voltei para Assis e estou até hoje.

Entrevistadoras: Você lembra como era o local onde você morava?

MJT: Lembro. Nossa, como lembro. Nós morávamos numa casa simples. Moramos no sítio e depois viemos para cá. Moramos até hoje na mesma casa. A infância foi humilde! Entendeu? O trabalho dos meus pais foi de boia-fria. A gente ficava em casa.

Entrevistadoras: E vocês se mudaram por qual motivo?

MJT: A gente mudou de Santa Cruz porque meu pai morava em sítio, depois o homem vendeu o sítio. Aí, meu pai, com o que ele recebeu, comprou um terreninho aqui em Assis, aonde ele conseguiu essa casa, onde a gente mora até hoje.

Entrevistadoras: E você gostou dessa mudança?

MJT: Eu era pequena, eu saí com 6 anos de idade, né. Então, eu não lembro assim, sabe? Lembro quando eu morava no sítio, era muito bom. Lembro de meu pai, da minha mãe, apesar do meu pai ter falecido. Eu moro com minha mãe ainda lá. Depois casei. Fui embora para Mato Grosso. Lá fiquei uns oito anos. Depois vim embora para minha mãe, acabar de criar meus filhos aqui. Criei meus filhos aqui. Vim com uma de 5 anos e grávida de cinco meses. Separei lá. Meu pai e minha mãe me deu uma força, por ter o nenê. Até ficar grande. E que é o moleque. Eu comecei a trabalhar, arrumei um namorado. Aí, engravidei de novo. Essa última minha [filha] foi uma bênção. Fiquei doze anos com ele; separei por causa da bebida. Teve muitas brigas. E aí eu separei e voltei para a casa da minha mãe de novo. Minha mãe me deu uma força. Ele faleceu. E está tudo criado, tudo casado. Graças a bom Deus. Eu estou tocando minha vidinha.

Entrevistadoras: Você foi criada pelos seus pais?

MJT: Fui criada pelos meus pais até o Zé.

Entrevistadoras: E o seu relacionamento com eles?

MJT: Com meus pais, você sabe que naquele tempo era tudo sério. Hoje, ficou um mais liberal, né? Você falava uma coisinha demais você apanhava. Hoje, os filhos falam cada coisa pra gente que você fica de boca aberta, né. Mas eu não tenho do que me queixar da educação que eles me deram. Eu fui para São Paulo com 15 anos, não virei uma mulher da vida. Não roubei. Não mexi com droga. Por quê? Por causa da educação que os dois me deram. Casei lá. Fui embora para Mato Grosso. Lá fiquei esse tempo, depois voltei para cá. Voltei para os meus pais de novo. Meu pai faleceu. Fiquei eu e minha mãe. Minha

mãe cedeu três cômodos para mim e para os meus filhos. Paguei aluguel, depois é que eu me separei desse último marido. Aí, ele cedeu um cômodo só e fui morar eu e três filhos num cômodo. Até aí, meu avô faleceu. Ela deu o quarto do meu avô. Eu fiz dois quartos e o corredor que era para ser uma área, eu fiz a cozinha. Acabei de criar meus filhos lá. Estão todos casados. [Risos.]

Entrevistadoras: E você tem irmãos?

MJT: Tenho um irmão e duas irmãs.

Entrevistadoras: Você tem ligação com eles hoje em dia?

MJT: Se eu tenho ligação com eles? Tenho muita ligação com eles. A gente se dá muito bem. Têm aquelas discussõzinha de irmã, mas não é uma coisa de você pegar briga, não, não, não. Discussõzinha assim, meio que fica um assim, mas depois volta tudo ao normal.

Entrevistadoras: E eles moram aqui em Assis?

MJT: Moram tudo em Assis.

Entrevistadoras: Algum deles trabalha como catador aqui na cooperativa?

MJT: Não. Não. Não trabalha não, como catador.

Entrevistadoras: E sobre a escola, você falou que frequentou até o quinto ano?

MJT: É, eu frequentei a escola ali na... Ai! Como é que é? Na Vila Operária ali, descendo ali... Como é que chama a escola perto do Sesi agora?

Entrevistadoras: A Etec, Centro Paula Souza?

MJT: Não. Perto do Cleotoni, ali. Agora eu não lembro como é o nome.

Entrevistadoras: Carlos Alberto?

MJT: Não. Não. Perto do Cleotoni, ali do lado do Cleotoni. Ah! Deu um branco. Ah, me deu branco! Foi uma escola rígida, muito boa, a gente aprendeu bem, né. Que pena que eu saí da escola. Aquele tempo, se você tivesse vontade de estudar, você tinha que ir na cidade. Os pais da gente não permitiam, porque tínhamos que ir sozinha e, no meio, [tinha] um buraco

e [era] longe para você continuar. Então, saí muito cedo para ajudar os pais da gente: na roça, de empregada, de babá. Eu comecei a trabalhar muito cedo, como babá, né.

Entrevistadoras: Com quantos anos mais ou menos?

MJT: Ah, com 10 anos eu já varria a escola e ganhava um cruzeiro por mês. Comprava minha roupinha e dava um pouquinho para minha mãe. E depois fui trabalhando de empregada, de babá, sabe? Com 14 anos eu estava trabalhando já. Olhando criança, trabalhando na roça. Com 15, 16 anos comecei a trabalhar na roça. Catar algodão. Fazia muita coisa, né.

Entrevistadoras: E você gostava de estudar?

MJT: A gente gostava. Como se diz? Preferia continuar o estudo, mas não tinha condições mesmo. Não tinha.

Entrevistadoras: Por conta do trabalho?

MJT: Não. Porque na época que eu trabalhei a escola era longe. Muito longe.

Entrevistadoras: Por que os pais não deixavam?

MJT: Não deixavam. Naquele tempo tinha que está em casa nove horas, oito horas. Vai ficar meia-noite, uma hora na rua não. Nove horas tinha que estar dentro de casa. Pai dava um assobio você corria. Lavava o pé. Como diz o ditado: não tomava banho. Lavava o pé. Tomava banho, mas depois que você brinca, lavava o pé, como se dizia na bacia e ia dormir. Que os pais da gente levantava de madrugada, né, cinco horas da manhã. Então, por conta disso. Tinha que dormir cedo.

Entrevistadoras: Então, mudando para outra pergunta, atualmente, você está solteira? Não tem nenhum parceiro?

MJT: Agora não tenho parceiro. Faz... uns doze anos que [não] tenho parceiro, não arrumei namorado e mais ninguém... [Risos.] Está gravando?

Entrevistadoras: E desses relacionamentos, o que você aprendeu?

MJT: Desses?

Entrevistadoras: Desses que você teve?

MJT: O primeiro marido que eu encontrei não bebia, só fumava. [Era] muito bom. Quando nós fomos para o sítio da Ponte

Branca, era um bom marido, penteava meus longos cabelos. Lá eu era dondoca, né. Só eu e ele. Então, foi maravilhoso. Mas depois que nós fomos para cidade que ele foi ser... Não prestou! Aí, foi briga, briga e briga. Até que eu engravidei. Perdi uma criança de cinco meses. Nervosa, que nós brigava muito. Ele me agredia. Começou agredir. Por causa das outras mulheres, né. E dessa agressão eu perdi um filho, de cinco meses. Aí, passou aquela contenda. Aí engravidei de novo da minha filha. Não era para engravidar, mas engravidei. E ele já meio que não queria os filhos. Eu quero meus filhos. Ele falou: “Filho não vai me segurar”. Eu falei: “Eu vou segurar meu filho”. Peguei minhas coisas e vim embora. Aí, voltei de novo e não [deu] certo. Começava a brigar muito com a mulherada. Lá é um lugar que tem muita gente pobre. Dá muita tranqueraçada. Então, sofria demais. Não valia a pena. Então, peguei minhas coisas vim embora e estou até hoje. Eu vim embora grávida de meu filho. Ele está com 26 anos. Tem dois já trabalhando, graças a Deus.

Entrevistadoras: E algum deles chegou a se casar no cartório?

MJT: Não, nenhum dos três são casados. Eu falo casado assim...

Porque estão morando junto. Faz um tempinho, três anos, quatro anos. A minha mais velha já mora dez anos. Achei que nem dá casamento. Porque dez anos! Mas, grávida. Tem os filhinhos gêmeos. Tem dois gêmeos. E o meu filho tem dois também. E a minha filha que é a caçula – que é desse que morreu, o último agora, que estava trabalhando no supermercado –, tem uma nenezinha de oito meses. Eu tenho cinco netos. Até uns dois anos atrás eu não tinha nenhum.

Entrevistadoras: E para você, como foi essa experiência de ser mãe, com todas essas dificuldades que você teve que passar?

MJT: Eu passei muita dificuldade, porque depois que eu arrumei o pai dessa menina, eu estava morando com minha mãe. Eu vi que eu estava grávida, né. Eu falei: “Vou sair da casa da minha mãe, né”. Porque já vim com um, grávida. Estava grávida de um, agora você estava grávida de outro. Aí conversamos tudo

certinho. Aí a gente alugou uma casa. Simplinha a casa, mas alugamos. Aí, eu saí da casa da minha mãe. Então, a gente passou muita dificuldade. Porque ele era uma pessoa trabalhadora, muito trabalhadora. Sabe assim? Mas depois que começou com colegaiada. Ele não bebia. Começou a beber. Beber. Beber. Aí, veio as brigas. Sabe? Nossa! E eu só trabalhava. Ele ficava bebendo. Era demais. Vivi doze anos. Aí, meu menino já estava grande, não era filho dele, [mas] chamava ele, de pai. “Bênção, pai. Tchau, pai. Vai com Deus, pai.” Ele, nas bebidas, sempre que ouvia “meu pai”, xingava: “Eu não sou seu pai. Você não é meu filho. Você é filho não sei de quem lá”. Então, o menino foi pegando trauma daquilo lá, sabe? E um dia eu chegando do serviço (não o serviço aqui). Serviço que eu trabalhei com o Zeca Santilli e com o filho dele, Paulo Santilli, há muitos anos. Eu vinha vindo embora de bicicleta, eu e minha filha, aí eu vejo um carro de polícia na porta da minha casa. Eu comecei a tremer. Meu Deus do céu! Acho que é o menino que foi tomar banho no buracão e morreu afogado. Meu pensamento foi assim. Mas não era. Os dois começaram a brigar. Mandei minha filha ir ver. E virei a esquina. Mãe não é nada não. Ele lá com... filho... começou agredir ele. Aí, a polícia veio conversar comigo. “Dona Maria, olha, a senhora é uma mulher trabalhadeira. Eu vi que a senhora é uma mulher honesta. A senhora é mulher. Eu não estou aqui para separar ninguém. Mas eu estou vendo aqui que é caso de separação. Porque o rapaz não é filho dele. O rapaz já passa pelo negócio bêbado! Ele bêbado começa a discutir. Um agride o outro. Um mata o outro. Um vai para a cadeia.” Aí, eu achei que era melhor a separação. Para o bem dos meus filhos também. Sabe? Ele sempre respeitou muito minha filha. Respeitou a que era filha dele. E meu filho também. Eu optei pela separação. Entendeu? Meu filho não bebe. Minha filha caçula não bebe. A minha filha mais velha quando bebe é numa festinha com o marido dela. Mas normal, ali nas festinhas. Ela tem a obrigação

dela. Não fica enchendo o saco. Então, eu acho que não tem nada a ver. Meus filhos trabalham e cuidam da família certinho. Então, eu separei. Eu tenho uns filhos que se eu falar: “Filha/filho, não estou passando bem”. Eles falam: “Estou indo buscar”. Eles se preocupam. Entendeu? Se eu estou precisando de um dinheiro, qualquer coisa, eles me arrumam. Só que como se diz eu não vou aproveitar. Eu quero mais é ajudar eles. Entendeu? Então, eu não tenho o que falar assim, sabe? Muitas passam o sofrimento aí que eu não passei. Passei um pedacinho. Mas já corto. Está tudo bem agora, graças a Deus.

Entrevistadoras: E seus filhos frequentaram a escola ou eles já começaram a trabalhar cedo?

MJT: Não. A minha filha mais velha, como ela tinha bronquite muito forte e tem um tumorzinho. Ele incha, vaza e some. Tá com uns dez anos. Ela não quer ir ao médico. Ela tem medo. Já arrumei médico, ela não vai. Ela estudou até o terceiro ano. Trabalhou com o marido dela para ajudar comprar um... à vista. Você conhece? O Nei tira xerox para baixo da Sabesp. Um grandão do olho azul. Pega o restaurantão que tem substituindo um mercado, tem o posto de gasolina. Depois, tem o restaurante que abriu agora. Tem a loja de roupa que vende tecido, aqueles tecidos bonitos bordados. Depois, tem a lojinha dele. Dá pra viver ali os quatros. O menino parou no primeiro para o segundo. A menina terminou. A caçula minha terminou tudo. Hoje ela trabalha. Começou a trabalhar cedo, a menina. O menino também, com 15, 14 anos ia pintar bar dos outros, ter seu dinheiro. Frequentou o Broto Verde. Ele trabalhava lá com mais de ano. Ganhava sessenta reais que dava para ele ter as coisinhas dele. A menina caçula minha trabalhou no projeto da Promoção Social: Sintinela. Ela fez ali um ano e pouco também. Ela mesma foi por gosto dela. Depois ela entrou na Guarda Mirim. E ela sempre reclamando: “Preciso ajudar minha mãe! Preciso ajudar minha mãe!”. Aí, as meninas que ela conheceu foram fazer entrevista com ela no mercado. Ela passou. Faz

cinco anos que ela está no mercado. E ela mesma que põe a cara. Não preciso eu falar: “Vai, filha, arruma serviço”. O menino também é outro. Está bem, está trabalhando na Nova América. E a outra mais velha trabalhou um pouco de empregada comigo. Depois trabalhou no Grumercuri. Não sei se vocês conhecem ali o Grumercuri. Trabalhou mais de dois anos. Aí engravidou e teve que sair. E agora está cuidando da casa dela.

Entrevistadoras: E hoje em dia você mora sozinha?

MJT: Eu moro sozinha. Eu moro com minha mãe, mas é grudado, como se diz. É três cômodos. Mas é sozinha. Eu tenho meu fogão, tenho minha geladeira, faço minha comprinha. É separado tudo, só que é grudada a casa, né.

Entrevistadoras: E você já teve algum problema de saúde?

MJT: Muito, filha. Muito. Muito. Tive um problema aí que eu entrei numa depressão. Depressão feia. Eu cortava os braços com a faca. Eu cortava meu braço. Quebrava a cabeça. Fiquei numa pressão de medo. Olha, tinha medo de tudo. E eu fiquei internada no psiquiatra. Aqui no Regional. Fiquei doze dias. Sabe? Tinha uma hora que na minha casa ali, tinha ambulância, tinha polícia. Tinha tudo ali. Sabe? E eu tive que me internar. Aí, eu fui lá. Só que eu não quis ir com ninguém. Não via ninguém. O negócio era comigo mesmo. Aí o médico falou: “Tem que internar porque ela vai acabar se matando”. E eu ia mesmo. Louvado Santo! Aí, me internaram. Minha filha foi na igreja, fez a diferença. Eu comecei a ir na igreja, também. Pedi a Deus, né. Cada remédio forte que eu tomava, menina. Entrei aqui tomando remédio. Sabe? Às vezes eu ia na reunião. Mas a turma entendia pouco. Eu ia à igreja pedir a Deus. Eu mesmo larguei do remédio. Não tomo nenhum tipo de medicamento. Ia dormir quatro horas da manhã. Hoje, se deixar eu até rodo de tanto que eu durmo. Graças a Deus, eu não tomo nenhum tipo de remédio. E agora tenho diabetes, pressão alta. E eu perdi uma vista por causa disso. Só tenho uma.

Entrevistadoras: Por causa da diabetes?

MJT: Por causa da diabete. Então, é esse problema de saúde. Estou com uma pedra no rim, aqui. Estou fazendo certinho o exame para vê. É só isso.

Entrevistadoras: Você conheceu a cooperativa como?

MJT: Eu conheci a cooperativa porque esse marido meu que morreu, nós tinha separado, mas nós se dava porque nossa família foi criado junto. Entendeu? Eu fui criada com ele. E aí, porque eu não estava empregada, meus filhos estavam me ajudando. E eu precisava de alguma coisa para fazer. Eu queria fazer alguma coisa. Mas pelo medicamento, ainda, eu tenho até medo de arrumar serviço, né. Aí, eu fui lá na Ana Maria. No barracão, lá em cima. Fui ver uma reunião deles. Falei para Ana Maria que eu queria entrar na cooperativa. Eu comecei a catar na rua com eles. Minha mãe comprou um cavalo para nós e tinha uma carroça. Estava catando até bem. Nós duas saía na tarde, né. Mais aí, quando chegava lá, o homem estava até bêbado. Saía de carroça pela cidade para catar. Perigoso até matar o cavalo, né. E a gente também em cima, né. Aí, eu desisti, sabe? Aí, vendi meu cavalinho. Aí, fiquei mais um tempo parada. Aí, eu vendo minha ex-cunhada que trabalha aqui – que é irmã do finado marido meu –, sabia que ela trabalhava aqui e tal. Mas naquele tempo estava numa crise ruim aqui, né? Mas não é por isso que eu não entrei. Não entrei porque eu estava tomando o remédio ainda. Eu não queria entrar aqui ainda tomando remédio senão não iam me aceitar. Aí tinha uma amiga minha que também trabalhava, o presidente, o Claudineis – que mora perto de casa ali foi criado junto com a gente ali –, aí, eu falei para ela: “Fala para Sandra, fala para o Claudineis, tal...”. Ela falou: “Maria quer entrar aqui e tal”; “Manda ela vir conversar”. Eu vim, conversei... Comecei a trabalhar. Estou até hoje. Agora em fevereiro faz cinco anos.

Entrevistadoras: Então foi para ajudar na renda mesmo?

MJT: Na renda. E depois que meus filhos casaram, eu não queria ficar, como se diz [na dependência] se eu podia trabalhar. Eu

não quero [depender dos filhos]. Os filhos hoje têm filhos, né. Então, eu é que [devo] ajudar. [Risos.]

Entrevistadoras: E quando você chegou aqui tinha intenção de ficar ou era apenas temporário?

MJT: Não. Serviço meu foi de oito anos. Eu nunca tive serviço de menos de um ano. Então, eu cheguei aqui e fiquei com a Sandra. Eu achei que não ia ficar porque a Sandra ia me mandar embora. Eu pensei comigo. Mas, como eu fiz de tudo, aí ela acostumou comigo. Eu trabalhei muito na esteira. Hoje, eu não subo na esteira porque eu não enxergo. Então, aqui da coleta o pessoal falou que não tem o tal do gás. É mais limpo. Aí eu fui ficando e ficando e gostei. Sabe. Achei gostoso o serviço. Como se diz, a turma tem menos idade... é mais nova, né, dura mais, né. Aí peguei amizade com a meninada que brinca, né. E quando eu entrei aqui ainda dava umas briga com a mulherada. Sabe? Mas porque eu não sabia que tinha diabetes. Eu tinha as duas vistas boas. Então, eu brigava, eu era irritada. Sabe? Eu via uma coisa malfeita, aquilo me irritava. Mas aí, me chamaram, conversaram comigo e tal. Daí, fazendo os exames, a minha diabetes estava a trezentos e pouco e não sabia. Aí eu comecei a tomar o remédio para diabetes. Aí, fiquei calma, sabe? Virei amiga de todo mundo. Fiquei amiga de todo mundo. No que poder ajudar eu ajudo. Eu quero amizade. Eu quero paz com elas. Entendeu?

Entrevistadoras: Você começou na esteira e depois você foi para a rua?

MJT: É. Depois eu fui para a rua. Agora eu faço coleta. Consegui ficar na prensa. Revistava latinha. Faço tudo aqui dentro. Tudo. Até aquela prensa perigosa eu já aprendi também. Aqui eu faço tudo.

Entrevistadoras: E você participa da coleta?

MJT: Eu participo da coleta de rua. Depois a gente põe para dentro aqui, né.

Entrevistadoras: E você já conhecia esse trabalho de catação ou não?

MJT: Eu via a turma ali pegando perto de casa com aqueles carrinhos. Mas não via a turma pegar. Mas eu não conhecia. Aprendi mais aqui. Conheci os materiais aqui. Me ensinaram [a conhecer].

Entrevistadoras: Você acha que esse trabalho é, hoje pelo menos, valorizado, reconhecido?

MJT: É muito, muito reconhecido. Porque a gente trabalha aí fora. Nossa. Eles falam: “A melhor coisa que eles fizeram”. Sabe? “A melhor coisa que fizeram foi essa coleta aqui.” Sabe? Têm pessoas que ficam agradecidas por a gente está coletando, assim, o material deles. Mas têm muitos que não interessam, viu? Têm muitos que é só juntar. “Não! Eu tenho preguiça de juntar. Tudo bem. Ó, a natureza. Talvez nós não estamos aqui. Mas os nossos netos, e os filhos que... Ah! Nós põe no lixo”. A gente não vai discutir com eles, né. Nem podemos. Às vezes, se escuta coisas que até humilha a gente, sabe? Mas a gente tem que ficar quieto, que a gente não pode discutir com eles, né?

Entrevistadoras: Esse trabalho que vocês fazem tem muita importância para o meio ambiente, não?

MJT: Muita. A gente fala, fala. E o rádio fala. A televisão fala... Mas, o pessoal fala não sabe o que é coleta. A criançada vem visitar o Parque aqui e comenta tudo com a mãe, né. Aí tem criança que fala assim né: “Mãe, o lixeiro chegou”. Fala: “Não, filho, não é o lixeiro... O caminhão do lixo...”. Aí a gente explica para a criança. Somos da coleta, de pegar o material limpinho, o caminhão que pega o lixo [é outro]. Nós não somos lixeiros. Sabe? Tem pessoa que na rua quer que nós peguemos tábuas, tijolo etc. Ficam bravos e falam que vão reclamar para o prefeito. Eles ficam bravos. Aí tem que explicar com educação.

Entrevistadoras: Quais foram os benefícios, as contribuições que trouxeram para sua vida trabalhar aqui na cooperativa, com esse tempo que você está aqui?

MJT: Como assim?

Entrevistadoras: Assim, economicamente falando. Hoje, você tem a sua vida, não precisa de ninguém; a relação aqui com os amigos. O trabalho aqui trouxe alguma coisa de bom ou não?

MJT: Aconteceu que eu tenho muitas amizades aqui. E quando eu perdi essa vista aqui, contei com muito apoio aqui. Porque você perde um órgão, perde uma vista, então eu fiquei muito, assim... [mas] o pessoal [foi] muito legal. Hoje, eu tenho minha renda. Não vou dizer pra você que eu não vou precisar dos meus filhos. Mas hoje eu tenho condições de eu viver, comer o que eu quero, sabe? Na hora que eu posso. Quando as crianças eram pequenas, dividia o bicho em três. Hoje, eu posso comer um bicho desse tamanho. Dois bichos! Um modo de dizer, entendeu? Não é que eu vou comer. Hoje, eu posso comer o que eu quero. Eu vou no mercado. Vamos supor, que eu tenho vontade de comprar, eu vou lá e compro. Antigamente, a gente não podia fazer isso. Hoje, eu como melhor. Minha condição de vida é melhor. Só estou esperando minha casinha para ser melhor, né. Que está no meu nome, que Deus abençoe que saia.

Entrevistadoras: Então, agora você está construindo uma casa sua?

MJT: Não. Não. É casa daquele é Minha Vida, Minha... como é?

Entrevistadoras: Minha Casa, Minha Vida.

MJT: Minha Vida. Muitos aqui já ganharam, minha filha, uma casinha. Estou esperando eu ganhar minha casinha.

Entrevistadoras: E essas amizades aqui dentro são amizades ou mais colegas?

MJT: Mais colegas. Porque a amizade que a gente tem é pouca. Eu tenho amizade, mas tem aquelas colega que não dá. Mas, mostra o dentinho, mais aí tem que ir lá reclamar com o Claudineis. Mas, tem amiga aqui que você pode confiar, que você pode contar. Que são amigas, sabe?

Entrevistadoras: E você tem amizade fora da cooperativa ou você fica muito aqui e então acaba dificultando outras amizades?

MJT: Não. Não. Tenho amizade aqui fora, aqui dentro. Não atrapalha nada, não.

Entrevistadoras: E você tem alguma atividade de lazer que você gosta de fazer quando você não está trabalhando?

MJT: Não. Gosto mais de ficar na minha casa descansando. Ficar na minha casa assistindo televisão, descansando para o outro dia, sabe? Porque agora eu trabalho até meio-dia. Mas antes trabalhava até duas horas, cinco horas. Chego em casa, descanso e aí tomo um banho. Se tiver que fazer uma jantinha já é quase na hora de dormir. No domingo, você levanta, faz um almoço para o filho lá. Que nem amanhã, tenho um almoço para fazer para o filho. Vai lá almoçar, então, já umas duas, três horas. Então, até acabar, limpar a cozinha, arrumar lá, já são três horas. Então, vai para televisão, para mais tarde tomar um banho, para dormir e voltar para trabalhar no serviço de novo.

Entrevistadoras: Então, é mais com a família mesmo?

MJT: Mas eu gosto, entendeu? Se tiver um parque, um circo, eu gosto de ir. Para dançar eu gostava muito. Mas agora não gosto muito mais, não.

Entrevistadoras: E você ainda tem algum sonho para o futuro ou já teve?

MJT: Tenho meu sonho. Eu tive meu sonho de ter meus filhos em primeiro lugar. Agora segundo sonho meu é ter minha coisinha, aonde eu mando. Porque se mora junto é sempre um problema. A minha porta passa na porta da salinha da minha mãe. Então, eu não posso fechar a porta da minha cozinha, senão minha mãe fica com a porta fechada. Só se eu deixar as coisas abertas. Então, ali fica tudo a Deus querer. Se eu faço um pudim eu ponho na geladeira, eu vi que sumiu a metade. Eu faço muita coisa por causa da diabete. Coisa *diet*, sabe? Eu faço gelatina. Então, essas coisas. Eu compro daquele pão preto, *diet*. Eu sei que comem. Eles comem, porque minha mãe fala: “Ah! Não dá pra comprar”. E eu não vou brigar por causa de comida. Vi que comem minhas bolachas. Mexem na minha manteiga *diet*. E a minha porta fica aberta, sempre tem aquela [falta de privacidade].

Entrevistadoras: Privacidade?

MJT: Privacidade que você pode ter ali suas coisinhas. Porque de madrugada dá fome. A diabete de três horas se tem que comer. Então, eu tenho minhas coisinhas para comer. Eu não posso comer coisa pesada. Vou lá esquentar um macarrão, esquentar um arroz e feijão e comer. Não. Aí é perigoso. Tem que comer coisa leve, igual o médico explica. Coisa leve. Uma bolacha, um chá, um leite desnatado. Tudo isso aí se tem que ter. Então, eu sempre tenho uma bolachinha na bolsa. Porque quando vem, começo a tremer. Se tiver que pegar uma coisinha eu não aguento. Acho que, de tanto peso, caio no chão. Então, tem que controlar. A diabete e pressão alta é controle. Se você controlar bem você leva muitos anos com ela.

Entrevistadoras: Então, esse é o sonho?

MJT: Meu sonho é ter minha casinha.

Entrevistadoras: Esse trabalho que a gente está fazendo, contando a história de vocês, para depois escrever um livro, você acha importante as pessoas saberem a história de vocês, aqui da cooperativa?

MJT: Ah! Eu acho muito importante. Por quê? Ela sabendo a história, eles vão valorizar. Muitos vão valorizar o serviço que nós fazemos. E vai ajudar também. Têm pessoas que não se interessam, não. Preferem jogar no lixo, jogar na rua, jogar no terreno baldio do que separar certinho. Tem calçada que está um nojo. Catador foi lá catar. Se tivesse tudo separado, aposto que ele não ia mexer no lixo porque não tinha material reciclável. Como tem, ele vai abrir tudo. Comida para lá, papel higiênico. Fazendo sujeira no meio da calçada da casa bonita. A mulher vai chegar e encontrar a calçada suja. Porque não quer cooperar. Não é verdade?

7º relato: Maria Galdino da Silva

Data da entrevista: 31/5/2011

Transcrição: Ana Carolina de Almeida Piccinin e
Emily Yaeko Oka

Entrevistadoras: Queríamos que contasse sobre você, se sempre morou em Assis e em qual bairro?

MGS: Bom, meu nome é Maria Galdino da Silva, eu “atualizei” na cooperativa em 2004. Eu não morava aqui em Assis, morava em Gardênia, que é um patrimônio. Não tive opções de emprego aqui em Assis. Trabalhei dois anos na Prefeitura, na frente do trabalho, depois fiquei desempregada. Não conseguia arrumar emprego e investi na Cooperativa de Catadores de Materiais Recicláveis. Então, esse foi o sustento que eu tive e hoje estou “atualizando” há oito anos na cooperativa.

Entrevistadoras: E como era a cidade em que você morava? Era pequena, grande?

MGS: Então, eu morava em Gardênia, não me lembro muito, porque quando eu vim de lá para cá eu era criança. Eu tinha 7 anos de idade, então não me recordo muito da cidade, mas pelos comentários é bem pequena.

Entrevistadoras: Por qual motivo você veio para cá?

MGS: Eu vim com a minha família, com a minha mãe, meu pai e meu irmão; lá a gente não teve opções de emprego, porque é uma cidade bem pequena, só tinha a roça, então acharam que aqui em Assis encontrariam emprego. No entanto, hoje minha mãe é uma cortadora de cana, faz treze anos que ela está na Nova América. Meu pai hoje é falecido, mas, assim, a oportunidade de emprego foi aqui em Assis.

Entrevistadoras: Vocês vieram para cá por motivo de trabalho mesmo?

MGS: Motivo de trabalho, porque lá não tinha.

Entrevistadoras: E você gostou dessa mudança?

MGS: Então, eu “fui” criança, estudei, fui criada pela minha madrinha. Tenho a minha mãe, mas não fui criada por ela, mas, assim, minha mãe toda vida trabalhou e ela não teve oportunidade de eu ter a criação com ela. Mas o pouco que eu aprendi, minha madrinha me ensinou muito bem. Eu fui mãe muito cedo, né. Fui mãe com 16 anos, então eu dou graças a Deus de está aqui na cooperativa, porque não tive opções de outros empregos, mas assim vou levando a minha vida.

Entrevistadoras: Você era muito ligada a sua madrinha? Mas, e a ligação com seus pais?

MGS: Sim, eu tenho ligação com a minha mãe, que é viva. Meu pai é falecido. Mas é assim: minha mãe lá e eu pra cá, mas eu não tenho nada contra ela. Eu respeito ela, porque se não fosse ela, eu não estava aqui hoje, então, adoro as duas mães.

Entrevistadoras: Nessa parte da sua infância ocorreu uma mudança. Quando veio para cá, você brincava, foi para a escola, trabalhava?

MGS: Eu estudei até a quinta série, logo eu saí, porque não tive opções, eu comecei a namorar cedo. Fiquei grávida com 16 anos, aí eu parei o estudo. Então, não foi uma infância com brincadeiras, não tive opções, não. Eu tive que trabalhar com 16 anos. Ganhei minha filha e depois de um ano comecei a trabalhar.

Entrevistadoras: O motivo pelo qual você parou de estudar foi a gravidez?

MGS: Foi a gravidez.

Entrevistadoras: E a experiência de ter sido mãe aos 16, como foi?

MGS: Eu não sabia muito, assim eu não tive contato com a minha mãe. Para a minha madrinha eu tinha vergonha de perguntar as coisas. Então, o primeiro namorado que eu arrumei já foi liberal, já aconteceu. Então, eu não tive aquela infância de falar que eu tinha que tomar [anticoncepcional], que tinha que se prevenir. Hoje, eu passo isso para as minhas filhas. Já tenho duas filhas adolescentes, eu passo para elas; o que eu passei, eu não quero que elas passem, né. Mas, assim, eu não tive muita instrução.

Entrevistadoras: E a segunda gravidez, foi muito tempo depois?

MGS: Foi depois de dois anos e pouquinho.

Entrevistadoras: E como é a sua relação com as suas filhas?

MGS: Com as minhas filhas eu tenho uma relação aberta. Eu converso com elas e elas o que têm para perguntar para mim, eu respondo. Falo para elas contarem para mim tudo que acontecer, porque pai já não tem, eu sou mãe solteira. Então, eu tenho uma relação amigável com elas. Tenho duas adolescentes e uma que vai fazer 13 anos, quase três adolescentes.

Entrevistadoras: Quais são os nomes de suas filhas?

MGS: Janaína, Gislaine e Natália.

Entrevistadoras: Atualmente você tem algum parceiro?

MGS: Não, eu sou solteira, já tive decepções amorosas e agora que já estou ficando mais velha, já está chegando a minha idade, não quero mais não.

Entrevistadoras: E esse relacionamento durou bastante tempo?

MGS: Durou, eu tive um relacionamento de dez anos com o pai das minhas filhas. Não deu certo, depois arrumei outro e fiquei quatro anos, também não deu certo e agora estou sossegada.

Entrevistadoras: E esse primeiro é o pai das suas três filhas?

MGS: Não, de duas filhas, e o pai da mais velha já é falecido.

Entrevistadoras: E você com suas filhas moram sozinhas ou com mais gente?

MGS: Não, só a gente, só eu e elas.

Entrevistadoras: Vocês moram de aluguel ou têm casa própria?

MGS: Não, a casa é da minha mãe, só não moro com ela.

Entrevistadoras: E a sua mãe mora aqui em Assis?

MGS: Mora aqui em Assis, no mesmo bairro que eu moro.

Entrevistadoras: Você tem irmãos?

MGS: Tenho um irmão, de 23 anos.

Entrevistadoras: Você tem contato com ele?

MGS: Tenho, ele mora de “parede e meia” comigo.

Entrevistadoras: Ele não trabalha aqui na cooperativa?

MGS: Não, não trabalha aqui na cooperativa.

Entrevistadoras: E essa relação entre vocês é amigável?

MGS: Com meu irmão é, só tenho ele também, né, só eu e ele.

Entrevistadoras: E seu irmão é catador?

MGS: Não, ele trabalha registrado. Ele já trabalhou aqui, mas recebeu uma proposta para trabalhar registrado e foi para outro emprego.

Entrevistadoras: Você começou a trabalhar aos 16. Poderia contar como foram os seus trabalhos anteriores?

MGS: O meu primeiro serviço foi na Legião Mirim, quando adolescente. Depois, trabalhei na Prefeitura como varredora de rua, o contrato durava nove meses, vencia o contrato eu saía e voltava de novo. Até surgir a cooperativa, e estou aqui até hoje.

Entrevistadoras: E como você conheceu a cooperativa?

MGS: Através da minha cunhada, ela era catadora. Catava o material na rua, aí eu fiquei interessada, falei: “Vou catar também”, daí eu fui com ela. Nós duas “catávamos de meia”. Nós trabalhávamos juntas. Ela já trabalhou aqui também, mas saiu; a gente catava junto e entregava o material para a cooperativa. Depois, fui chamada para trabalhar aqui na usina, na época do lixão, aí eu vim aqui para dentro e estou aqui até hoje.

Entrevistadoras: Você conseguiu crescer aqui dentro?

MGS: É, cresci, porque hoje eu faço parte da diretoria. Há dois anos também fazia parte da diretoria, eu era diretora vogal, hoje sou a segunda secretária e coordenadora da esteira. Fui catadora da coleta seletiva e também coordenadora da coleta seletiva de rua. Para chegar a ser uma coordenadora, a diretoria avalia um grupo de pessoas, porque se você quiser ser a “tal”, não consegue nada. Então, eu fui avaliada por eles, aí logo o Claudineis, que é o presidente da Coocassis me perguntou se eu queria ficar como coordenadora da coleta seletiva. Logo eu topei. Então, a gente passou por várias capacitações. Ele me ensinou bastante, como avaliar mapa de rua, porque tem que saber mapa de rua. Então, hoje eu conheço tudo. Se alguma pessoa faz alguma coisa errada, deixa de passar em algum quarteirão, a gente já sabe e chega e conversa. Não para chamar a atenção, mas para entender o que aconteceu. Às vezes, o grupo acha que a gente pega no pé, mas não é para brigar, mas

para fazer a coisa certa, porque se não fizer certo, a gente perde lá fora.

Entrevistadoras: Teve eleição para o seu cargo ou não?

MGS: Não. Já teve a outra diretoria, que eu participava, aí fez uma que era para mais três anos. Aí eu fui convidada pelo Claudineis para participar novamente. Mas, como está acabando vai entrar uma nova diretoria que a gente ainda não sabe quem vai participar. Então, não sei se no próximo ano eu vou continuar ou não.

Entrevistadoras: E essas eleições, como funcionam? Todos participam?

MGS: A eleição é assim. A gente faz as chapas, daí o grupo de pessoas que trabalha aqui há mais de seis meses é que vai decidir quem quer votar naquela chapa e quem não quer.

Entrevistadoras: A cooperativa tem um papel muito importante na questão do meio ambiente. Vocês acreditam que estão contribuindo para preservar o meio ambiente?

MGS: Acho o meio ambiente importante, e geralmente todas as garrafas, essas coisas que ficam no bueiro, terreno baldio que as pessoas jogam fora, nós catadores temos consciência. Vamos lá e pegamos. Nós mesmos falamos para os moradores, donas de casa para não jogar fora. Toda semana – de segunda a sexta – tem coleta seletiva. A gente passa e recolhe. Só nos dias de chuva, de temporal, que não tem como ir para a rua, mas entre sol e frio, a semana inteira tem coleta seletiva. A gente orienta bastante eles. Eles jogam e a gente pega o que tiver nas caçambas mesmo, a gente pega.

Entrevistadoras: Tem gente que não separa o lixo?

MGS: Isso, e como o lixo pesado vai voltar a passar aqui na usina, vamos encontrar muito material reciclável ainda no lixo. Então, a gente tem que conscientizar muito ainda os moradores.

Entrevistadoras: Aqui em Assis, na sua avaliação, você acha que a grande maioria contribui para a cooperativa?

MGS: Então, nos bairros em que a coleta seletiva percorre, muitos são os que contribuem. No Jardim Europa, que é um bairro

bom, contribui que é uma beleza, sacos e sacos preto para reciclagem; agora têm umas vilas que é mais ou menos, essas dão um pouquinho de trabalho. Então, a gente tem que conversar e orientar eles para eles não jogarem, porque a gente passa e pega.

Entrevistadoras: Vocês fazem um duplo trabalho, de coleta e conscientização.

MGS: A gente mesmo conscientiza o morador, porque a gente já está passando na porta do morador, então, a gente pega o material. Às vezes, eles só entregam pet, mas a gente avisa que não é só pet. É caixinha de leite, um monte de coisa. A gente fala para eles separarem tudo isso que a gente leva, então não é só garrafa.

Entrevistadoras: Para você, como mulher, como é participar da direção desse trabalho?

MGS: Então, eu pensava que eu não tinha um potencial, de está sabendo os materiais recicláveis. Eu aprendi muito com Claudineis, André, que fazem parte da diretoria, seu Osvaldo, que é mais velho e um diretor, também. Além da Creuza, que entrou na diretoria, também, no ano passado. Ela não era da diretoria, esse ano ela já é. Eu aprendi muito com ela, porque a Creuza, que é a primeira secretária, tem mais entendimento com as papeladas, além da Daniela, que é a secretária. Eu já tenho mais conhecimento da rua como coordenadora, da esteira, da prensa, com os materiais. Eu já sei olhar e saber o que é certo e o que é errado; então, na parte da burocracia, de venda da cooperativa é Creuza, Claudineis e Daniela, a parte maior é deles. Eu estou nessa outra parte de materiais.

Entrevistadoras: Você vem para cá todo dia?

MGS: Eu venho todo dia, fico na esteira junto com o pessoal. Eu trabalho normal, a gente é coordenadora, mas fica junto com o grupo, leva o grupo. Tem um grupo novo que está na esteira, então a gente tem que ensinar ele. Se eles quiserem virar um dia catador, porque eles não são catadores, a gente vai orientar eles. O emprego é assim, como não tem lá fora, eles vêm aqui

procurar. A pessoa que não é um catador, tem que saber o básico, como a Creuza. Ela não era catadora, não foi catadora de rua, mas hoje ela está aqui, sabe muita coisa da cooperativa. Eu já fui uma catadora de rua. Já mexi no lixo e estou aqui fazendo o meu papel; cada um tem um papel importante, que sabe fazer, não é verdade?

Entrevistadoras: E perante os homens, por você ser mulher e participar da administração, você sente, vê algum tipo de preconceito?

MGS: Não, a diretoria tinha nove diretores. Hoje, tem cinco, porque saiu quatro. Então, a gente senta, tem reuniões toda quarta-feira, então, tudo o que se passa na semana a gente discute. Vê o que é certo e o que é errado, então, é assim que a gente funciona. Se for para mudar alguma coisa a gente muda, mas em conjunto. Não é assim “eu vou fazer sozinho, vou fazer valer”. A gente funciona assim, num todo, em grupo, para poder passar para todo o grupo depois.

Entrevistadoras: Tem algum laço de amizade entre vocês ou é só trabalho mesmo?

MGS: Então, amizade a gente tem, mas quando está lá fora a gente não deve misturar amizade com trabalho. O trabalho é o trabalho, depois é a amizade. Mas a gente conversa, depois que terminou o trabalho, aí, depois, se quiser tomar uma cerveja, isso é fora.

Entrevistadoras: Mas tem essa amizade?

MGS: Tem, tem essa amizade, lá fora, depois.

Entrevistadoras: Quando você frequentava a escola você gostava?

MGS: Eu estudei no José Augusto Ribeiro, minha infância foi ali, desde a primeira série até a quinta. Eu só parei cedo mesmo por causa da minha gravidez.

Entrevistadoras: Você gostava, então, da escola?

MGS: Gostava, depois eu tive oportunidade de voltar e não voltei, porque eu já arrumei filho, com filho é duro voltar a estudar.

Entrevistadoras: E nesse período que você trabalha aqui, já teve algum problema de saúde?

MGS: Graças a Deus não, minha saúde é perfeita, aqui tem tanta gente que se machuca, machuca braço, perna. Mas olha, graças a Deus, faz oito anos que estou na cooperativa e nunca aconteceu de eu quebrar um braço. Mas, às vezes, acontece uma fatalidade, descuido, alguma coisa. Eu, graças a Deus, nunca tive nada disso, minha saúde é perfeita.

Entrevistadoras: Para finalizar, você tem algum sonho para o futuro? Algum plano, objetivo?

MGS: O sonho para o futuro, eu acho que é ficar aqui na cooperativa, já tem oito anos que eu estou aqui. Já tem até senhora de idade que trabalha aqui que não consegue emprego lá fora e vem aqui procurar, mas eu penso comigo, trabalhar até quando existir a cooperativa, porque daqui eu não saio não.

Entrevistadoras: Mudou para você ter entrado aqui?

MGS: Mudou, como mudou. Fora os outros empregos que eu tive aqui, foi o melhor, bem melhor. Então, aqui foi uma oportunidade que eu tive, consegui minhas coisas aqui, arrumar a minha casa, então, daqui eu não pretendo sair não. Esse ano eu sendo diretora ou não sendo, vou ser uma cooperadora normal, porque isso não tem desvantagem nenhuma. A gente só é diretora e coordenadora porque, às vezes, você tem capacidade de aprender algo a mais para passar aos outros. Quando alguém não sabe alguma coisa, a gente sabe. Eu estou aqui desde 2004, então eu já sei um pouco da cooperativa, então eu posso passar o que eu sei para eles.

Entrevistadoras: Então, o seu sonho mesmo é continuar na cooperativa?

MGS: Continuar na cooperativa, porque a cooperativa não acaba, aqui é um trabalho “indeterminado”. Enquanto existir duas ou três pessoas tem trabalho, porque material reciclável não acaba nunca, sempre vai ter consumidor.

Entrevistadoras: Você mora perto da cooperativa ou é longe?

MGS: Não, eu moro na Vila Ribeiro, aliás, para baixo da Vila Ribeiro.

Entrevistadoras: E como você vem para cá todo dia?

MGS: De ônibus, tem o ônibus da cooperativa que passa nos pontos e vai pegando o pessoal e traz pra cá.

Entrevistadoras: Vocês não visitaram a exposição que teve lá na faculdade?

MGS: Se foi alguém, deve ter sido alguém daqui, mas eu não me lembro de ter ido à exposição.

Entrevistadoras: Então, qual é a sua opinião sobre esse trabalho que a gente está fazendo, que possivelmente resultará em um livro, um *site* da cooperativa. Qual é a importância desse trabalho, a entrevista, contar a sua história e das outras pessoas que estão aqui na cooperativa?

MGS: Eu acho que é importante, vocês vêm aqui, entrevistam a gente e a gente passa um pouco do que sabemos para vocês. Eu acho assim, para mostrar lá fora que não é só aqui em Assis, têm várias cidades também que precisam, tem que ter esse projeto, porque isso é uma conquista muito grande que a gente teve. Então, outras cidades vizinhas, que pretendem fazer um projeto de seletiva na cidade, eu acho muito bom. Tarumã, por exemplo, que é uma cidade pequena, não tem. E Cândido Mota já tem, está conseguindo [pôr uma] uma associação. Então, eu acho, assim, para passar para eles lá fora o que a gente conhece e já sabe da cooperativa.

* * *

8º relato: Marinusa Mariano de Souza

Data da entrevista: 31/5/2011

Transcrição: Ana Carolina de Almeida Piccinin e

Emily Yaeko Oka

Entrevistadoras: Marinusa, gostaríamos de saber se você sempre morou em Assis.

MMS: Sim.

Entrevistadoras: Em que bairro você morava?

MMS: Vila Nova Florínea.

Entrevistadoras: Está no mesmo endereço até hoje?

MMS: Sim, desde criança.

Entrevistadoras: E você morava com seus pais? Foi criada por eles?

MMS: Fui criada pela minha mãe.

Entrevistadoras: E a ligação entre vocês duas, como era?

MMS: Era perfeita, porque eu perdi o meu pai muito cedo. Assim, acho que faz um ano e pouquinho que saí de casa, agora estou morando sozinha com a minha filha.

Entrevistadoras: E vocês moram em casa própria?

MMS: Própria, própria, assim, alugada.

Entrevistadoras: Você perdeu seu pai com que idade? Você era muito nova?

MMS: Eu tinha 7 anos.

Entrevistadoras: Foi sua mãe mesmo que criou você?

MMS: Foi a minha mãe.

Entrevistadoras: E a sua infância? Você poderia contar para a gente como foi? Uma infância com brincadeiras, como era seu convívio com as outras crianças?

MMS: Bom, na verdade, como na minha casa, foi assim... [emocionada] jura que eu vou ter que falar do passado?

Entrevistadoras: Não. Se você não se sentir à vontade, não precisa falar.

MMS: É que, na verdade, teve muita tragédia, então se eu for falar eu vou lembrar muitas coisas.

Entrevistadoras: A gente entende perfeitamente se você não quiser falar...

MMS: Na verdade, foi assim, uma vida sofrida, uma vida bem sofrida entre pai, mãe, tio, avô e isso causou uma tragédia que eu acabei perdendo o meu pai.

Entrevistadoras: E você tem irmãos?

MMS: Tenho, somos acho que em nove irmãos.

Entrevistadoras: E era uma convivência boa também?

MMS: Sim, sim, era uma boa convivência.

Entrevistadoras: E você tem contato com eles, hoje em dia?

MMS: Tenho sim.

Entrevistadoras: Eles moram aqui em Assis?

MMS: Moram, moram todos em Assis.

Entrevistadoras: E eles trabalham aqui na cooperativa?

MMS: Não, só eu.

Entrevistadoras: Nenhum deles teve esse tipo de trabalho?

MMS: Não.

Entrevistadoras: Você frequentou a escola? E você gostava da escola?

MMS: Sim, terminei. Gostava muito.

Entrevistadoras: Foi uma época boa?

MMS: Foi, foi sim.

Entrevistadoras: Você estudou em qual escola?

MMS: José Augusto Ribeiro.

Entrevistadoras: Você veio para a cooperativa depois que terminou os estudos?

MMS: Sim.

Entrevistadoras: Você já trabalhava enquanto estudava?

MMS: Eu trabalhava, mas como empregada doméstica. Depois, eu terminei os estudos, engravidei e tive a Maria Júlia.

Entrevistadoras: Você conheceu a cooperativa como?

MMS: Eu conheci através da Creuza, a gente era amiga e ela já trabalhava aqui. Como engravidei, ficou difícil de arrumar serviço. Então, eu conheci a Creuza, foi através da Creuza que hoje estou aqui.

Entrevistadoras: E, atualmente, você tem algum parceiro, um namorado?

MMS: Um namorico só.

Entrevistadoras: Já faz tempo que você namora?

MMS: Faz.

Entrevistadoras: E é uma relação boa, estável?

MMS: Boa.

Entrevistadoras: Voltando a falar de sua filha, como foi essa experiência de ser mãe? O que significou para você? Foi bom?

MMS: Bom, na verdade, ser mãe é bem dizer padecer no paraíso, não vamos dizer que é fácil ser mãe. Mas a minha relação depois que eu tive a minha filha, meu parceiro me abandonou, mesmo estando grávida. Aliás, estou até hoje lutando para con-

seguir o registro dela. Mas não que seja fácil cuidar, não é difícil cuidar, mas estou sempre batalhando. A única coisa que eu pretendo mesmo é ter um registro, né. Registrar ela, só essa dificuldade, entre a vida que eu tive com ela, por o pai não aceitar.

Entrevistadoras: Então, não foi uma gravidez planejada?

MMS: Aconteceu.

Entrevistadoras: E a sua filha frequenta a escola? Trabalha?

MMS: Não, ela tem 5 anos, está no jardim ainda.

Entrevistadoras: Você já teve algum problema de saúde? Antes ou depois da cooperativa?

MMS: Não.

Entrevistadoras: Então, o motivo que trouxe você à cooperativa foi o salário mesmo?

MMS: Sim, necessidade.

Entrevistadoras: E você gostou da cooperativa?

MMS: Sim, gostei, porque, na verdade, se me pedirem para escolher entre empregada doméstica ou uma outra coisa eu prefiro aqui. Na verdade, hoje a gente está sendo bem valorizada. Então, eu acho que o papel de catador para mim é bastante importante.

Entrevistadoras: Antes você tinha trabalhado como empregada doméstica?

MMS: Sempre trabalhei como empregada doméstica.

Entrevistadoras: Com que idade você começou a trabalhar?

MMS: Na verdade, assim, eu comecei a lavar louça tinha 8 para 9 anos, por troca de bala, chiclete. Fazia isso para o pessoal ali da [vizinhança]. Mas já trabalhei na roça também: carpi soja, colhi algodão. Depois, fiquei só como empregada doméstica até eu achar outro emprego.

Entrevistadoras: E quando você entrou na cooperativa, começou na catação, ou já começou aqui dentro?

MMS: Eu comecei aqui dentro, depois comecei a ir para rua. A experiência a gente tem aqui dentro primeiro. Depois é que a gente sai para a rua e vai conhecendo todo o trabalho.

Entrevistadoras: Você tinha alguma ideia sobre a cooperativa antes?

MMS: Não, não conhecia.

Entrevistadoras: Você tinha a intenção de continuar aqui quando você entrou ou era só uma coisa temporária?

MMS: No começo, para mim, foi difícil, muito difícil, apesar de que nenhum serviço é fácil.

Entrevistadoras: Qual a importância da cooperativa para o meio ambiente?

MMS: Então, é muito importante, mas seria mais importante se os moradores colaborassem, separando a coleta do lixo, pelo menos a gente não iria sofrer tanto.

Entrevistadoras: Na verdade, vocês têm que fazer um duplo trabalho, de pedir e até conscientizar a pessoa que não separa o lixo.

MMS: Mas tem gente que ainda fala que não tem material, não é difícil separar, mas para isso tem que se conscientizar.

Entrevistadoras: E a relação com as pessoas da cooperativa, vocês têm amizade ou é só trabalho mesmo?

MMS: Na verdade, a gente tenta conseguir amizade com todos, porque é difícil você trabalhar em um ambiente sendo mal-humorado, a gente tenta se relacionar bastante com o pessoal daqui. Na verdade, trabalhar com os seres humanos não é fácil, daí você tem que fazer o possível e o impossível, deixar os seus problemas na sua casa e vir para trabalhar. Aqui estou e vamos lutar.

Entrevistadoras: Então, essa amizade que vocês têm aqui vai para fora também?

MMS: Sim, sem dúvida. A gente tenta pelo menos sair daqui bem, para poder construir um mundo melhor lá fora; o que seria com os moradores das casas, já pensou chegar emburrada?

Entrevistadoras: E você tem alguma atividade de lazer preferida, que você gosta?

MMS: De beber, fazer churrasco com os amigos, muita cachaça nessa vida.

Entrevistadoras: De fim de semana?

MMS: Isso, mas a gente é tão teimoso que, de vez em quando, a gente faz no meio da semana mesmo.

Entrevistadoras: Com o pessoal aqui da cooperativa?

MMS: Isso, os amigos são mais aqui, às vezes esquece que tem amigos lá fora, já começa aqui na segunda e termina no domingo.

Entrevistadoras: Com esse cargo no Conselho Fiscal, os homens respeitam você?

MMS: Pergunta difícil essa, sim, respeitam sim.

Entrevistadoras: Não tem nenhuma diferenciação entre os homens e as mulheres?

MMS: Não, não.

Entrevistadoras: E para você, qual a importância de estar nesse cargo como mulher, de estar em um cargo elevado aqui dentro da cooperativa?

MMS: Primeiramente, assim, a pessoa que exerce esse cargo no Conselho Fiscal tem muita responsabilidade. Para mim é muito bom e se der eu vou continuar para poder dar um andamento melhor.

Entrevistadoras: E você tem algum sonho para o futuro? Casar? Ter mais filhos? Continuar na cooperativa?

MMS: Bom, continuar na cooperativa, construir realmente uma família e o meu maior sonho mesmo é conseguir o registro da minha filha, que é uma batalha muito, muito grande. E, por ela ter somente 5 anos é uma coisa que vai construindo, na cabeça e aí vêm as perguntas: “Por que fulano tem pai e eu não tenho?”. É uma coisa difícil de explicar.

Entrevistadoras: Ela questiona bastante isso?

MMS: Muito, muito, pensa em uma menina inteligente, só não sei para quem puxou.

Entrevistadoras: Você visitou a exposição que ocorreu lá na faculdade?

MMS: Não, então, é que para a gente está sendo bem corrido, porque já tem duas ou três semanas que a gente está traba-

lhando até as sete. Então, como a gente tem bastante material acumulado e vai voltar a passar o lixo, então, a gente não conseguiu ver ainda.

Entrevistadoras: E o que você acha desse trabalho que a gente está fazendo de coletar as entrevistas de vocês para futuramente fazer um livro sobre o grupo, você acha importante?

MMS: Sim, é importante, pelo menos para nós, que somos catadores, pelo menos as pessoas sabem lá fora, conhecem bem nosso trabalho e dê mais importância, é bom.

* * *

9º relato: Noêmia Virgínia Vitor

Data da entrevista: 15/8/2011

Transcrição: Danillo Rosa

Entrevistadoras: Então, Noêmia, você sempre morou em Assis, conta pra gente onde você morava, como que era esse lugar. Se você se mudou depois?

NVV: Antes, eu morava em Marília. As coisas para nós estavam muito difíceis. Eu sempre morei na cidade de Assis. Mas é como se diz, devido um problema da separação, que eu era amasiada na época, então, para mim, poder ter sossego, eu fui embora para Marília com meus três filhos. Depois, eu voltei para cá, para Assis. Voltando para cá eu estava desempregada. Aí, eu e a Creuza, que a Creuza hoje faz parte da diretoria – Creuza também morava comigo em Marília –, a gente veio para cá e falamos com a Sandra que na época fazia parte da diretoria. Aí, a Sandra falou para nós que estava precisando de pessoas para trabalhar aqui. Só que nós tínhamos que fazer a coleta seletiva, a coleta de rua empurrando carrinho junto com outras mulheres. Aí, depois que eu fui gostando do projeto. No começo deu vergonha, porque a gente nunca tinha feito esse tipo de serviço. A minha mãe, ela já é catadora há 25 anos, ela já trabalha com material reciclável. Por causa de estar

desempregada, eu comecei a trabalhar aqui na cooperativa e eu estou até hoje. Através desse serviço eu pagava aluguel, e através desse serviço eu consegui comprar minha casa própria, que hoje é onde meus filhos moram, graças a Deus. Eu estou muito feliz, viu? É um serviço que, às vezes, muitos falam: “Vocês não têm vergonha, não?”. A gente não tem que ter vergonha do que a gente é. É um serviço digno, igual a qualquer outro serviço. Já trabalhei na esteira, né. Trabalhei na esteira com as meninas. Já trabalhei no lixo, já fui coordenadora da esteirinha do material reciclável. E, hoje, devido um problema meu de saúde, então eu não estou podendo ir para a rua. Mas eu gosto mesmo é de está na rua com eles, catando material reciclável. Então, eu estou hoje na cozinha.

Entrevistadoras: Você está com algum problema de saúde?

NVV: Estou com um problema de saúde. Em 2008, eu fiz uma cirurgia, essa cirurgia não foi bem-feita. Então, agora eu preciso, lá para janeiro ou fevereiro, fazer outra. No momento, eu não estou podendo pegar peso, não posso está empurrando carrinho. É por isso que eu estou na cozinha, ajudando a Terezinha, né? Eu sou ajudante dela no serviço que tem na cozinha.

Entrevistadoras: E antes disso, você já teve algum problema de saúde?

NVV: Não tive, não.

Entrevistadoras: Noêmia, vamos voltar um pouquinho para saber mais da sua vida, na infância. Você se lembra de alguma coisa de sua infância e adolescência?

NVV: Oh! Quando nós éramos crianças a gente morava no sítio, na Fazenda Novo Destino. Lá eu vivi até os 10 anos com meu pai e minha [mãe]. Depois, a gente veio embora para a cidade de Assis. Então, a gente sempre morou aqui. Meu pai bebia muito. Era alcoólatra e por causa disso era briga constante dentro de casa; e eu já não aguentava mais aquelas brigas. Meu pai batia na minha mãe, eu entrava no meio. Então, a gente adolescente, criança praticamente, com 12 para 13 anos e vendo uma situação dessas. Nós vivemos a vida assim. Aí eu saí da casa dos

meus pais com 13 anos. Aí, eu conheci um rapaz, né. Comecei a namorar ele. Eu trabalhava na roça cortando cana.

Entrevistadoras: Você já trabalhava? Foi seu primeiro emprego?

NVV: Já, já trabalhava. Foi meu primeiro emprego. Trabalhava na usina Sobar de Maracaí. E lá a gente cortava cana. E aí eu conheci esse moço lá, que é o pai da minha filha mais velha. E depois disso, a gente – que na época não era namoro – fugiu, né? Hoje, é ficar. Então, na época eu fugi com ele, na idade dos 13 anos. Aí eu vivi com ele quatro anos. Depois, também foi mais uma quebrada de cara. Aí eu separei. Criei a minha filha praticamente sozinha, sempre trabalhando na roça. Era colheita de café, era corte de cana, era na época carpa de soja que nesses tempo ainda existia. Agora já não tem mais. Então, a gente trabalhou muito na roça, e antes de chegar até aqui. Trabalhei também bastante de empregada doméstica, né, com meus 14, 11 anos. Eu morava na casa da dona Rafida e do seu José, pai do doutor Salim.

Entrevistadoras: Você se separou do seu marido e foi morar com eles?

NVV: Não, antes de eu me separar do meu marido. Eu trabalhava de empregada doméstica para poder ajudar minha família. Eu morei nessa casa também de empregada. Foi depois que eu conheci ele, que foi na roça.

Entrevistadoras: E você tinha irmãos?

NVV: Tenho. Tenho cinco irmãos. Nós fomos ao todo catorze irmãos. Mas vivo, com a gente, cinco. Tem uma irmã minha que trabalha aqui também. Minha irmã mais velha também trabalha aqui; tem minha filha que trabalha lá no barracão, na prensa.

Entrevistadoras: Eles vieram depois que você veio trabalhar aqui?

NVV: Depois de mim, através de mim eles vieram para a cooperativa. Eles viram que o projeto era bom. Antes, todo mundo falava, assim: “Não vai trabalhar lá? Você está doida? O pessoal não paga. Onde se viu trabalhar num lugar assim?”. Mas mesmo assim eu tentei, gostei e estou aqui.

Entrevistadoras: Quando você veio, tinha a intenção de ficar aqui ou era temporário?

NVV: Não tinha. Era temporário. E nesse temporário já estou aqui há seis anos.

Entrevistadoras: E com seus pais, você não teve mais contato?

NVV: Não. Eu me separei do meu marido. Eu aluguei uma casa, fui morar sozinha. Aí, eu conheci meu segundo esposo, que eu achei que ia ser um mar de rosas. Só tomei na cabeça. Aí, eu tive meu casal de filhos, que é o Elielson e a Taís, que trabalha no barracão. O Elielson está com 22 anos e a Taís tem 20, que é do meu segundo casamento. Também foi outra decepção. Marido alcoólatra, drogado... Eu vivi 22 anos com ele. Aí, eu me separei. Foi quando eu fui embora para Marília, para depois eu chegar até aqui a cooperativa.

Entrevistadoras: Para romper mesmo os laços?

NVV: Isso. Depois de três anos, agora em 2007, mataram ele. Aí, eu sou viúva, né? Sou viúva do meu segundo marido. Hoje, eu tenho outro esposo, já está no terceiro, [risos] que a fila anda.

Entrevistadoras: E a escola?

NVV: Então, meu anjo, é assim, eu tenho muita vontade de voltar a estudar. Mas naquele tempo, meu pai dizia que filha mulher não precisa estudar. Filha mulher tinha que saber limpar, lavar e cozinhar. Então, a gente era de uma família, assim. E como a gente morava no sítio, lá a gente cortava arroz e colhia café. Então, para ele, era mais lucro nós na roça do que na escola, né? Aí, foi quando os anos se passaram e hoje eu estou com 39 anos e não voltei a estudar mais. Mas eu tenho vontade de voltar a estudar. Eu acho que nunca é tarde, né. Uma vez eu assisti na televisão, que uma senhora de quase 70 anos [estava] fazendo faculdade. Então, pretendo um dia...

Entrevistadoras: Voltar a estudar?

NVV: Voltar a estudar sim.

Entrevistadoras: E os filhos, como que foi a experiência de ser mãe?

NVV: Ah! Eu falo uma coisa devido todos os problemas, todos os sofrimentos, para mim valeu a pena. Porque é a coisa mais

importante. Em primeiro lugar, Deus, minha mãe e meus filhos. Então, foi com muito sacrifício, muito esforço, mas eu criei todos eles. Hoje, eles já são casados, hoje cada um já adquiriu sua família. Sou avó de seis netos maravilhosos que para mim é um orgulho. Os outros falavam que amor de avó é mais que o de mãe. Eu achava, mais será que é verdade? Então, agora eu tenho essa experiência, eu amo meus seis netos. Amo de paixão eles. Então, para mim a família, por tudo que eu passei, eu tento tirar essa nuvem negra atrás de mim e pensar só nessas coisas boas que são meus filhos, meus netos, meu genro, minha...

Entrevistadoras: Você começou aqui na cooperativa, na rua. No começo você falou que tinha um pouco de vergonha?

NVV: Tinha, bastante. Eu sempre brincava com a minha amiga Creuza, a gente sai para a rua para catar os carrinhos, para sair nas vilas, nos bairros, né. Aí eu falava para Creuza não esquecer que nós estávamos precisando. Ela separada, eu também. Então, nós falávamos dessa forma: “Não esquece que nós estamos precisando”. E nós estamos aqui. Hoje, ela faz parte da diretoria, graças a Deus, para chegar onde chegou. É uma responsabilidade a mais que muitos falam: “Ah, mas está lá dentro, lá é mamão com açúcar”. Mais sossegado é onde nós estamos. Para eles, lá a responsabilidade é bem mais forte, bem mais complicado.

Entrevistadoras: Então, o que mudou em sua vida?

NVV: Nossa, como mudou! Jamais você via que eu fosse essa mulher alegre, feliz, que graças a Deus, sabe? Assim, trabalhando com o povo, convive com um, convive com outro, com os moradores, sabe? Assim, a gente tem autoestima. Antes eu não tinha, eu era uma pessoa muito triste. Eu era uma pessoa que, às vezes, eu estava até em depressão, né? Então, hoje não. Hoje eu vejo meu horizonte lá fora completamente diferente. Eu tenho vontade daquilo, eu vou comprar. Quando que imaginava que eu ia ter uma casa? Que eu vivia de aluguel. Quando que eu ia imaginar? Em meus casamentos, eu só tive coisas

usadas, eu nunca pude ter uma coisa nova. Uma que o marido que tinha não ajudava, e tudo que punha em casa era destruído. Então, hoje não. Tenho meu jogo de cozinha maravilhoso, tenho minha casa. E vou e volto a hora que eu quero. Deus preparou outro marido maravilhoso para mim que é o irmão da Creuza, né. Que hoje, a Creuza além de ser minha grande amiga, ela é minha cunhada. Então, sabe assim? São coisas que você foi tentando conquistar, que valeu a pena. Por tudo que você passou lá trás, valeu a pena aqui na frente. Sem luta [não há] vitória, né?

Entrevistadoras: E as amizades aqui na cooperativa, são somente colegas de trabalho ou vai para fora daqui?

NVV: Não. Não. Eu, eu aqui, eu tenho convívio com eles aqui dentro. Assim, às vezes, muito difícil, eu vou visitar a Marilusa, na casa dela, vou na casa da Creuza. Mas, já na casa das outras meninas, o nosso dia a dia ele é muito corrido. Mas eu tenho um vínculo bom com eles aqui dentro, graças a Deus, me dou bem com todo mundo: brinco e converso. E, também, rimos. Porque aqui nós somos uma família, né. Então, para as coisas aqui poder dá certo e para nós poder viver bem, nós têm que ter uma amizade boa. Então, aqui dentro, graças a Deus... Lá fora, a gente às vezes se encontra no supermercado, no açougue, ou às vezes até na avenida.

Entrevistadoras: O que você gosta de fazer quando tem um tempinho fora da cooperativa, de lazer?

NVV: Eu vou muito na igreja. Baile, essas coisas, eu não vou não.

Entrevistadoras: Mais na igreja?

NVV: Mais assim, eu vou na igreja católica, todas as quartas-feiras. Agora, como nós estamos trabalhando até a noite, eu estou em dívida com Deus. Mas, sempre que eu posso, eu vou na igreja no final de semana. Eu gosto muito de visitar meus filhos, sabe? Passar o final de semana com eles.

Entrevistadoras: Eles moram aqui?

NVV: Eles moram. Eu comprei a minha casa e eu pedia para Deus um cômodo só, e Deus me deu oito porque me achou merece-

dora. Aí, eu conheci o irmão da Creuza, que é o que eu convivo hoje, com ele. A gente comprou o terreno e construímos uma casinha de dois cômodos, área de serviço, tudo muito bem-feitinho. Aí, a gente mudou pra lá. E essa casa minha que eu comprei eu deixei para os meus filhos. Moram nessa casa Elielson com a esposa, a Taís com o marido e os filhos. A Taís e o Elielson moram em três cômodos, a Tamires mora em três e ficaram dois fechados que era aonde eu vivia. Então, agora a Taís vai reformar esses outros dois e vai puxar mais um, para poder se transformar em três, que a Taís, ela vive de aluguel. Então, essa casa eu deixei para eles.

Entrevistadoras: Você tem algum sonho para o futuro?

NVV: Tenho. Nossa! Como eu tenho. Se a gente não tiver sonho a vida nossa não é nada. Eu sonho assim, sabe? Quero tirar minha carta; quero voltar a estudar, esse ano ainda não, porque as coisas estão apertadas. Mas, no ano que vem eu quero voltar a estudar. Pretendo fazer uma faculdade, em nome do Senhor Jesus que eu vencer, sabe? E que isso aqui fique melhor do já está. O sonho nosso é ver isso aqui bombando.

Entrevistadoras: E vai continuar aqui na cooperativa?

NVV: Se Deus quiser. Às vezes a gente não sabe, né? A gente faz um plano e Deus faz outro, mas não pretendo sair não. Não pretendo que foi aqui que tudo começou, né. Eu acho assim, que a gente nunca deve cuspir no prato que comeu. Então, por enquanto, está dando tudo muito certo. O pessoal, graças a Deus, eu acho que eles não têm muito do que reclamar que a gente tenta fazer o que pode.

Entrevistadoras: Você acha que tem alguma importância esse trabalho que estamos fazendo de registrar essa experiência?

NVV: Com certeza. Acho que através do estudo de vocês também, né. Que é um curso que vocês também devem está correndo atrás. E bom é que a gente também começa a se conhecer, né? É bom, assim, a gente dividir e compartilhar as alegrias que a gente sente com as outras pessoas, né? Só o fato de eu está aqui falando com vocês duas para mim está sendo uma satisfação

muito grande. Eu não imaginava que hoje eu ia falar com duas pessoas tão maravilhosas assim! Eu acho que é isso. Falei bem? Falei alguma coisa errada?

* * *

1º relato: Vilma Rodrigues Cipriano Soares

Data da entrevista: 1º/7/2011

Transcrição: Sheila Misaella Barbato Marcondes

Entrevistadoras: Qual a data de seu ingresso na cooperativa, Vilma?

VRCS: Eu comecei na cooperativa quando a professora Ana Maria e o professor Carlos Ladeia estavam fazendo o projeto e eles estavam fazendo a reunião lá na UNESP, depois foi no barracão. Então, antes da gente vir para o Parque de Reciclagem, a gente tinha uma capacitação para poder entrar. Na realidade, eu mesma não sabia o que era isso. O que era ser catador. Para mim, os catadores eram aqueles que catavam na rua, no lixo. Assim, era novo também porque ninguém entendia o que é isso: trabalhar, ter regra, ter salário. Então, foi aonde que surgiu a Ana Maria e o Carlos, começou a fazer capacitação, conversar com a gente, explicar que a gente era uma economia solidária, que agora a gente ia participar de todo o programa da coleta seletiva, que não era coleta seletiva o programa da coleta. Que a gente ia participar, eles iam fazer companhia a gente ia trazer o material, a cooperativa, ia pegar e eles já trazia reciclado e a cooperativa ia comercializar naquela época. Daí, nesse intervalo, veio uma frente de trabalho da cooperativa, dos catadores de materiais reciclável. Então, qual foi essa frente de trabalho? Foi que nós começamos a pegar material no lixo. A esteira, então, tinha os catadores individuais da rua que era cooperado. Eles vinham, traziam e entregavam na cooperativa e essa frente de trabalho que era o segundo pessoal da cooperativa. A gente vinha para a esteira, aqui no lixo. E eu, na época, eu nunca trabalhei de catadora. Naquela época, eu não sabia o que era, mas

só que eu trabalhava na esteira. Eu já era uma catadora no lixo, mas eu não percebia. Eu trabalhei 14 anos nessa esteira, no lixo, mas eu não entendia o que era isso. Ninguém falava nada de catador, e era uma coisa muito nova, mas como eu tinha experiência na esteira e os outros não tinham. Então, eu fiquei na cooperativa para ajudar na esteira. Desde então eu trabalhava na cooperativa, e por causa de dinheiro. Eu não queria nem saber, tendo meu dinheiro no fim do mês, beleza. Então, eu fazia o que mandava. Eu não queria nem saber. E foi engraçado, que a partir desse momento que eu vi aquelas turmas fazendo reuniões, eu falei. Para que isso, né? Eu não sei se firma tem isso. Bom, era meu pensamento, né. Daí vinha, falava uma coisa, falava outra, eu falei assim: “Caramba, o que será que é isso?”. E foi indo, eu fui me envolvendo, eu sou muito curiosa. Eu gosto de saber das coisas, eu não gosto de falar no vazio. Foi indo, aí ia perguntando para Ana Maria porque eu tenho muito intimidade assim de conversar sobre o projeto, sobre a cooperativa com o professor Carlos Ladeia. Eu chegava: “Professor, o que é isso?”. Ele sentava, ele explicava. Então, nisso daí, eu fui me envolvendo na cooperativa, eu fui pegando gosto. Daí eu já comecei fazer e entrei de coordenadora de limpeza; de coordenadora de limpeza eu já fui para coordenadora de turma aqui dentro. Era tudo aqui, não tinha coleta seletiva na época, ainda; isso era tudo aqui dentro. Daí tinha projeto e tinha gente que nem sabia lê, que nem sabia escrever e a Ana Maria pedia para a turma ir para o Mobral. E vai, a cooperativa está fazendo projeto dentro dela. Eu estou vendo a coisa andar. Eu falei: “Meu Deus esse negócio é sério”. Eu vou me envolver nisso. Comecei a me se interessar. Daí eu já não trabalhava mais pelo dinheiro, só para mim. Daí, já queria participar: “Não vai jogar esse material fora que isso é dinheiro”. Eu já comecei catar, já comecei a passar nos amigos. Então, foi essa evolução que eu tive na minha cabeça que abriu meu QI. Bom, tá tudo bem, né, depois eu falei assim: “Mas como que a gente vai sair desse lixo? Tem que ter alguma coisa para sair do lixo”. E nesse intervalo veio a

Ana Maria e o Carlos com o projeto de coleta seletiva. Eles conversaram com a gente, que são os mais velhos que estavam aqui. Falei: “Nossa, isso daí é muito bom, né”. A gente na rua pega o material limpinho, né. Eu comecei a imaginar, né, a gente lá e tal. Daí, quando foi um belo dia surgiu o projeto, foi trabalhado como antes, capacitação, como mexer, como conversar com a dona de casa, que o catador não era mendigo. Era gente civilizada, que tinha que saber conversar. Nesse intervalo que entrou a coleta seletiva na rua veio o Mova Brasil aqui dentro que são aulas populares. Nessa aula popular, a gente vinha de manhã e a gente ia para a escolinha. A gente quando era sete e meia a gente tomava café na escolinha quando era oito e meia a gente ia para a rua que a gente tinha que ter uma aula que era um projeto que veio lá de São Paulo. Lá do comitê estadual esse projeto era de catador para catador, mas como não tinha nenhum catador que sabia fazer alguma coisa, então, veio – que nem aqui em Assis – um estagiário da UNESP e um catador junto, para ir pegando o gosto da coisa, para vê como que era, né. Eu sentei naquela mesinha lá e eu comecei me lembrar. Eu falei: “Poxa, bem que eu poderia estudar, né. Bem que eu poderia fazer alguma coisa para me ajudar e a meus companheiros porque aqui vai precisar um dia”. Eu pensei, mas não dei bola, depois eu comecei amadurecer essa ideia, e eu fui observando que a voz do catador para catador é diferente. E daí eu resolvi fazer um vestibular.

Entrevistadoras: Como foi esse vestibular?

VRCS: Eu fui à Unip. Fiz vestibular, mas eu tinha que pagar uma taxa para entrar, né. E eu não tinha dinheiro para pagar matrícula. Eu falei assim: “Mas nem por isso eu vou deixá de estudar”. Comecei a pensar. Quer saber de uma coisa? Eu vou fazer uma rifa. Do quê? Peguei, fiz uma rifa de cinco litros de gasolina ou de álcool, mas daí eu já tirei da mesma rifa que era quinhentos reais para fazer a matrícula na época e a papelada. Minha filha, eu tirei esses quinhentos reais em dois dias. Vendi

essa rifa, fiz a matrícula, depois eu comecei pensar: “Aqui não vai dá para estudar não, porque eu vou ter que vir todo dia. Eu não vou aguentar porque estou trabalhando na cooperativa”. E aí eu fui lá na Unopar, vi tudo certinho, né. E comecei a estudar lá na Unopar, fazer uma vez por semana.

Entrevistadoras: Você foi para estudar o quê?

VRCS: Pedagogia.

Entrevistadoras: A distância?

VRCS: A longa distância. Nesse intervalo eu tinha feito Prouni.

Entendeu? Porque eu já estava com um pensamento de estudar. Daí veio a minha chamada, eu tinha passado no Prouni. Daí eu ganhei a bolsa e fiz lá na Unopar. Terminei o ano passado. Na minha faculdade, fiz Pedagogia. Porque eu fiz Pedagogia? Porque eu estava trabalhando na Prefeitura, e na Prefeitura eu trabalhei muito tempo lá. Daí, quando veio essa história de catadores, da cooperativa que eu falei que eu não estava entendendo nada. Daí que eu vim entender o quanto é valorizado o catador. Desde que a pessoa entenda que o trabalho que eu estou fazendo, isso desenvolve muito mais o projeto. Entendeu? Que nem eu falei, eu trabalhava por dinheiro, hoje não é mais assim. Hoje, eu trabalho porque eu estou vendo a necessidade do meio ambiente. Hoje, eu estou sentindo, eu me aprofundi nesta história. E o dinheiro para mim, é claro que é válido, mas não é tão mais do que o projeto em si.

Entrevistadoras: Então, antes de entrar aqui você não tinha essa consciência de preservação?

VRCS: Nada, nada, nada para mim, minha filha, eu estava ganhando dinheiro, o resto era resto.

Entrevistadoras: Então, você já trabalhava na cooperativa antes que a Ana Maria e o Carlos chegassem e começassem com esse projeto?

VRCS: Não, eu trabalhava na Prefeitura aqui no parque, na esteira, passando lixo e a gente tirava os materiais do lixo, mas não era tudo. A gente só tirava o papelão, as latas e latinha que tinham

as prensas. E nós da Prefeitura, a gente fazia o quê? Prensava e quando chegava um determinado tempo, acho que era de seis em seis meses, eles faziam um leilão aqui e vendiam para fora.

Entrevistadoras: Então, você já está nisso antes do início do projeto?

VRCS: É, isso daí é antes do projeto.

Entrevistadoras: Então, você viu toda essa evolução?

VRCS: Eu vi.

Entrevistadoras: Até chegar hoje na cooperativa.

VRCS: Até chegar. Então, na época que eu vim para a cooperativa, foi a época que eles começaram falar desse negócio de catador. Eu falei, mas catador? Mas que profissão é essa? Eu nunca vi falar profissão de catador. Nunca vi falar que catador tem alguma coisa, sei lá, eu vou vê. E naquela época, quando eu fui a primeira vez na reunião, lá na UNESP, eu ainda estava na Prefeitura. Eu queria vê, eu queria saber. Na segunda reunião, eu já pedi a conta da Prefeitura. Entendeu? Daí eu fiquei um mês afastada daqui. Saí, fiquei afastada porque nós fizemos um mês de capacitação antes de entrar aqui. Daí, eu me envolvi com a turma, mesmo não entendendo o que estava se passando. Eu sabia que era um negócio bom, todo mundo falava: “É um negócio bom”. É, verdade, vai ganhar bem? Vai. Ah, então eu vou para lá. Foi aonde que eu fui pra lá e depois que eu entrei mesmo que eu vi que o negócio era muito sério, menina. Eu hoje eu não trabalho pelo dinheiro. Então, eu trabalho assim, eu gosto de pensar muito, sabe? De pensar o que vai fazer uma coleta lá que está lá no meio do caminho e tem um lixo para passar e a gente não tem esteira suficiente. Então, é a hora de eu colocar a minha cabeça para trabalhar, porque lá atrás eu tive muito curso de capacitação, de liderança, curso de logística estratégica. Então, quando entra esse tumulto, então é a hora de eu jogar a cabeça lá trás e buscar.

Entrevistadoras: E lembrar tudo.

VRCS: É, lembrar alguma coisa para salvar o grupo. Então, não só eu, como tem várias amigas minhas que fizeram junto comigo. Eu chamo, vamos conversar; vamos vê o que a gente faz.

Então, muitas das vezes dá certo, mas muitas das vezes não dá não. [Risos.] Eu sei dizer que a Cooperativa de Catadores de Materiais Recicláveis, esse projeto, até hoje eu luto para que não acabe. Porque esse projeto foi um objetivo meu. Eu larguei tudo que eu tinha na minha vida para entrar nesse projeto. Eu larguei casa, larguei tudo. Que eu queria vê esse projeto ir para frente. Não, esse foi meu objetivo por caso que estava também muita gente desempregada. E hoje eu falo com gosto, é muito lindo. Hoje, você vê esses jovens procurando a cooperativa, querendo trabalhar aqui. Entendeu? Então, você passa para eles o que você aprendeu. Eles não querem saber mais se no fim do mês vai receber bônus, se não vai. Têm muitos jovens aqui dentro que eles querem levar esse projeto para frente, eles não querem parar. E, na época, lá atrás, nós pensávamos nos nossos filhos, nos nossos netos, que a cooperativa é um giro, vai girando de mãe para filho, e filho e assim vai, né. E a gente pensava nisso. E se sabe que já está acontecendo isso aqui. Nossa, eu fico tão feliz. Nós temos uma catadora que hoje a filha dela trabalha aí no escritório com a gente. E ela é uma pessoa que desenvolveu tanto, que a gente se admira de vê que ela está integrada ali no meio dos catadores. E eu penso assim, e se fosse outra pessoa lá fora, será que estava envolvida desse jeito como ela está? É a Daniela, essa menina que trabalha aí. Deu certo o projeto. Tem muita coisa que tem que ser lapidada nas cooperativas. Entendeu? Tanto essa como em outras tem que se lapidar ainda, mas que o projeto de Assis deu certo. Deu, e agora só falta dá umas lapidadas porque, conforme vai passando o tempo, as coisas vão se renovando. Alguma coisa do passado vai ficando, tem que renovar. Ah, eu não sei, eu gosto daqui. Olha, sinceramente, um dia eu vou ter que sair daqui; esse dia vai chegar, mas eu...

Entrevistadoras: Não tão cedo.

VRCS: Não, eu não quero ver essa hora chegar. Não quero mesmo porque eu gosto daqui. E não é só eu não, todo mundo que entra aqui não tem coragem de sair.

Entrevistadoras: É geral assim?

VRCS: É geral.

Entrevistadoras: Fale um pouco da sua vida. Você sempre morou aqui em Assis?

VRCS: Então, eu morei aqui em Assis desde quando eu nasci. Faz 53 anos que eu moro aqui. E dentro desses 53 anos, eu trabalhei [sempre]. Na verdade, eu não tive a minha infância. Eu morava num asilo. Morava num asilo junto com a irmã Eugênia. Eu estava com 7, 8 anos de idade. Minha mãe tinha que trabalhar e não tinha onde deixar a gente. Não existia creche naquela época. Daí, eu fui morar com os velhinhos no asilo. Daí eu morei lá até os 13 anos mais ou menos, se não me falha a memória. Daí, eu comecei a morar com famílias que iam visitar o asilo. Eu morei um tempo com a dona Pimpa. Depois da dona Pimpa, eu morei com a família Silva, morei com eles. Depois quando eu tinha uns 15 anos, eu fui morar com a minha mãe. Daí eu fui trabalhar como boia-fria para ajudar ela, porque a gente queria comprar um lote. Daí, eu comecei a trabalhar como boia-fria. Eu carpia café, carpia soja, colhia algodão, colhia café. Quando eu tinha 20 anos, eu parei de estudar.

Entrevistadoras: Então você chegou a terminar o terceiro colegial?

VRCS: Lá fora eu terminei o terceiro, antes de entrar aqui. Mas tudo em supletivo. Porque, às vezes, quando eu ia uma semana na escola a outra semana já não dava para ir porque eu não batia horário de serviço. Daí, quando eu estava com 21 anos, eu entrei numa casa de família para trabalhar. Maria Nunes, hoje ela é minha comadre. Eu trabalhei lá muito tempo. Não lembro quanto tempo foi; eu sei que foi muito tempo. Depois, eu casei lá. Eu acho que trabalhei lá uns vinte anos mais ou menos. De lá é que eu entrei na Prefeitura. Depois da Prefeitura eu vim para a cooperativa.

Entrevistadoras: Então, sua infância foi só trabalho e estudo?

VRCS: Só trabalho.

Entrevistadoras: Brincadeira e convívio com as outras crianças como foi?

VRCS: Nunca tive. É o que eu falo, eu não tive infância e hoje em dia eu vejo essas crianças que as mães vão trabalhar e não têm lugar para deixar as crianças. Porque sábado, não funciona a creche, não funciona nada, né. Eu estava pensando em fazer um projeto para cooperativa, para ficar com essas crianças no sábado, feriado. Hoje é feriado, tem criança que veio para cá junto com a mãe. Isso daí não pode. É risco para uma criança está aqui.

Entrevistadoras: E o seu pai, você conheceu?

VRCS: Ah, o meu pai, ele largou da minha mãe quando minha mãe estava grávida de mim. Ele foi embora. Eu convivi um pouco com a minha mãe depois que eu casei. No terreno que eu, a minha mãe e a minha irmã compramos, nós construímos uma edícula. Eu e meu marido, nós fomos morar lá. Foi onde que eu comecei a conviver com minha mãe, mas daí a minha mãe faleceu. Daí o meu pai apareceu, depois de 43 anos.

Entrevistadoras: Você nunca tinha tido contato com ele?

VRCS: Nunca tinha visto. Eu tinha uma paixão de saber quem era meu pai. A minha mãe nunca jogou eu contra meu pai, nunca. Ela sempre falava, seu pai é muito bom, trabalhador. E ela não falava o porquê a gente se separou. Eu perguntava e ela falava que a relação não dava certo, que os pensamentos eram diferentes. A minha mãe era analfabeta, ela não sabia nada. E ela já tinha aquela educação do berço. Então, ela passou cada coisa para mim, para minha irmã enquanto ela viveu com a gente quando era pequena. Foi uma educação muito rígida que ela passava para gente, não mexer nas coisas dos outros, não brigar, quando tiver briga vocês saem de perto. Até hoje eu sou assim, se eu vejo uma briga ou eu choro ou saio de perto. Eu morro de medo de briga. Não gosto de confusão, odeio confusão, não gosto de como que as pessoas me tratem de jeito diferente dos outros, entendeu? Eu gosto de ser tratada que nem

todo mundo é tratado. O pouco que eu convivi com minha mãe ela passou muita coisa boa para mim. Então, foi assim. Minha mãe conviveu de um lado, meu pai do outro e eu no meio com outras pessoas.

Entrevistadoras: E quando o seu pai apareceu como foi esse encontro?

VRCS: Ah, foi uma surpresa. Quando ele apareceu, eu tinha mais irmãos, eu não sabia que ele tinha outro casamento. Hoje, eles vão a minha casa, eu vou à casa do meu irmão. Eles têm uma situação financeira mais do que eu, do que minha irmã. Eles são estudados. Eles têm sítio e têm uma situação financeira bem equilibrada. As outras primas minhas, uma é diretora, outra é professora, a outra é dona de sei lá das quanta, né. Então, todos eles que ficaram do lado meu pai tiveram oportunidade na vida. Agora, quem ficou do lado da minha mãe não teve porque a vida da minha mãe foi trabalhar. E o que ela passou para nós foi o trabalho.

Entrevistadoras: Foi só você e mais uma irmã?

VRCS: É. Eu e minha irmã.

Entrevistadoras: E a sua mãe trabalhava com quê?

VRCS: A minha mãe trabalhava num restaurante.

Entrevistadoras: Restaurante.

VRCS: Do Juca, na época.

Entrevistadoras: E sua irmã não trabalhou como catadora? Não trabalha aqui na cooperativa?

VRCS: Não, não. A minha irmã, quando nós saímos do asilo, ela foi morar com uma mulher e ela ficou morando com a dona da Friassis. E ela ficou morando com ela até casar-se. Daí, ela entrou na Prefeitura e até hoje ela está na Prefeitura. O meu caso já foi diferente. Eu comecei a conhecer vários caminhos da vida. A minha irmã nunca foi trabalhar como boia-fria e eu já fui. Entendeu? Então, eu já conheci o lado mais sofrido da vida. E ela já conheceu um ambiente assim de gente mais civilizado do que eu fui, entendeu? Não que eu falar que as pessoas que eu convivia não eram civilizadas, era, mas do jeito do

mundo deles lá de boia-fria. E a minha irmã já começou junto com professores, com advogados. Então, a vida dela é completamente diferente que eu. Tanto é que o modo dela ser já é diferente do meu. Entendeu?

Entrevistadoras: Sua irmã estudou também?

VRCS: A minha irmã estudou, mas só que ela não terminou. Ela fez vários cursos porque ela trabalha na costura industrial. Ela é professora de artesanato; ela dá aula de artesanato. Mas só que eu quis estudar. Minha proposta na época que eu queria estudar era para ajudar os meus companheiros aqui da cooperativa. Eu não fiz uma faculdade para dar aula para as crianças lá fora. Tanto é, se for para dar uma aula, eu acho que eu não vou querer, porque aqui tem necessidade, eu vejo. Teve um tempo que teve o círculo de cultura aqui que eu ajudava a dar aula aqui. Naquela época, eu estava começando a faculdade. Gente, o que foi de gente que alfabetizou junto com nós, foi lindo, viu. O senhor de idade chegou e falou assim: “Olha, eu estou escrevendo o meu nome, eu nunca pensei que ia fazer isso”. Ele tinha 62 anos. Então, aquilo é uma alegria tão grande que você nem imagina.

Entrevistadoras: O supletivo você concluiu quando já estava trabalhando aqui?

VRCS: Não, não.

Entrevistadoras: Foi bem antes?

VRCS: Foi bem antes.

Entrevistadoras: Ah! Depois, a faculdade foi feita para ajudar aqui dentro.

VRCS: Aqui dentro e por quê? Quem me incentivou a fazer essa faculdade foi a própria cooperativa.

Entrevistadoras: E como foi essa experiência da faculdade? Como você foi recebida lá, pelas pessoas?

VRCS: Nossa, foi barra, hein?! Foi barra! Porque é assim, dentro da faculdade você não é excluída, mas você também não é bem-vinda, entendeu? Só do fato de você ter o nome de catadora já é um peso para quem está sentado num banco de uni-

versidade. Entendeu? Eu estudava à noite, com gente muito mais nova do que eu, entendeu? Então, tudo que você falava ali não era levado em consideração. Lá, eu perguntava as coisas para os meus professores; eles explicavam, mas não tão bem explicado como era para outra minha amiga que estava do meu lado.

Entrevistadoras: Então, os próprios professores tinham um tratamento diferente?

VRCS: Tinham uma diferença, mas era uma diferença que não deixava transparecer, entendeu?! Mas você que está ali, você sente que não era igual. Até que lá deu para eu superar, mas dentro da cooperativa foi pior. Eu não sei, eu acho que a minha vida é passar obstáculo, porque não é possível. [Risos.] Porque acontece cada coisa comigo que eu fico besta. Olha, aqui dentro era assim. Ela é metida. Ela quer ser o que não é. Ela pensa que só ela que sabe falar. Ela pensa que só ela sabe fazer, sabe?!

Entrevistadoras: Pelo fato de você estar estudando?

VRCS: Pelo fato de eu fazer a faculdade. Então, eu fui muito recriminada aqui mesmo, só que ninguém percebe isso. Eu tentava falar para alguém. Você grita e ninguém te escuta? Eu estava gritando e ninguém estava me escutando, eu tentando passar alguma coisa e ninguém me ouvia. Até então, eu larguei para lá, deixei, não quis nem saber. O meu objetivo é fazer a minha faculdade seja ela do jeito que for, mas eu vou fazer. Daí, quando eu estava quase no fim, eu falei que ia sair da faculdade. Eles falaram, não, você não vai desistir. Mas só que o diretor, o dono da faculdade, que é o filho da dona Cida Mucke, não sei se vocês já ouviram falar nela aqui em Assis. Nossa! Ele era uma pessoa excelente, ele entendia o meu lado. Ele era uma pessoa que chegava e vinha conversar comigo. Como foi o meu serviço, como está a coleta seletiva. Então, ele me deu aquela força, porque se fosse pelos outros eu tinha desistido, viu?! Porque a barra foi forte.

Entrevistadoras: Os outros também discriminavam?

VRCS: Eram poucos. Alunos, um pouco sim um pouco não. Mas aqui foi muito pior para mim. Às vezes, eu falo: “Isso que vocês fizeram comigo é *bullying*, né”. Eles falam: “Que *bullying* nada, que não sei que tem, né”. Ele não é recriminado aqui dentro, numa reunião de comitê, num encontro de catadores; se eu for falar com um ministro da Educação, um ministro lá das quanta, algum ministro eu já vou me indicando que eu sou catadora. Então, os catadores estão tão na mídia que ninguém recrimina: “Nossa, é catadores, então eu vou receber”. Você está entendendo?! Agora, se eu for sem falar que eu sou catadora e sendo catadora, ah, minha filha, você leva pau mesmo. Porque muitas vezes eu ficava quieta, eu não falava que eu trabalhava aqui pra ver a reação, né. Para mim ver o que que eles falavam. [Alguns diziam]: “Aquele serviço lá é muito nojento, eu não sei como que as pessoas aguentam trabalhar lá”. Eu falava: “É, mas só que eu sou uma catadora, eu trabalho lá e não é nada disso que vocês pensam, entendeu?!”. Então é muito complicado. Eu sofri mesmo, só que hoje ninguém perguntou pra mim: “Ô, Vilma, você fez a faculdade, como você foi recebida?”. Hoje, eu não vejo ninguém daqui vir perguntar isso pra mim. Você está entendendo? Eles perguntam: “Nossa, Vilma, você fez uma faculdade, você vai ficar aqui. Nossa, você sofreu tanto na faculdade”. Porque eu conversava com meus amigos, mas só aquela turminha que convive junto comigo sabe o que aconteceu. Na minha vida, foi tão importante essa viravolta, menina do céu! Mas como foi importante, nossa! Se eu morrer hoje, eu morro realizada. Eu fiz aquilo que eu queria. Eu consegui fazer uma faculdade aqui dentro. Eu consegui entender o que é uma cooperativa e estou preparada para falar sobre uma cooperativa. E hoje, eu sei qual é o meu dever dentro da cooperativa e quais são os meus direitos. Eu falo com clareza dos dois lados: os meus deveres e meus direitos.

Entrevistadoras: E para você, qual a importância da cooperativa para a cidade. O que você pensa da questão do meio ambiente, por exemplo?

VRCS: Olha, a cooperativa, para a cidade de Assis ela é muito útil, agora. Mas, daqui uns quatro, cinco anos ela vai ser mais ainda. Isso é, se não vier a incineração, né. Se não vir isso daí vai ser muito útil porque é muita coisa jogada fora. Você vê, a gente conscientiza a cidade, mas é muita pouca gente que tem a conscientização. Mas como foi feito um trabalho muito bem-feito nas escolas com palestras, os alunos vêm aqui visitar a cooperativa e veem como é. Então, onde a gente está jogando lá atrás quando a gente fez palestras nas escolas as crianças já estão com 10, 15, 16 anos. Já na adolescência, já estão aprendendo e já estão passando para dentro de casa. Imagine daqui a cinco, seis anos! Então, essas crianças já tão conscientizando.

Entrevistadoras: E vocês continuam fazendo essas palestras?

VRCS: Continuamos. A criança é a geração do futuro.

Entrevistadoras: E você é casada?

VRCS: Eu fui casada. Faz cinco anos que eu sou desquitada. Tudo começou por causa da cooperativa também. [Risos.]

Entrevistadoras: E você tem filhos?

VRCS: Eu tenho uma filha. Ela hoje, ela está com 20 anos. Quando eu me separei, ela estava com 14 e ia fazer 14 anos. Foi difícil conciliar serviço e adolescente. Nossa, foi muito duro para mim nessa época. Ainda nesse intervalo eu invento de fazer a faculdade. Era serviço, filho e faculdade.

Entrevistadoras: E essa filha estuda?

VRCS: Então, ela começou a fazer Pedagogia depois ela disse que não era aquilo que ela queria. Trancou a matrícula. Agora, no segundo semestre de julho, ela vai começar a fazer Direito.

Entrevistadoras: E a experiência de ter sido mãe como foi? Foi boa ou tumultuada?

VRCS: Ah, eu não tive nem o gostinho de ser mãe direito, na verdade, porque eu trabalhei a vida inteira, desde quando eu casei, antes de casar, depois de casada. Olha, na verdade, a minha filha cobra de mim. Eu acho que ela cobra com razão. Eu nunca peguei no braço da minha filha e falei: “Filha, vamos assistir um filme com a mãe no cinema”, que naquela época tinha ma-

tinê, tal. Eu nunca peguei na mão da minha filha e falei: “Filha, vamos brincar lá no jardim com a mãe”. Levar ela para brincar, levar ela no parquinho. Entrava parque, circo, ela pedia, eu não tinha tempo que eu ia trabalhar. Chegava de noite em casa e não tinha tempo de sair. Quem mais fazia essa parte era meu ex-marido com ela. E, na minha separação, foi muito duro para ela porque ele era mais presente. Ele ia às reuniões, eu não. Eu quase não participei da vida da minha filha. Hoje ela cobra. Eu tenho que ficar quieta porque é uma realidade.

Entrevistadoras: E ela mora com você?

VRCS: Ela mora comigo.

Entrevistadoras: Mas ela tem contato com o pai?

VRCS: Então, na minha separação, o pai mandava pensão para ela.

Eles conversavam pelo telefone e tal. Eu não sei o que se passa lá entre ele e a ex-mulher dele. Eu sei que já faz uns quatro meses que ele não manda pensão e também não se comunica mais com ela. Quer dizer, ela fala: “Mãe, é eu e você”. Eu falo: “Filha, não conta com a mãe que a mãe não tem como ajudar você a fazer uma faculdade. O seu caminho da faculdade é ir prestar o Enem. Se você não for bem lá, minha filha, não conta comigo porque o dinheiro que eu ganho aqui é para manter a casa”.

Entrevistadoras: E ela trabalha?

VRCS: Ela trabalha com um advogado.

Entrevistadoras: Ela começou a trabalhar cedo também?

VRCS: Não, ela começou a trabalhar com uns 17 anos.

Entrevistadoras: E a casa de vocês é própria, alugada?

VRCS: É aquela casa que eu comprei lá no passado. [Risos.] Casa não, um lote, né.

Entrevistadoras: Logo depois que você casou?

VRCS: É.

Entrevistadoras: E você já teve algum problema sério de saúde, que te fez parar de trabalhar por um período?

VRCS: Tive, eu tive um esporão no meu pé, agora em julho. O ano passado eu fiquei seis meses afastada porque eu não estava

conseguindo andar, com muita dor mesmo. Ia fazer a coleta seletiva e vinha mancando. Daí, eu fiz um tratamento, depois de seis meses eu voltei a trabalhar, mas mesmo assim eu ainda estou na fila do SUS para fazer uma cirurgia.

Entrevistadoras: Faz tempo que você está nessa fila?

VRCS: Um ano. Quando é para fazer essa cirurgia acho que não tem nem mais nece... [Risos.]

Entrevistadoras: Hoje, o seu dia a dia aqui na cooperativa é exatamente o quê? Você vem para cá de manhã?

VRCS: Então, eu venho de manhã para cá. Daí eu tomo café junto com os meus amigos, e depois a gente vai, no ônibus, para a rua.

Entrevistadoras: Para a coleta?

VRCS: É, para a coleta seletiva. Cada dia da semana a gente tem um setor para fazer. A gente faz esse setor daí quando é meio-dia, uma hora mais ou menos a gente já terminou nosso trabalho e viemos para cá, almoçamos, tiramos hora de almoço. Cada um vai fazer uma coisa. Tem dia que eu estou amarrando jornal; tem dia que eu vou para a esteira, tem dia que eu fico aqui embaixo. Então, é giro na cooperativa. Você nunca sabe o que você vai fazer no dia a dia. Você sabe que você vai para a rua fazer a coleta, mas, depois que você entra aqui, aí você não sabe mais nada porque daí você vai onde está precisando.

Entrevistadoras: E as amizades aqui dentro da cooperativa, como funcionam? Dá para levar para a vida lá fora? São só algumas pessoas?

VRCS: Na verdade, amigos a gente não tem; a gente tem colegas, né. Mas a minha convivência com as pessoas é boa. Eu brinco, eu converso com todos eles. E também a minha amizade não é aquele floquinho de dois, três não, eu tenho amizade com todo mundo junto. Sei lá, eu convivo bem com todo mundo.

Entrevistadoras: E você tem alguma atividade de lazer que você gosta de fazer? Dá tempo?

VRCS: Olha, na realidade, depois que eu larguei o meu marido, que eu me empenhei na faculdade, eu não saía dia de sábado,

dia de domingo. Dia de sábado porque eu estava estudando. Domingo eu estava estudando porque tinha prova, né. Aí eu terminei minha faculdade, eu não saio porque eu perdi o ritmo.

Entrevistadoras: Hum, hum, cansada. [Risos.]

VRCS: Eu não sei. Eu chego na minha casa no dia de sábado, eu vou ver alguma gaveta para arrumar, alguma coisa que está desarrumada. E vou lavar minha roupa, porque eu não gosto que a minha filha lave porque eu tenho que lavar do jeito que eu gosto. Pelo menos ali na minha casa eu tenho que mandar, né. [Risos.] Daí chega dia de domingo, a gente vai almoçar em família, né. Tem a minha irmã que a gente mora junto, mas reunimos a família. Daí fica batendo um papo, depois passa a hora, acabou o dia. Então, quer dizer, eu não tenho mais lazer. Eu amo baile, eu amo dançar, nossa! Eu adoro.

Entrevistadoras: Mas agora está difícil?

VRCS: Ah, agora dei uma parada porque tem esse problema no pé, né. Eu já trabalho porque eu tenho que trabalhar mesmo, né. E depois eu vou sair a pé, sem um carro, sem nada. É melhor eu ficar em casa mesmo, deixa eu quietinha. [Risos.]

Entrevistadoras: E religião, de que religião você é?

VRCS: Então, eu fui batizada na religião católica e hoje eu não sei se vocês já ouviram falar naquela religião espírita carismática, do padre Marcelo Rossi. Eu sou muito devota a essa carismática. Eu não sei, porque a religião também é um pouco a sua mente, né. E eu acredito muito na religião do padre Marcelo. Eu acredito porque não é aquela religião católica fechada. Ali você pode conviver com várias espécies de religiões e aprender o que é certo e o que é errado. E o padre Marcelo prega muito isso, você é mais você, você sabe o que você quer para tua vida.

Entrevistadoras: E você tem algum sonho que ainda pretende realizar?

VRCS: Tenho. Não sei se eu vou conseguir, mas eu tenho e vou lutar para isso. O meu objetivo hoje aqui na cooperativa é fazer um projeto pra tirar essas crianças das mães catadoras daqui que não têm vó para olhar, não têm irmão, não têm nada. Pegar

essas crianças para eu olhar depois do expediente, do serviço. Porque aqui, muitas das vezes, a gente entra, não tem horário para sair porque, às vezes, tem horários especiais como eu falei. Às vezes, a coleta está acumulada. A gente vai fazer uma estratégia e tem que trabalhar à noite. E, nesse período, tem umas crianças que estão na creche e não tem ninguém para ir buscar. É onde as crianças levam gancho da creche, às vezes. A mãe tem que faltar e se a mãe falta perde o rateio, perde a metade do bônus, é um desfalque muito grande no bolso. Então, eu gostaria mesmo de fazer um projeto para que eu pudesse tomar conta dessas crianças no período que as mães estivessem trabalhando aqui. Não sei se vai dar certo esse projeto, mas eu vou lutar para isso.

Entrevistadoras: Esse trabalho que a gente está fazendo de, futuramente, ter um livro sobre a memória do pessoal daqui, dos catadores, de fazer o *site* da cooperativa, como você vê isso?

VRCS: Sinceramente? Eu acho que o trabalho que vocês estão fazendo aqui é um trabalho muito importante, porque nós estamos passando para vocês o que é a realidade daqui de dentro que a gente está vendo. E vocês, conversando com a gente, vocês vão entender o porquê que a gente luta. O que a gente quer. E isso é muito bom. Isso daí é ótimo.

Entrevistadoras: Acho que é isso. Tem que preencher essa fichinha aqui. Você me disse seu nome completo, a data que você entrou na cooperativa foi 2003?

VRCS: Foi quando surgiu ela, em 2003.

Entrevistadoras: Você tem algum apelido aqui dentro?

VRCS: Que eu saiba não. [Risos.]

Entrevistadoras: Não. [Risos.] E data de nascimento?

VRCS: 15/1/1958.

Entrevistadoras: Cor, raça que se considera.

VRCS: Eu não sei, porque a minha mãe ela é índia, o meu pai italiano.

Entrevistadoras: Vou pôr pardo ou branco? No seu registro está como? Branco?

VRCS: Branca.

Entrevistadoras: Estado civil?

VRCS: Desquitada.

Entrevistadoras: Número de filhos? Uma filha, né?

VRCS: Uma filha.

Entrevistadoras: Naturalidade, é de Assis mesmo?

VRCS: Assis.

Entrevistadoras: Escolaridade? Superior, né! É espírita católica, né?!

Renovação carismática?

VRCS: É, renovação carismática.

Entrevistadoras: Acho que é isso. Então, muito obrigada por conversar com a gente.

VRCS: Eu que agradeço.

2

NARRATIVAS MASCULINAS (POR ELES MESMOS)

A narrativa masculina apresenta-se mais restrita, muito embora a intenção inicial fosse mais abrangente, considerando-se que o critério definido para os depoimentos era captar os relatos daqueles que integravam a diretoria da cooperativa e, também, homens dedicados à coleta seletiva. O esforço empreendido ao longo de 2011 para ampliar os relatos foi significativo. Porém, a falta de tempo desses cooperados limitou bastante as entrevistas, uma vez que ela era feita no horário de seu descanso, o que reduziu a possibilidade de alargar os registros de outros narradores integrantes da cooperativa. Contudo, tal situação não se constitui em prejuízo total para análise do assunto e para o livro em si.

Os relatos desses sujeitos, embora mude o gênero, não trazem diferenças marcantes no perfil do universo do grupo, exceto algumas peculiaridades de gênero no tocante à família, notadamente nas questões dos rompimentos das relações afetivas, que são recorrentes e repetem-se de geração a geração, e a sobrecarga disso para as mulheres. Essas modificações nas características dessas famílias apresentam-se fora dos padrões convencionais, com as constantes ausências dos pais no cotidiano de seus filhos e, também, das responsabilidades em sua manutenção.

Os casamentos, normalmente informais, são frequentes no histórico da família. Ocorrem nas relações de seus pais e, também, prevalecem no ordenamento da própria vida do entrevistado, com uniões pouco duradouras, mas também aquelas que já duram 12 anos; mas, a cada novo relacionamento, esses homens têm outros filhos com as novas parceiras. Por isso, em alguns casos, os filhos são provenientes de casamentos distintos.

Essa heterogeneidade familiar não significa conceito aberto de relacionamento, mas dificuldades de manutenção dos parceiros em virtude de vários fatores cuja origem nem esses protagonistas conseguem ou querem explicitar. Porém, as pesquisas historiográficas para outros momentos da experiência brasileira indicam situações semelhantes; os autores interpretam que tal conformação decorre de valores específicos dos segmentos populares, que estão além dos preceitos religiosos e jurídicos e foram construídos com base na realidade cotidiana desses sujeitos. Os empregos provisórios e a vulnerabilidade para sua manutenção marcam a vida de muitos desses trabalhadores, que recorreram a biscates diversos para garantir alguns trocados para pagar aluguel e comida, percurso que, nesse caso, levou à condição de catadores autônomos de recicláveis e sua posterior integração à Cooperativa de Catadores de Materiais Recicláveis. Essa nova experiência de inserção nas relações de trabalho na modalidade de economia solidária redefiniu o seu *status* e os transformou em trabalhadores reconhecidos pela sociedade.

Entre os três homens entrevistados, em 2011, dois deles ocupam cargos na diretoria da cooperativa: os de diretor vogal e de presidente; o terceiro é um trabalhador da “coleta seletiva”.

O relato de Alexandre Tavares, trabalhador engajado na coleta seletiva, é emblemático em relação à sua trajetória pessoal e familiar. Em sua explanação desfilam as muitas privações e os constantes deslocamentos de sua mãe para cidades como Bauru, Ubatuba e novamente Assis, provocando incertezas e penúria em sua infância, até mesmo de teto para morar e de comida. Nesses momentos, teve que pedir esmolas, ainda nas rodoviárias, para comprar alguma coisa para comer, até conseguirem chegar ao des-

tino almejado e a mãe conseguir alguma atividade que permitisse pagar um aluguel e as demais necessidades para a sobrevivência da família. Em Ubatuba, Alexandre, ainda pequeno, foi flanelinha; gostava muito dessa atividade porque “ganhava um bom dinheiro”. Mas a mãe resolveu voltar para Assis; no trajeto repetiu-se o mesmo itinerário de privações, até chegar ao destino e, novamente, acertar-se em algum lugar e atividade remunerada.

Quadro 2 – Trabalhadores da reciclagem

Nome	Atividade na cooperativa	Estado civil	Trabalhos anteriores	Filhos	Origem	Estudos	Entrevista
Alexandre Júnior Tavares	Coleta seletiva	Solteiro*	Biscates/Catador de rua	5 filhos	Assis	Estudou pouco	15/9/2011
André Leme Moraes	Diretor vogal	Casado**	Fábrica de gelo	2 filhos	Sorocaba	Estudou pouco	25/8/2011
Claudineis Oliveira	Presidente	Casado**	Vários trabalhos/catador	3 filhos		Até a 8ª série	25/8/2011

(*) Vários casamentos e filhos de diferentes mulheres.

(**) Os casamentos não foram formalizados juridicamente ou em alguma Igreja.

Fonte: Entrevistas realizadas durante o ano de 2011 no Parque de Reciclagem de Assis.

Os seus relatos são marcados por críticas veladas à mãe, deixando antever sua irresponsabilidade e inconsequência nas decisões de deslocamentos constantes sem quaisquer garantias de empreitada tornar-se viável e de evitar que os filhos pequenos fossem expostos ao desamparo de toda ordem.

De biscate em biscate e já adulto, acabou junto com o irmão como catador de papéis recicláveis pelas ruas de Assis, até que foi convidado por Ana Maria Rodrigues de Carvalho a se integrar à Coocassis. Essa experiência é considerada bastante positiva em sua vida pela oportunidade de um trabalho fixo e do aprendizado que passou a ter sobre o assunto. Embora deixe claro que tem dificuldade para fazer outros cursos de capacitação, fala de seu interesse pelo trabalho que está executando e o que ele representa para a melhoria do meio ambiente. Mas esclarece que, antes de entrar

para a cooperativa, não pensava assim e, também, que percebe que as pessoas não tinham essa consciência.

Ao falar da família, sinaliza para os casamentos, términos e separação, também, de seus filhos. Em razão disso, a relação com os seus filhos é esporádica, muito mais, segundo entende, por responsabilidade de sua ex-mulher, que vive em outra cidade próxima a Assis, que não se esforça para garantir essa aproximação. Esclarece que ajuda financeiramente na manutenção dos filhos, mas não manifesta apreensão por sua ausência do processo de educação dos mesmos. Em seu relato, os três filhos já adolescentes são de sua primeira mulher. Tem, também, um bebê com sua mulher atual.

Ao ser indagado sobre o que faz para se divertir nos momentos de folga, diz que gosta muito de música de gêneros diversos e até pensou em formar um grupo de pagode na Coocassis, mas “ninguém topou por preconceito”. Relembra que fez parte do coral da cooperativa, cantando canções natalinas na catedral.

Os relatos de Claudineis deixam antever que, embora sua vivência infantil tenha sido menos tumultuada, as dificuldades foram significativas, sobretudo depois da separação dos pais. Nesse processo, a mãe resolveu mudar-se para Cândido Mota, na busca de emprego, já que era chefe da família. Porém, as dificuldades enfrentadas pela família levaram-no a começar a trabalhar aos 11 anos, colhendo algodão. Nesse período, em Cândido Mota, a família ficou na região por três anos, retornando, posteriormente, para Assis. Novamente, a mãe (e os demais filhos) enfrenta dificuldades para arranjar emprego. Embora arrimo da família, esclarece Claudineis que a mãe “não era alfabetizada”, e com experiência de trabalho apenas na raça, o que agravava as suas possibilidades de arranjar trabalho. Premida pelas dificuldades, tornou-se catadora. Foi a partir daí que entrou na cooperativa e, junto com ela, três filhas; além do próprio Claudineis e (posteriormente) sua mulher que passaram a integrar a cooperativa. Essa situação é explicada como a responsável pela falta de continuidade dos estudos e de emprego, em decorrência de recessão econômica.

Relembra o protagonista que, já casado, era empregado numa cooperativa em Tatuí, mas tinha uma jornada de trabalho longa e “pouco ganho”. Diante disso, voltou com a mulher, grávida, para Assis. Nesse período, foi guarda de rua e, nesse percurso, também catava latinha para “aumentar os ganhos”. Como não conseguiu outro emprego melhor, resolveu ser catador, com estratégia organizacional traçada previamente para garantir uma coleta mais efetiva. Mas o protagonista a considerava uma atividade que causava vergonha e, por isso, entregava o produto de seu trabalho em nome da mãe ou da irmã. Esse processo permitiu integrar-se à cooperativa, o que se tornou uma alternativa de intensivo aprendizado e de politização.

A trajetória de André Leme Moraes é menos turbulenta. Nasceu em Sorocaba. Começou a trabalhar com seu pai (que era pedreiro) desde criança. Por isso, estudou pouco.

Já adulto, trabalhava numa fábrica de gelo em Sorocaba, mas sua mulher, que era de Assis, não quis continuar na cidade. Foram morar em Ourinhos, mas não conseguiu emprego. Veio para Assis e enfrentou o mesmo problema. Mora com o sogro, numa casa separada. Foi nessa busca de emprego que, por meio da Igreja, entrou em contato com as discussões do grupo de Ana Maria Rodrigues. No início, o grupo discutia alternativa para os desempregados, mas resolveu procurar outra saída, porque achou que não ia “dar em nada”. Trabalhou um ano como caseiro de um clube, mas, terminada a gestão de quem o contratou, foi mandado embora e, novamente, estava desempregado.

Foi a partir daí que procurou a cooperativa e se integrou a ela. Na ocasião da entrevista, fazia parte da diretoria na qualidade de diretor vogal. Esclarece, em seu relato, que esse cargo não significa privilégios e sim responsabilidade para o andamento do trabalho geral da cooperativa. Embora diga que está muito contente, o seu sonho é montar um negócio próprio.

No plano simbólico, esses três homens recontam suas experiências de vida de forma quase naturalizada. A entrada para a coo-

perativa, no entanto, aparece de modo distinto. Para André e Claudineis, configurou-se como a última opção e somente foi aceita por falta de outras possibilidades de emprego em outras áreas e atividades. Embora reconheçam que se trata de trabalho como outro qualquer, a realização pessoal passa pela possibilidade de montar “negócio próprio”.

Relatos

Entrevistadoras: Ana Carolina de Almeida Piccinin
Emily Yaeko Oka

Local das entrevistas: Parque de Reciclagem Assis, São Paulo

* * *

1º relato: Alexandre Júnior Tavares

Data da entrevista: 15/9/2011

Transcrição: Willian de Freitas Batista

Entrevistadoras: Bom, Alexandre, você sempre morou aqui em Assis? Em qual bairro você morava e como era quando você morou lá?

AJT: O bairro que eu morava? O primeiro bairro que morei foi Jardim Eldorado, que era um lugar que não tinha asfalto, tinha bastante dificuldade, muito buraco. Aí, um belo dia, ajuntou todo o pessoal do bairro e entramos com ação junto ao prefeito Bolfarini para ele asfaltar, né. Melhorar ali o nosso trajeto. Fomos à Câmara de Assis e aí ele veio ao Jardim Eldorado e cedeu para nós o asfalto.

Entrevistadoras: Depois você mudou daqui de Assis?

AJT: Aí, depois, eu fui morar na Vila Sousa. Ali também construímos a mesma coisa, mas não asfalto, né? Morava na casa de uma senhora lá. Estudava pouco, mas estudava. Aí, dali da Vila Sousa minha mãe conheceu duas pessoas e elas falaram

que tinham uma casa lá em Bauru, né. E minha mãe, afobada, disse vamos para lá que vamos melhorar nossa situação. Nós estávamos numa pindaíba, né? Trocava o dia para comer. Aí, fomos para Bauru. Chegando em Bauru, demos com a cara na porta, não tinha nada. Os caras não tinham casa nenhuma, não tinham nem lugar de morar. Nós ficamos três dias na rodoviária, pousando, dormindo lá, né. Aí, um belo dia, um senhor bem-vestido perguntou se tínhamos casa para morar. Aí minha mãe conversou com o homem que não tinha e que estavam sem rumo. O homem ofereceu uma casa para alugar. Daí fomos para a casa do homem, né? Ele deu a casa para nós morar. Ficamos lá de seis a sete anos. Depois de sete anos em Bauru, deu na cabeça da minha mãe de novo de sair de Bauru pra ir para Ubatuba. Mais longe ainda. Minha mãe vendeu o que tinha, arrumou um dinheirinho, pegamos o ônibus para Ubatuba. E, novamente, ficamos na rua. Só que lá tinha um local que dá para ficar, né. Aí eu já banquei o esperto. Conheci um homem que indicou para ir direto ao prefeito para saber se podia arrumar um cantinho para nós ficarmos até eu arrumar uma casa. Aí fomos lá. Bem dizer, eu fui, né. Eu tinha na época 12, 13 anos. Aí eu fui pedir para o prefeito e ele cedeu a casa para nós de turista, com mudança e tudo. Aí nós ficamos morando lá três, quatro anos. Aí deu na cabeça da minha mãe, de novo, sair de lá e vir para cá. Porque ela ficou com pensamento ruim, né? Falou que o pai dela ia morrer, e o pai dela era doente, né, tinha um buraco na perna. Aí teve que amputar a perna dele. Só que a família não deixou amputar. Aí minha mãe quis vir pra cá. Aí vai nós vender de novo as coisas lá em Ubatuba. Viemos para cá. Chegamos em São Paulo, ficamos três dias dormindo na rodoviária. Até pedir esmola na rua eu tive que pedir para comer. Em Bauru também, em Bauru antes dela arrumar a casa. Eu fiquei um ano pedindo nas casas. Mas todo mundo me dava arroz, feijão, açúcar, óleo, às vezes até me dava dinheiro e passe, né. Fui à casa de uma cigana, pedir arroz para ela e ela queria que eu fosse morar com ela. Foi lá até pedir

para minha mãe: “Se a senhora quiser eu dou uma caminha-nete zerada mais um tanto de dinheiro para a senhora ficar bem de vida. Só que a senhora tem que dar seu filho para mim”. Minha mãe falou assim para ela: “Você está pensando o quê? Que eu paro filho e deixo jogado no mundo? Eu posso comer pedra o que for, mas meu filho eu não dou”. Aí ela falou: “Você não sabe o que você está perdendo”. Aí, minha mãe deu umas porradas e mandou ela vazar. Daí nós viemos para Assis de novo. Aí eu entrei no corte de cana, né? Com 16 anos eu entrei no corte de cana.

Entrevistadoras: Antes disso, você não trabalhava?

AJT: Não, antes disso não. Eu entrei no corte de cana. O primeiro serviço meu foi gás, trabalhei assim de entregar gás na rua, de bicicleta. Aí, depois foi aumentando a idade e foi aumentando o serviço, né. Fui jardineiro, né? Já trabalhei em funilaria. Aí, depois fui para o corte de cana. Levantava quatro horas da manhã e saía quatro horas da tarde. Trabalhei quatro anos no corte de cana. Aí, depois que acabou o tempo de serviço que é nove meses, a gente fica parado para receber o INSS, todo o dinheiro, né? O 13º, essas coisas. Depois disso, eu resolvi catar material na rua.

Entrevistadoras: Essa ideia surgiu como? Você conhecia algum catador?

AJT: Não, eu mesmo montei um carrinho pra mim. Assim, um carrinho de pau, né. Com roda de velotrol, era um carrinho pequenininho. Aí, eu montei aquele carrinho já virou um grandão. Aí, a pauleira era para vender para atravessador porque eu não conhecia a Cooocassis ainda. Para mim, nem existia cooperativa. Aí, um belo dia, eu estava catando lá na Cohab da rodoviária, sabe? Para o lado de cima eu encontrei com a Ana Maria. Aí, a Ana Maria chegou, parou o carro e falou assim: “Como é o seu nome?”. Eu falei meu nome pra ela, né. Aí, ela falou assim: “Se você, invés de ficar catando na rua porque não entra numa cooperativa”. Falei para ela: “Mas como que eu vou entrar lá sendo que eu nem sei onde é”. Aí,

ela me deu endereço. Cheguei em casa, despejei a reciclagem. E resolvi ir no sábado que era dia de reunião no barracão. Aí, eu peguei e todo sábado ia à reunião e ficava atentando o Magrão, que era o presidente, na época. Não sei se você chegou a conhecer o Magrão. É o Jeferson. É o primeiro presidente, o Jeferson, seu Zé Liel, seu Osvaldo. Era tudo presidente. Aí, eu cheguei no presidente que era o Jeferson e falei para ele me arrumar um serviço que eu estava precisando, que eu tinha que tratar da minha família e eu precisava trabalhar. Aí, ele falou para passar no dia seguinte, mas ficou me embromando. Aí, fui lá de novo e eu falei para ele assim: “Você vai me arrumar um serviço ou não vai, você está pensando que estou aqui para brincar?”. Aí, ele falou assim: “Gostei da sua atitude, quer começar a trabalhar mesmo? Você quer trabalhar mesmo?”. Falei assim: “A qualquer hora que você quiser”. E ele respondeu: “Então pode começar a trabalhar”. Comecei a trabalhar, desde 2001, no barracão que era a primeira coleta de Assis e ficava lá na rodoviária. Eles catavam lá, faziam a coleta lá e levavam para o barracãozinho. Triava tudo, prensava, vendia e rateava. Era assim. Aí, nós começamos a catar, a fazer catador. Eram cem catadores na rua. Entre eles estavam eu e seu Osvaldo.

Entrevistadoras: Voltando um pouquinho nesse tempo que você mudou várias vezes. Seu pai estava junto? Ou era só você e sua mãe?

AJT: Não. Era eu, meu pai, meus dois irmãos, irmão e irmã e mais dois, vamos falar, dois veados, que moravam conosco, mas só que respeitavam a gente para caramba. Só que eles enganaram minha mãe que era meio bobinha. Tudo que os outros falavam para ela, ela acreditava na esperança de melhorar a vida que nem aquelas pessoas que vêm do Nordeste para São Paulo lá, que diz que São Paulo tem um rio de dinheiro. Que você vai pegar dinheiro a rodo. Não vai nessa onda não que você só toma no nariz.

Entrevistadoras: Então vocês foram mudando para tentar melhorar de vida? Procurar emprego?

AJT: Quando eu morava em Ubatuba, só o dinheiro que eu guardava carro dava para comprar uma casa lá no Jardim Europa. Só o dinheiro que eu guardava carro! Eles falavam para limpar, cuidar e pagavam cinquenta, sessenta contos por dia. Então, só o dinheiro que eu ganhava dava para sustentar minha família de oito pessoas e sustentar mais outra família de oito. E dava para comprar uma casinha. Só que esse dinheiro eu não vi nem a cor. Minha mãe gastou tudo. Aí eu trabalhei na Nova América. Trabalhei quatro anos e peguei sete mil reais. Você sabe o que é sete mil reais, assim, e gastar num dia só? Você já gastou sete mil num dia só? Minha mãe gastou! Aí trabalhei, peguei cinco mil e não vi mais o dinheiro.

Entrevistadoras: Você passava o dinheiro para ela?

AJT: Porque a gente era pequeno, então, tinha que dar para ela o dinheiro. Eu não sabia nada ainda, era bobão. Hoje, não. Hoje para eu dar cinquenta reais para minha mãe é custo.

Entrevistadoras: Quando seus pais se separaram, faz tempo?

AJT: Ahhh, faz tempo. Meu pai morou com minha mãe 18 anos. Mas minha mãe largou meu pai por causa de bebida, né? Meu pai é alcoólatra. Ele bebe até hoje. Ainda teve que fazer uns exames aí, deu... é... como que é? Não é estômago, não, como é que é o nome?

Entrevistadoras: Cirrose?

AJT: Não, dentro do estômago. O fígado dele está preto. Aí começou a sair umas manchas no braço dele. Aí o médico falou que era começo de cirrose. Aí começou a tomar tarja preta. Hoje em dia, graças a Deus, ele não bebe mais.

Entrevistadoras: Você tem contato com ele ainda?

AJT: Tenho. Oh, louco, meu pai é tudo para mim. Meu pai lutou lado a lado comigo. Agora minha mãe, não. Minha mãe arrumou um homem lá que eu não gostava. Eu tive que tirar do meu bolso 380 reais para comprar um motor para o cara. Você vai pegando raiva. Ao todo, o que meu irmão e minha mãe deram para mim, dá uns 15 mil reais que eles deram pra mim

de tanto emprestar dinheiro para eles. Aí cuidei da minha sobrinha, né? Eu tratava da minha mulher, dos meus três filhos e da minha sobrinha e fora da mulher do meu irmão, do meu irmão, da minha irmã, do meu pai e da minha mãe. Tudo no corte de cana. Hoje em dia, minha mãe tem orgulho de mim. Ela fala assim: “Eu tenho orgulho de você. Você foi um guerreiro”. Eu sempre trabalhei, nunca roubei, nunca trafiquei, nunca fumei droga nenhuma. Só o meu defeito é fumar cigarro, “paieiro”, mas droga não.

Entrevistadoras: E seus irmãos moram em Assis?

AJT: Meu irmão mora no Jardim Eldorado. Ele mora do lado do meu pai.

Entrevistadoras: Vocês se dão bem?

AJT: Bom... Com meu irmão eu não me dou. Eu não converso com ele porque uma vez, quando nós estávamos morando juntos aqui no Jardim Eldorado, ele bateu no meu pai, que não é pai dele. Ele é padrasto dele. Aí foi aquela desavença, eu briguei com ele. Porque, na época, eu era pequeno ele batia, né? Mas depois que eu cresci eu criei braço. Ele não aguentou comigo. Aí, eu quebrei ele. Aí foi na onde que eu queria matar ele, né? Eu sou ruim. Minha mãe tem [vez] que eu vou falar com ela e ela fala uma coisa que não tem lógica nenhuma. Daí eu já dou uma resposta mau para ela e ela fala: “Nossa! você é bruto hein! Você é nervoso, hein!”. E quando eu chego nervoso porque aqui no serviço você está naquele vucu-vucu, aquele monte de gente na sua cabeça falando, barulho de prensa na sua cabeça, né? Você fica meio abilolado, né? Aí, você chega em casa e quer ter sossego, você quer relaxar a mente primeiro, pra mode você conversar com sua esposa ou com sua mãe. Aí, você já chega estressado. Aí, a mulher fica perguntando: “Ai, que você tem, amor? Ai, que você tem, amor?”. Eu falo para ela assim, a primeira vez: “Não tenho nada, amor”. Aí depois ela volta de novo com a mesma pergunta. Aí na terceira vez eu já solto o verbo. Aí ela sai e me deixa sozinho.

Entrevistadoras: Como vocês se conheceram?

AJT: Pela minha sogra. É tipo assim, por correspondência. Tipo assim. Eu mandava uma cartinha para ela, pela minha sogra. Aí ela começou a gostar de mim pela carta, porque eu sou bastante romântico, né? Eu escrevo poesia. Aí começava a mandar umas poesias para ela, mas de sinceridade. Que negócio de mentira para mim não vira.

Entrevistadoras: E faz quanto tempo que vocês estão juntos?

AJT: Fazem sete anos, né? Meu irmão faz quinze que está com a mulher dele.

Entrevistadoras: E sua irmã?

AJT: Ahhh... minha irmã está solteira, tadinha. Está 31 anos solteira.

Entrevistadoras: Mas com ela você conversa?

AJT: Ahhh... Ô, loco! Ela é meu clone. Não sou da mesma placenta, mas sou gêmeo com ela, entendeu? Nós somos quase iguais.

Entrevistadoras: Nenhum dos seus irmãos trabalha aqui? Ou trabalhou antes com catação?

AJT: Não! Só eu. Eu e meu irmão, nós catávamos na rua. Nós começamos a catar na rua, papelão. Eu era pivete que andava dentro do carrinho. Meu irmão puxando carrinho com um monte de papelão, assim alto, e eu em cima do carrinho. Mais alguma coisa?

Entrevistadoras: E os seus filhos?

AJT: Ahhh, meu filhos... O primeiro casamento meu, eu já casei uma par de vez. Eu já tive cinco mulheres.

Entrevistadoras: Cinco?

AJT: É! Sou porreta. O primeiro casamento foi com uma mulher de Echaporã, né? Aquela lá eu amei, vixi! Aquela lá eu dava minha vida por ela. Sabe? Eu punha minha mão no fogo por ela. Depois ela me traiu. Nossa! Eu quebrei ela no pau, briguei com ela. Tive três filhos com ela, superlindos. O meu filho mais velho tem 15 anos. Ele está jogando num time de Marília, meu

filho. A minha filha tem 12 anos, está fazendo balé, e a outra está estudando. São: o Jonathan, Jennifer e Emanuela.

Entrevistadoras: Eles moram com você?

AJT: Não. Faz cinco anos que não vejo eles. Só mando pensão, mas a mulher não manda as crianças para cá.

Entrevistadoras: Onde eles moram?

AJT: Echaporã. Ela não manda as crianças para cá. Foi decretado 15 dias, né? Quinze dias para mim e 15 para ela. E ela não está acatando o que juiz pediu, né? Eu dou a pensão tudo. Só que eu não tenho nem tempo, eu trabalho de segunda a sábado. Tem mês que eu trabalho até de domingo. Então, não tenho tempo para ficar correndo atrás de filho, né? Então, qual que é a cara dela. É mandar as crianças. Eles já estão meio grandinhos. Estão bem cientes do que estão fazendo. Coloca dentro do ônibus manda para nós que vou buscar na rodoviária, né? Eu levo e eu ponho no ônibus e vai para casa de novo. Ela espera na rodoviária de lá, mas nem isso. Nós dois não nos damos. Quando chega um perto do outro assim é faísca que sai. Uma vez que ela foi querer pedir aumento de pensão – sendo que nem registrado eu sou –, aí na hora que ela pediu um aumento de pensão, fumou um cigarro, aí ela acabou de fumar, não estava nem quase acabando ela jogou o cigarro, pegou outro maço e acendeu de novo tremendo. Fumou acho que uns oito cigarros. Agora não sei se é por causa de emoção, né? [Risos.] Ahhh, vai saber, né? Não esquece. Nós ficamos uns seis anos [juntos].

Entrevistadoras: Seis anos? Aí vocês se separaram.

AJT: É, nós separamos por traição dela.

Entrevistadoras: Aí você voltou para Assis?

AJT: Aí ela pegou e queimou todas as minhas coisas. Aí peguei e vim pra Assis, né? Não tinha lugar para morar. Aí eu tive que passar carão com meu tio. Aí, sabe que ele falou para minha mãe? Ele falou para minha mãe que eu devia morar com minha mãe. Já tem um bom tempo eu não moro com

minha mãe, né? Mãe de novo! Só que não era daquele jeito que era antigamente, né? Quando eu era pivete, quando eu era moleque. Agora já é diferente. A rígida já é diferente. Ela para o lado dela, eu para o meu lado. Mas eu trato dela, da irmã, da minha mulher, da minha filha – tenho outra filha, Kauane. Tem 11 meses.

Entrevistadoras: A filha é com quem você é casado atualmente?

AJT: É com a filha daquela que a Vilma falou. A crente não, tem uma que tá na prensa lá? “Essa aqui é do conselho fiscal” que a Vilma falou. É minha sogra entendeu?

Entrevistadoras: Você já teve algum problema sério de saúde?

AJT: Ahh, eu tenho, né? Tenho bactéria no estômago, tipo úlcera, né? Úlcera nervosa. Aí, de vez em quando dói aqui assim, no abdômen. Eu já travei em cima da carga. Sabe? De travar assim, que teve pessoas de pegar eu no colo e tirar eu pra fora da carga, a ponto de cair de lá de cima e se arrebentar lá embaixo.

Entrevistadoras: Dependência só do cigarro.

AJT: É. Eu estou querendo parar, né? Fazer um tratamento nos dentes, que eu tenho vergonha dos meus dentes. Tenho vergonha do meu rosto. Tenho vergonha do meu corpo. Verdade! Se eu pudesse fazer uma plástica no corpo inteiro eu fazia. Só pra ficar bonito. Verdade! Engordar também que eu estou muito magro. Eu agora não sei por que, tá doendo muito meu estômago. Estou que nem aquelas modelo, que coloca bagulho, escova de dente na goela pra vomitar. Eu estou desse jeito. Quando eu vejo que tá doendo meu estômago eu vou ao banheiro e forço para vomitar. É por isso que eu estou magro assim. Não é porque eu não como, eu como pra caramba, só que meu estômago não aceita.

Entrevistadoras: E na época da escola você falou que foi até a quarta série.

AJT: É, até a quarta série. Eu saí por causa de mudança, né? Mudava direto. Aí daqui eu fui para Bauru. Estudei nem dois meses em Bauru. Não tive tempo assim de estudar. É mais roça, né? Café. Trabalhava mais na roça, então não tinha tempo

de estudar. Aí, de uns tempos para cá fiz supletivo. Passei, mais só que eu fiz aceleração, né? Estava fazendo a quinta, sexta, sétima. Era bom. Aí, depois não sei o que aconteceu, não teve mais. Estudei aqui também. Carolina, a mineirinha, ela me deu um violão novo e um radinho que tem aqui. Ela mora em Minas. Ela me adora.

Entrevistadoras: Você contou que se encontrou com Ana Maria e começou a frequentar as reuniões. Mas você veio para cá com a ideia de ficar? Quando você começou a frequentar as reuniões tinha ideia de ficar na cooperativa?

AJT: Ahh, eu já passei barras aqui. De receber pagamento de cinquenta reais por mês, né? Duas vezes. Vinte e cinco mais 25. Eu passei o pão que o diabo amassou aqui.

Entrevistadoras: Você quis ficar mesmo aqui?

AJT: Não, eu quis ficar e estou até hoje e não saio daqui por nada. Só saio se mandar eu embora. Mesmo assim, não manda, que eu já fiz muito aqui, né? Carregar caminhão. Você não viu esse senhor que veio aqui, esse que é o que foi da diretoria. O seu Osvaldo. Eu sou o braço direito dele, sou o braço direito do Claudineis, entendeu? É uma pessoa assim de confiança, uma pessoa tipo assim, que a diretoria confia. Você tem que mostrar serviço e mostrar para a pessoa que a gente merece. E eu carrego caminhão, faço de tudo. Viajo com ele pra fora, entendeu? Tudo aqui na usina, tudo era eu que fazia: a pesagem de caminhão, descarregar caminhão, caminhonete.

Entrevistadoras: Você fazia catação também na rua?

AJT: Catava. Eu comecei catar na coleta seletiva. Aí, catava nas casas, né? Das casas fui para o caminhão, aí do caminhão fui para usina que é aqui, né? Fui para a usina, para ir para prensa e estou até hoje na prensa. Já não aguento mais vê prensa na minha frente. E eu acho que eu não sei, mas um colega meu falou que eu, ele vamos fazer um curso de capacitação de instrutora. É uma máquina, né? Aquela máquina que está ali em cima, ali pra nós trabalhar com ela, né? Aí vou ter um treinamento para trabalhar com aquela máquina ali, lá em São Carlos.

Entrevistadoras: Você já fez algum outro treinamento? Outra capacitação?

AJT: Eu fiz em São Paulo. Fiquei 15 dias em São Paulo. Fizemos curso lá, mais não lembro o curso mais. Foi na PUC. Esqueci o nome lá. Tem até os livrinhos lá. Uma hora dessas vou pegar para ver se [lembro]. Aí eu fiz o cursinho lá, né? Para aprender a mexer com reciclagem, né? Fiz curso de capacitação de meio ambiente. Aí mexia um monte de coisa, né? Montava pandeiro, essas coisas. Tudo com reciclagem, mas era gostoso. Fiz papel de claista também. Craisso, sabe que que é craisso? *Palhaço mimo.*

Entrevistadora 1: Hãããã...

Entrevistadora 2: É o quê?

Entrevistadora 1: Palhaço mímico, sabe.

AJT: Palhaço mímico é o palhaço verdadeiro, o palhaço verdadeiro ele pode tocar, ele pode falar e o claiisso não. O claiisso ele pode tocar o nariz em você, só não pode falar, não pode sorri. Pode fazer você sorrir, mas não pode sorrir. Entendeu. Só é à base de sinais.

Entrevistadoras: E antes que você começou fazer catação por conta própria, você pensava alguma coisa desse trabalho?

AJT: Ah, tipo assim. Eu pensava evoluir, né? Crescer na vida, né? Igual a cooperativa. O meu pensamento é a cooperativa crescer, não cair. Para melhor, né? Crescer para melhor, mais condições, mais dinheiro, melhorar mais o salário do pessoal, mais gente. E melhorar para a gente, né? Porque melhorar para eles é melhorar para nós também, né? E não só para alguns e para outros não, tem que ser assim igual.

Entrevistadoras: E você alguma vez se sentiu discriminado com esse trabalho?

AJT: Não. Se a pessoa discriminar eu tenho a palavra na ponta da língua. Se ele me chamar de lixeiro eu vou dá a resposta. Se ele chamar eu de preto eu vou dá a resposta. Eu sou catador de material reciclável. Não catador de lixo, né?

Entrevistadoras: O que a cooperativa trouxe para sua vida? O que ela mudou?

AJT: Ah! Ela trouxe melhoras. Me ajudou bastante a cuidar da minha família, a tratar da minha família, a crescer na vida. Incentivou minha agilidade, né? Que eu era meio lerdo, hoje eu sou ligeiro. Hoje eu sou ativo, hoje eu penso pra falar. Antigamente, eu não pensava para falar não. Eu falava na lata. Podia ser para qualquer um presidente, vice-presidente, qualquer um. Eu falava. Eu não tenho a língua presa, tenho a língua solta. O que tem para falar, eu falo na cara. Eu não gosto de falar por trás. Por exemplo, eu estou falando com você aqui, aí eu chego ali e conheço ela, aí eu falo, ah, você viu aquela fulana ali, ela não presta. É isso, não estou errado?

Entrevistadoras: Como são as amizades aqui?

AJT: Mais ou menos. Não é aquela maravilha, né? Abraça assim na frente, mete a faca por trás. É mais ou menos assim. Mas vai empurrando com a barriga.

Entrevistadoras: Mas tem pessoas que são amigas?

AJT: Ahh, tem! Tem pessoas amigas uma das outras memo.

Entrevistadoras: E fora daqui?

AJT: É a mesma coisa.

Entrevistadoras: Você tem amizade fora daqui?

AJT: A minha amizade é comigo mesmo e Deus. Tem um ditado que minha finada vó falava antes de morrer. Que amizade sua é só três pessoas: Deus, você e sua mãe, né? E quem tem o pai e a mãe, é Deus, o pai e a mãe. É só amizade verdadeira. Mesmo assim se é traído, sabia?

Entrevistadoras: E em relação ao meio ambiente, você acha que o trabalho de vocês traz resultado, ajuda a preservação?

AJT: Sobre o meio ambiente, traz, ajuda bastante. A cada dez quilos de papelão são dez árvores que se evita de cortar, né? Cada dez quilos de papelão é uma árvore que se salva, né? E quanto mais se reciclar, quanto mais o pessoal ter consciência para ter reciclagem mais, mais natureza vai ter. Eu assisto jornal todo dia eu não perco um jornal. Se vê a cooperativa que pegou fogo por causa de fumaram dentro do barracão, né? Tipo assim, se o ser humano tiver consciência, né? E ser limpo, né? Não só por

dentro como por fora também, a própria pessoa que me disse lá em São Paulo. Você não vê São Paulo, Santa Catarina. Aí tem enchente. Ai, meu Deus! Mais não está vendo que a água que acumula que entope as casas é o próprio lixo deles, né? Tem uma lata de lixo do seu lado tem pessoa que vê a lata de lixo mais não joga, joga no chão!

Entrevistadoras: Tem alguma atividade de lazer que gosta de fazer quando você está fora da cooperativa?

AJT: Ah! Eu gosto de assistir televisão! É eu gosto de assistir desenho, gosto de assistir filme. Filme, assim, mais romântico e mais desenho.

Entrevistadoras: E de escrever poesia, também?

AJT: É, mais eu gosto de assistir mais desenho, né? Tom e Jerry, essas coisas, mas quando eu estou tipo assim [parado]. É muito raro eu parar. Quando eu estou em casa minha mãe está sempre arrumando um servicinho para eu fazer. Arrumar o portão, cortar árvore sempre tem um servicinho.

Entrevistadoras: Você tem algum sonho para o futuro?

AJT: Se eu tenho um sonho? Ixe... se meu sonho fosse realidade. Eu ia ajoelhar no chão, assim. Meu sonho é ser cantor, eu tenho esse sonho.

Entrevistadoras: É? Você gosta de cantar?

AJT: Vixe! Eu adoro cantar. Estava até tocando violão.

Entrevistadoras: Você toca violão também?

AJT: Toco música do Bruno e Marrone. Toco música do Jota Quest, Metallica, Kiss, Legião Urbana. Aquela música do Elton John, que ele toca no violão.

Entrevistadoras: Você aprendeu sozinho?

AJT: É, aprendi vendo o pessoal, pela televisão. Vocês chegou a vê Eduardo Costa tocar violão? Eu toco mais ou menos quase igual ele. Mais tipo assim, eu aprendi tocar com ele, né? Vendo as posições dele. Fui aprender e voltava o CD de novo e ia aprendendo. Voltava o CD umas cinco, seis vezes, ia aprendendo. Eu estava com uma ideia de montar um grupo de pagode, tipo Coca Assis Sem Preconceito. Mais o Claudineis

falou que não adianta, assim, pôr o nome da cooperativa. Tinha que ser: Coca Assis. Porque tem muito preconceito contra a cooperativa, né? Por isso que eu pus Coca Assis Sem Preconceito. O grupo de pagode de Assis. Também toco pandeiro, toco surdão, toco um monte de coisa. Já participei da escola de samba da V. O.

Entrevistadoras: Você acha que tem alguma importância esse trabalho que você está fazendo?

AJT: É, envolve mais a mente da gente, né? A gente pensa mais, né? Eu sou acanhado, eu não gosto de falar da minha vida pra ninguém. Eu gosto de guardar pra mim mesmo, sabe? Nem uma psicóloga que, se chega em mim, não tira nada de mim. Porque eu sou, eu sou uma pessoa, guardo pra mim. Por isso que eu ando muito doente, eu fico muito estressado. Não adianta eu falar da minha vida pra você, se você não vai me ajudar, né? Você não é Deus pra me ajudar, é? Só pra Deus eu reclamo. Ixe! Ele já está até surdo de tanto que eu reclamo. Às vezes, você tem que fingir que não está acontecendo nada, tem que fingir, tem que tocar o barco pra frente. E sempre sorrindo, né? Tem um ditado que eu sempre falo: Sofra sempre sorrindo.

Entrevistadoras: Você falou que é católico.

AJT: É. Fui católico. Aí com o tempo eu batizei na igreja evangélica, né? Hoje eu sou desviado. Como é que você falou mesmo? Esse negócio de racismo. Preconceito para mim é racismo. É um preconceito, né? Na igreja evangélica eu ia direto. Aí fui pedir uma oração para uma mulher branquinha, assim, que nem ela, mais bem mais branca que ela. Eu fui pedir uma oração para ela. Ela é obrera. Tudo quanto é obrera não pode negar uma oração para você. Aí ela me passou para frente, passou para outra pessoa e Deus tocou no meu coração pra pedir uma oração para ela, né? Ah! Sai daqui de perto de mim. Agora não sei, por que sou preto? Aí eu cheguei no pastor e perguntei se podia isso, né? Aí ele falou não! Não pode. Aí, no mesmo dia, o pastor chamou a atenção dela. Daquele dia em

diante eu nunca mais fui à igreja. Não vou dar essa moral para ela. Aí, um belo dia – eu esqueci de contar para você –, também que eu cantei no coral Coca Assis. Não sei se você já ouviu falar do coral Coca Assis que nós cantamos música natalina, né? Nós fomos lá na Unimed e essa irmã que negou para mim trabalha lá. Você acredita que na hora que nós estávamos cantando aquela música “Ave Maria”, que é bonita – Cantar uma pessoa já é bonito, imagina cantar em vinte pessoas? Aí ela começou a chorar, né? Acredita que ela veio pedir perdão para mim? Aí eu falei que ela tinha que pedir para Deus, não para mim. Ela disse que tinha errado e que Deus tinha castigado e falado para ela pedir perdão. Aí eu perdoei: abracei e dei um beijo no rosto dela e ela me abraçou. Ixe, me deu café, me deu bolacha e hoje nós temos uma amizade grande.

AJT: Mais alguma coisa?

Entrevistadoras: Não, é isso mesmo.

* * *

2^o relato: André Leme Moraes

Data da entrevista: 25/8/2011

Transcrição: Danillo Rosa

Entrevistadoras: André, você nasceu em Sorocaba, é isso?

ALM: Isso.

Entrevistadoras: Como era lá, onde você morava?

ALM: Eu morava lá, perto do Campolinho. Trabalhava na empresa Itautermperatura. Fazia coisa para temperatura de gelo, mandava para os Estados Unidos, uma máquina de tubo, né. E de lá para cá conheci minha esposa, em Ourinhos, e aí fomos morar juntos. Pedi a conta lá e vim para cá desempregado. Aí, na Igreja Prudenciana, lá no Vicênio, padre Davi, o pessoal da UNESP começou a marcar reunião com pessoal desempregado. Todo sábado, às duas horas da tarde, tinha reunião para discutir o que a gente ia montar.

Entrevistadoras: Você conheceu o grupo por meio do padre?

ALM: Isso, na igreja, eu sempre vou na missa e começaram a falar sobre os desempregados, [isso em] 2001, né. Estava desempregado, então resolvi participar para saber o que poderia ser feito, né? Aí, a gente foi descobrindo.

Entrevistadoras: Vamos voltar só um pouquinho, sobre Sorocaba, sua infância.

ALM: Ah! Minha infância foi boa, né. Ah! Um pouco trabalhando. Não deu muito para brincar, né.

Entrevistadoras: Você começou a trabalhar com que idade?

ALM: Com 12 anos mais ou menos. O meu pai era pedreiro. Ele punha [os filhos] para ajudar ele, né. Aí, a gente foi aprendendo bastante coisa. Eu sei bastante coisa também, né.

Entrevistadoras: Você foi criado pelos seus pais biológicos?

ALM: [Sim, com os pais] biológicos.

Entrevistadoras: Você mudou para cá com seus pais?

ALM: Não. Não.

Entrevistadoras: Você mudou casado?

ALM: Casado. Isso.

Entrevistadoras: Essa mudança foi mais pela questão do serviço?

ALM: Para cá? Não. Foi por causa da minha esposa que a família dela é toda daqui, né. Ela não queria ficar em Sorocaba, que é uma cidade agitada, uma cidade mais perigosa que Assis. Então, a gente veio para cá, que lá ela não conhecia ninguém. Lá ela tinha medo de andar na cidade que é uma cidade igual ao estado de São Paulo. Agora está pior ainda, né. Então, vim para cá.

Entrevistadoras: Você tem irmãos?

ALM: Tenho nove irmãos e uma menina. Tenho um irmão que é deficiente, não é de cabeça, é de parte mecânica; ele está aí em casa esses dias passando comigo uns dias, né. Eu trouxe na cooperativa. O problema dele é só na parte mecânica. De cabeça ele é igual a mim. É uma ótima pessoa.

Entrevistadoras: E você é o único que trabalha ou trabalhou com catação?

ALM: Eu sou o único da família, dos meus irmãos eu sou o único. O resto é tudo mais estudado que eu. São mais velhos que eu e mais estudados.

Entrevistadoras: E por que você parou de estudar?

ALM: Ah! Eu parei porque eu comecei a trabalhar. Aí, meus irmãos cresceram e não quiseram trabalhar com meu pai, né. E eu já fiquei com meu pai ajudando ele. Então, o resto foi estudar. O resto consegui sair fora e largar o barco para mim. Eles eram pequenos e também não conseguiram tanto. Trabalhei com meu pai quando era pequeno. Aí fui pegando mais idade. Completei 17 anos, fiz o alistamento. E entrei nessa firma, que era perto da minha casa. Começou como uma fabriquinha pequena. Agora ela é uma empresa grande, né.

Entrevistadoras: E sobre a escola, o que você lembra? Você tirava nota boa? Ou você não gostava muito de estudar?

ALM: [Risos.] Ah! Sei lá. Eu gostava, mas meu pai tirava [da escola]. A gente era uma família pobre. Também, não era tanto assim. Aí eu fui o único que ele mais puxou a corda; os outros mais velhos não queriam ficar com ele. Eu era pequeno, se não fosse com ele ia me bater, né. Meus irmãos eram maiores que eu. Então, eram mais fortes.

Entrevistadoras: E, atualmente, você está casado?

ALM: Hoje eu estou. Não é casado, é amigado, né. Sou amigado, não sou casado, né. Os meus documentos marcam que eu sou solteiro, né.

Entrevistadoras: Vida de casado?

ALM: É, vida de casado. É a mesma coisa que vida de casado.

Entrevistadoras: Faz quantos anos?

ALM: Faz 12 anos que sou casado. Doze anos morando junto, né.

Entrevistadoras: E os filhos?

ALM: Eu tenho um filho ótimo, uma menina ótima, graças a Deus.

Entrevistadoras: São dois filhos?

ALM: Dois.

Entrevistadoras: Eles frequentam a escola?

ALM: Frequentam. Meu moleque estava terminando a escola. Está com 15 anos, está fechando tudo. Graças a Deus, não repetiu nenhum ano. Minha menina está com 8 anos, já está na terceira série. Então, graças a Deus, está indo bem. De vez em quando eles querem me ensinar bastante.

Entrevistadoras: É uma relação boa, não?

ALM: Boa, graças a Deus. Meu moleque, graças a Deus, não gosta de sair de casa. Ele gosta de ficar no computador e no *video-game*, essas coisinhas, assim. É mais em casa mesmo. Faz os trabalhos dele da escola. De vez em quando ele vai conversar com os colegas da igreja, o “grupo de jovens” da igreja.

Entrevistadoras: Vocês frequentam bastante a igreja?

ALM: Isso. Graças a Deus. Isso aí desde pequeno, desde o berço minha mãe ensinou nós assim, né.

Entrevistadoras: E você mora em casa própria?

ALM: Oh, eu moro na casa do meu sogro, né. Só que é separado, né. Eu moro no fundo da casa dele, entendeu, graças a Deus.

Entrevistadoras: Você já teve algum problema de saúde?

ALM: Graças a Deus, não.

Entrevistadoras: Nem antes, nem depois da cooperativa?

ALM: Graças a Deus, não, a mesma coisa.

Entrevistadoras: Conte como você conheceu e como foi esse processo de sua chegada à cooperativa.

ALM: Lá na Igreja Prudenciana. Eu até pensei: “Não vai dá em nada isso aí”. Você vai vendo muitas reuniões e tal. Falava. Só faz reunião e nada. Fiquei com isso na cabeça. Aí, fiquei, acho que seguindo eles, mais ou menos, uns seis meses. Eu cheguei até a Ana Maria e falei: “Eu não vou poder seguir vocês”. Então, eu saí e arrumei um serviço de caseiro no banco do Banespa, que vai para o Novo Oeste. Ah, não tinha outro serviço. Vou abraçar esse aí que era para cuidar de clube, né. Peguei minha esposa e meu filho e fomos para lá. Fiquei um ano. Aí, mudou de presidente – porque era um clube, então tem as regras igual a cooperativa –, o outro não quis ficar comigo. Aí, eu

entrei na frente de trabalho, com o pessoal para carpir rua, mexer na Prefeitura. A frente de trabalho era nove meses. Aí, não tinha feito nem três dias que eu estava trabalhando, me mandaram vir para a usina de lixo. Eu não conhecia nada também, mandaram para cá. Aí, eu cheguei aqui na cooperativa, já estava tudo montado. Encontrei o pessoal aqui. Fiquei acho que quatro dias trabalhando na Prefeitura e saí fora e vim para a cooperativa. O projeto da cooperativa que eu conheço é um projeto muito lindo. Eu sinto orgulho de hoje ser catador. Até meus irmãos que é melhor que eu fala: “Oh! Você vai mexer com lixo”. Eu falo: “Não é lixo, gente. O lixo mais rico do Brasil é o nosso. Entendeu? Eu não mexo com lixo, eu mexo com reciclagem”. Hoje, como eu conheço, o Brasil inteiro está conhecido. Porque no tempo que eu era criança, vinha o catador e a gente falava que era mendigo: o homem do saco. Então, a gente tinha medo. Hoje, eu tenho maior orgulho. Eu falo com minha menina na escola, converso com ela dentro de casa. Ela fala para mim: “Aí, pai, meus coleguinhas falam que você é catador de lixo”. Eu falo: “Não é, filha, explica para eles que é material reciclável, lixo quem pega é o lixeiro”. Até a criançada da escola vai lá. De vez em quando, eu levo folha de negócio de reciclagem, que a gente tem aqui uns folhetinhos, aí, eu levo para ela levar na escola e entregar para a professora. A professora faz trabalho com vocês. Aí, ela leva e mostra. Aí, esses dias um monte de criança juntou um monte de material e levou até em casa, né. Aí, fizeram um trabalhinho entre eles mesmos.

Entrevistadoras: Essa segunda vez que você veio para cá, tinha a intenção de ficar, ou não?

ALM: Eu fiquei meio naquela dúvida, né. No começo, nos seis meses mais ou menos, eu falei: “Isso aqui não vai dar em nada”.

Entrevistadoras: Você tinha essa percepção da atividade de catação?

ALM: Tinha esse pensamento. Até porque eu não fui catador igual eles, de fuçar no lixão. Catador, para mim, é como eu falei, era mendigo. Então, a gente não tinha essa visão, como hoje eu

tenho, graças a Deus. Hoje eu tenho orgulho do que eu faço. Mas, antes, quando eu entrei aqui que me mandaram para a rua eu tinha vergonha. Batendo nas casas dos outros pedindo reciclagem. Hoje não. Hoje eu tenho maior orgulho. Aí, fui conhecendo o projeto, a cooperativa; a gente foi acordando, você vendo, entendeu? Graças a Deus, hoje para mim está ótimo.

Entrevistadoras: Você acha que com esse trabalho da cooperativa vocês passaram a ser mais valorizados pela população? E vocês mesmos passaram a se valorizar mais?

ALM: Mas claro, com certeza. Só saio daqui, no dia em que eu morrer. [Risos.]

Entrevistadoras: E quais são os benefícios que a cooperativa trouxe para sua vida?

ALM: Ah, melhorou bastante, viu. Graças a Deus, hoje eu tenho minhas coisinhas. Graças a Deus, consegui comprar um carrinho velho. É velho, mas é meu, está pago, né. Trabalhando, fui guardando um pouquinho e a gente conseguiu. Graças a Deus. Minha esposa me ajudou também. Graças a Deus, melhorou cem por cento.

Entrevistadoras: Qual é seu trabalho aqui dentro da cooperativa?

ALM: Eu sou vice-presidente da cooperativa.

Entrevistadoras: Vice-presidente? E, diariamente, o que você faz aqui dentro?

ALM: Eu faço o geral. A gente faz a mesma coisa. A gente pode mexer com papelada, documentação, eu e o Claudineis. Se ele não está, eu respondo pela cooperativa inteira, entendeu? Se ele está, é ele. Aí eu vou mexer em outra atividade da cooperativa. Hoje, eu estou de motorista do caminhão da cooperativa. A cooperativa, eu penso assim, não é um diretor, um presidente, um vice. O diretor [...] que quer ficar só sentado, olhando os companheiros trabalhar, eu acho que não é bonito isso aí. Acho que se está unido, todo mundo é uma cooperativa. Um ajuda o outro. Está todo mundo unido trabalhando junto.

Entrevistadoras: Todos participam de tudo, não?

ALM: De todas as atividades. Tem hora que estou aqui, estou na rua, em um monte de lugar. Então, para mim é divertimento está rua, está aqui, então.

Entrevistadoras: Não tem uma coisa fixa?

ALM: De vez em quando, entro para o escritório. Tem alguma coisa, sai eu ou a Creuza para pagar conta, comprar algo que precisa para a cooperativa. Trabalho na parte de vendas. Tem horas que eu vendo material junto. Então, é uma beleza.

Entrevistadoras: Mas esse cargo de vice-presidente traz alguma responsabilidade?

ALM: Traz bastante. Se o Claudineis não está aqui, eu sou o responsável. Muita coisa que acontece com documentação, alguma coisa sobra para quem está aqui dentro, entendeu?

Entrevistadoras: Teve algum curso de formação para ajudar nesse cargo aqui? Você fez ou não?

ALM: A gente fez uns cursos na UNESP. Lá com o pessoal. A Ana Maria, os estagiários, deram uns cursinhos para a gente. A gente lá fazia plano de trabalho. Abria a mente da gente, né, que é como documentação. Hoje é que a gente está aprendendo. Porque antes, a gente não sabia tanto, nem eu e nem o Claudineis. Então, hoje a gente já está sabendo o que tem que fazer. Antes a gente nem sabia fazer projeto. O pessoal da UNESP ajuda a gente e a gente ajuda eles. Eles estudam com a gente e a gente tem ideia também. Porque a gente vai criando ideia, no dia a dia da gente.

Entrevistadoras: Por que são vocês que estão aqui, não?

ALM: É com o dia a dia do trabalho que a gente vai criando a ideia da gente para passar pra eles. Não deixar só no papel, pôr em prática, junto com a gente.

Entrevistadoras: E a questão da preservação do meio ambiente, o que você pensava a respeito antes e depois que você começou a trabalhar na cooperativa?

ALM: Ah! Antes, quando a gente era mais jovem, era tanto faz. Eu não ligava. Um dia jogava uma garrafa, outro dia jogava alguma outra coisa. Hoje não. A gente vê, a cada ano, que o

tempo está mudado. Hoje, a gente procura avisar para preservar a natureza, né. Que a gente vive do ar, da árvore, vive de tudo isso, aí. Se a gente só pensar em jogar fora, o que vai acontecer? Hoje, eu estou vivo. Daqui mais cem anos pode ter meus filhos e neto. Então, a gente não imagina isso lá para frente. Tem que cuidar da natureza. A natureza é tudo na vida da gente.

Entrevistadoras: Não é só um material de onde vocês tiram a renda?

ALM: Porque a gente pega um papel e joga no lixo e lá vai derrubar uma árvore, imagina. Hoje, não precisa, graças a Deus se recicla o papel. É a mesma coisa da caixinha de leite. Hoje, fabrica um monte de coisa, fabrica teia. Igual a pet que fabrica cano PVC, um monte de coisa, né. Igual o plástico que fabrica saquinho de novo, fabrica sacolinha, fabrica tudo de volta. Antes não. Antes a gente pegava matéria-prima da natureza.

Entrevistadoras: As relações, aqui, são de amizade ou de trabalho?

ALM: Eu tenho bastante amizade, sim, graças a Deus. Cada um tem uma mente, né. Eu, graças a Deus, no que eu puder ajudar eu ajudo.

Entrevistadoras: Essas amizades vão além da cooperativa?

ALM: É claro. Porque hoje a gente vive mais dentro da cooperativa do que na casa da gente. Porque saio de manhã e chego tarde. Amanhã, você já acorda de novo e fica menos na casa da gente. A gente fica até mais tarde, entendeu? Então, a gente vive aqui. Como eu falo, não adianta vocês discutirem, porque a gente tem duas famílias: uma em casa e uma aqui, no trabalho.

Entrevistadoras: E essa união entre vocês...?

ALM: Graças a Deus, está indo. A gente vai levando.

Entrevistadoras: Tem alguma atividade de lazer que você faz nas horas de folga?

ALM: Ah, de vez em quando a gente se une, umas três, quatro, cinco pessoas, uma turminha, faz um churrasquinho na casa de um. Toma uma cervejinha. De vez em quando, saio para jogar bola com os outros amigos.

Entrevistadoras: Você tem algum outro sonho?

ALM: Ai! [Risos.] Vários sonhos a gente tem na vida de melhorar mais, né. Eu já penso diferente, né. Eu não gosto de falar muito de meu sonho. Eu gosto de deixar acontecer. Vai lá que não dá certo e a gente quebra a cara. Eu tenho vontade de ter meu próprio negócio mesmo, entendeu? De mexer com reciclagem. Vou ter meu próprio negócio, entendeu?

Entrevistadoras: Esse é seu sonho?

ALM: É, ainda é.

Entrevistadoras: Para você, tem alguma importância esse trabalho que a gente está fazendo?

ALM: Olha, eu acho legal, que o pessoal pode conhecer mais. Alguns não conhecem como é a cooperativa, hoje. Tenho certeza. Hoje, você vai perguntar para uma pessoa o que é reciclagem. Ah! É lixo. Entendeu? Ou então, eu acho que vocês não sabiam, antes, tanto isso, né? Porque, hoje, estão falando mais nas escolas. Mas antes não era tanto. No meu tempo de escola não sabia o que era reciclagem. Hoje, está meio conhecido, entendeu?

Entrevistadoras: E vocês fazem também esse trabalho de falar para as pessoas?

ALM: Nas escolas. A gente vai fazer palestra nas escolas, nas empresas. A gente junta três, quatro pessoas e vamos lá. A gente marca um dia e vamos conversar com todos eles. Entendeu? Eles também não conhecem.

Entrevistadoras: O objetivo também é para derrubar preconceito?

ALM: É isso. Graças a Deus.

Entrevistadoras: Faz quanto tempo que você está na vice-presidência? Antes, você já fazia parte da diretoria?

ALM: Vai fazer, acho, dois anos já. Não, três anos. Antes eu era diretor vogal. Esse ano, quem sabe, eu posso pegar de presidente.

Entrevistadoras: Vai ter eleição, agora, novamente?

ALM: Vai. Vai. Se Deus quiser. Talvez eu seja o presidente da cooperativa, né. O Claudineis é uma ótima pessoa, não tenho nada contra ele. A mesma coisa, eu acho que nem ele comigo. Nós

temos um relacionamento bom, eu e ele. A gente se dá bem. Não sei se ele já falou isso. Tudo que ele faz ele fala para mim; tudo que eu faço eu falo para ele. Então, é uma situação boa, né. Graças a Deus, é uma ligação boa.

Entrevistadoras: Tem alguma história aqui da cooperativa que você queira contar, algum acontecimento?

ALM: Ah, eu lembro quando começou a cooperativa, lá no barracão, ficamos até noventa dias sem pagamento. Aí, minha mulher – cabeça de mulher é outra coisa – pensava que eu estava gastando dinheiro com bagunça. Aí, que ela foi ver, que não. Antes, ela não conhecia o projeto da cooperativa.

Entrevistadoras: E esses noventa dias vocês ficaram sem receber por quê?

ALM: Porque foi o começo da cooperativa, então, a gente não tinha capital. Essa coisa. Estava aprendendo a engatinhar.

Entrevistadoras: Estava dando os primeiros passos?

ALM: Os primeiros passos, entendeu? Vendia uma carga aqui, vendia uma ali. Então, não era bastante, era pouquinho volume. Até você conseguir bastante, que nem hoje que a gente tem bastante volume. Antes, você tinha que juntar bastante para você conseguir receber alguma coisa.

Entrevistadoras: E dividir a diretoria com mulheres, é normal? Não tem diferença nenhuma? O pessoal respeita?

ALM: Nenhuma. Respeita do mesmo jeito. Eu respeito as meninas. Para mim são ótimas. Considero como irmãs, entendeu? Tudo que elas vão fazer, elas conversam com a gente. Sempre que eu vou fazer alguma coisa, sento com elas e converso. Graças a Deus, esse grupinho de diretoria foi o melhor que a gente teve. [Risos.]

Entrevistadoras: André, é isso. Agradecemos.

ALM: Então, respondido para vocês?

3º relato: Claudineis de Oliveira

Data da entrevista: 25/8/2011

Transcrição: Alison Leandro Dias

Entrevistadoras: Claudineis, você sempre morou em Assis. Nasceu aqui?

CDO: Nasci em Assis, mas depois fui para Tarumã. Fiquei um tempo em Cândido Mota e aí voltei quando tinha 13 anos para cá.

Entrevistadoras: Poderia contar por que você mudou de Assis e por que voltou?

CDO: Quando eu tinha 7 anos, minha mãe separou-se do meu pai e a gente foi para Tarumã. Ficamos uns tempos lá. Não tinha muita oportunidade de trabalho e a gente mudou para Cândido Mota. Em Cândido Mota, ficamos em um centro vocacional, das sete da manhã até as cinco da tarde. Então, fiquei acho que três anos no Centro Vocacional Frei Paulino.

Entrevistadoras: Também em Cândido Mota não deu certo?

CDO: Em Cândido Mota só tinha arca de mandioca. Tinha pouco trabalho, então a gente resolveu voltar para Assis. Isso acabou prejudicando, porque você fica um tempo numa escola um tempo na outra. É uma amizade num lugar, depois no outro.

Entrevistadoras: Essa mudança acaba atrapalhando um pouco. Mas você continuou estudando?

CDO: Continuei. A gente mudou depois para um sítio. Ficamos um tempo sem estudar. Tivemos que começar a trabalhar meio cedo, porque a gente ia para aliar algodão, colher algodão, colher feijão. Nós éramos oito irmãos.

Entrevistadoras: Oito irmãos. Você foi com a sua mãe ou com o seu pai?

CDO: Eu fiquei com minha mãe. O processo de adaptação demora, né. A gente teve que começar a trabalhar muito novo. Todos trabalhavam. Um cuidava do outro, sempre.

Entrevistadoras: Então, da sua infância até a pré-adolescência foi só trabalhar?

CDO: Eu passei por um processo no Frei Paulino de educação muito bom. O período era integral. A gente fazia uns cursos profissionalizantes. A escola era em dois períodos. Tinha um reforço ao meio-dia. Lá a gente tinha alimentação também. E, logo depois, a gente foi para a zona rural trabalhar numa fazenda. E, nessa fazenda, a gente também estudava de manhã e trabalhava à tarde. Quando a gente veio para Assis, a gente veio trabalhar numa cerâmica. Passei a estudar à noite, mas mesmo assim tinha uma dificuldade muito grande porque tinha que fazer o serviço e ir para a escola. Então, o aproveitamento na escola nunca era muito bom. Também porque o trabalho de cerâmica é um trabalho muito pesado. Ali na Maria Isabel, na Prudenciana, tinha bastante cerâmica. Trabalho que machucava a mão porque o tijolo entrava dentro do forno quente, né. As mãos ficavam machucadas porque tinha que pegar no lacre que comia tudo aqui. E, trabalhando, você chega na escola cansado e o aproveitamento era menor. A gente estudava numa escola que nem era acabada. Era José Augusto, tudo aberto. Você ia sentar na escola para estudar tinha uns blocos que estavam tudo fora do lugar. Era bem precária em 89, 87. A escola não tinha alambrado. O pessoal tinha um índice muito grande de faltas. Todo mundo tinha acesso à escola. O bairro era bem violento. Então, o pessoal invadia a escola para brigar. Tinha muito quebra-quebra naquela época. Tinha uns problemas de gangue, também. Nossa! Era bem complicado. Estudei da quinta à oitava série lá. Consegui concluir com dificuldade, mas concluí. Depois, eu fui para a escola Creofânica [Cleofânia] que era mais próxima da minha casa. E também mudei de trabalho.

Entrevistadoras: Aí você foi trabalhar com o quê?

CDO: Eu fui trabalhar numa metalúrgica. Trabalhando um tempo nessa metalúrgica, consegui também estudar, apesar do problema no horário. Eram três horários que a empresa fazia. Eram turnos. Era das duas às dez, das dez às onze, né, e das onze às seis da manhã. Então, eu tive que trocar e me adaptar à

empresa. Aí, eu parei de estudar nesse processo. Aí, eu preferi o trabalho ao estudo, porque não tinha como ninguém manter a gente, né.

Entrevistadoras: Você ainda morava com a sua família? Com sua mãe?

CDO: Morava. Eu falei para ela que eu preferia, porque o problema era a renda, né? Estudar, depois eu vejo o que eu faço. [Risos.]

Entrevistadoras: Você morava com os seus irmãos? Como era essa relação?

CDO: Então, eram cinco homens e três mulheres. Então, só tinha um irmão mais velho e quando ele começou a ajudar, ele acabou casando. Depois, entrou aquele processo de novo. Então, ficamos em cinco homens e três mulheres. [Risos.] As meninas trabalhavam de doméstica fora também. Ficavam só nós cinco em casa. E aí a gente fazia esse processo. Trabalhava e aí o dinheiro era sempre na mão da nossa mãe. Ela trabalhava e o dinheiro ficava para ela. Uns trabalhavam no corte de cana. Era a atividade que tinha. Corte de cana, movimentação de mercadoria que era o trabalho de saquê. Era tudo trabalho braçal, de desgaste físico. E eu também trabalhava numa metalúrgica, na fundição de bateria. Quando se trabalha com fundição de bateria tem o problema do chumbo no sangue.

Entrevistadoras: Apesar dos cuidados, tinha um pouco de contaminação?

CDO: Tinha. Você tinha que fazer exame a cada três meses para medir o índice alto de chumbo. Tinha índice alto, devia se afastar durante três meses, até abaixar. É bem complicado. E aí logo depois, também, eu comecei a namorar. Namorei um ano, noivei um, depois acabei me enrolando, até hoje.

Entrevistadoras: Até hoje está com a mesma pessoa?

CDO: Logo depois de um ano, eu também perdi o serviço e logo no ano veio o primeiro filho. Pensei em planejar a família, mas não queria ter um filho logo.

Entrevistadoras: Não foi planejado esse primeiro filho?

CDO: A minha mulher sempre falava que se sentia muito sozinha. Não foi uma decisão consensual. Achei que ela foi meio egoísta. [Risos.] Naquela época, [risos] quando ela ficou grávida, faltando uns três meses para ele nascer, fiquei desempregado.

Entrevistadoras: Da metalúrgica que você trabalhava?

CDO: Aí, foi um sufoco. Arrumava só bico de servente e aquela barriga crescendo e a casa de aluguel. Pagava 175 de aluguel. Tinha vez que a mulher acumulava o aluguel. Aí eu pegava dinheiro emprestado da mulher que eu alugava. [Risos.] Pegava dinheiro para comprar gás, nossa, [risos] meu Deus do céu. Como a empresa estava num processo de falência, ela não acertou com os funcionários. Aí, antes do meu filho nascer foi liberado o seguro-desemprego meu, né. E a gente entrou com uma ação contra, aí liberam em juízo o fundo de garantia e o seguro-desemprego e a papelada para mim dá entrada no seguro-desemprego. Aí, consegui dá entrada no seguro-desemprego e esse dinheiro aí, consegui comprar berço, comprar umas coisinhas, me organizar. Aí, com esse dinheiro, também, a gente construiu, eu e meus irmão, lá no quintal da minha mãe, que é grande. Tinha dois cômodos no fundo. Aí eu peguei e resolvi fazer um banheiro e um quatinho e ir para lá, para correr do aluguel.

Entrevistadoras: E mais uma criança, ia vir mais gastos, não?

CDO: Fui para o fundo da casa da minha mãe. Ela me cedeu um pedaço e eu ergui uma parede. Separei e fiz um banheiro e caí para dentro. Só no contrapiso mesmo, sem reboque, sem nada.

Entrevistadoras: E o seu pai, depois da separação, continuou tendo contato, ou não?

CDO: Eu tive contato, mas logo depois ele faleceu e aí minha mãe não ficou recebendo a pensão dele. Teve uma complicação no INPS e ela veio receber agora, depois de 2007. Depois de mais de vinte anos ela veio receber. E agora ela tem uma verba do tempo que eu era menor, eu e ela de menor e minha irmã era menor. A gente tem mais de setenta mil para receber desse

período que ficou, mas não corrige o que a gente passou. A gente teve que começar a trabalhar cedo. Teve que passar por dificuldade. Minha irmã, com 13 anos, teve que começar a trabalhar de empregada. Então, teve problema de escola, acompanhamento não é o mesmo porque, geralmente, entre estudar e passar fome, então tem que trabalhar, né. [Risos.] Minha mãe não era alfabetizada. Naquele tempo casava muito novo. Ela não frequentou a escola. Ela veio aprender a escrever, a fazer o nome dela, há pouco tempo.

Entrevistadoras: Ela trabalhava em quê?

CDO: Minha mãe sempre trabalhou na zona rural. Arrancou mandioca e outras atividades de doméstica, também. Trabalhou muito tempo na casa da família Conti, em Cândido Mota. Nós moramos e trabalhamos lá, na família Conti. Trabalhou muito tempo lá, só que a humilhação era muito grande. A mãe deles era muito ruim.

Entrevistadoras: Aí ela saiu?

CDO: Aí, depois nós tínhamos casado. Ela ficou, a bem dizer, quase sem renda. Aí, também começou a fazer catação. Conheci a cooperativa através dela. Em 2001, minha mãe, começou o grupo de formação. Ela foi uma das primeiras operárias a participar da cooperativa.

Entrevistadoras: E, hoje, ela não está mais aqui?

CDO: Não, ela não está. Como ela era uma pessoa sistemática, ia [no caminhão] buscar o material lá em casa, para carregar o caminhão e acompanhar o preço. Então, uma discussão que ela teve com Roberto Carlos, uma vez, ela não voltou mais na cooperativa. Ela já estava num processo de parar, né, porque ela começou a catar logo. Depois começou a minha cunhada, a minha irmã, todo mundo a catar. E eu perguntava para ela: “Ô, mãe, onde a senhora vai todo dia, sábado, domingo?”; “Eu tenho uma reunião na cooperativa. Tem um pessoal da universidade, então eu participo, né”. Então, ela gostava de ir para lá, porque tinha reunião. As reuniões começavam geralmente, uma e ia até as cinco, seis horas da tarde. Era para fazer o pro-

cesso de formação. “Fica esperto com essa turma aí. Esse pessoal, quando aproxima do outro, alguma coisa de errado. Ninguém ajuda ninguém na vida, viu.” Falava para ela, sempre.

Entrevistadoras: Você tinha esse pensamento?

CDO: Eu sempre falava para ela, ainda mais porque psicólogo sempre é quem demite, viu. Nas empresas eles contratam, eles montam o perfil da empresa e dos funcionários.

Entrevistadoras: Quantos irmãos seus chegaram a trabalhar aqui na cooperativa? Todos conheceram a cooperativa pela sua mãe?

CDO: Olha, trabalham três irmãs minhas, eu e minha cunhada, minha mulher... [Risos.]

Entrevistadoras: E a sua mãe, ela conheceu esse grupo por outras pessoas quando estava na formação?

CDO: É, no boca a boca, né. Ela catava e um foi contando para o outro. Ela gostava muito de participar das reuniões da cooperativa.

Entrevistadoras: E ninguém de vocês tinha tido a experiência com catação?

CDO: O meu irmão tentou montar uma cooperativa de saqueiro, né. O nome da cooperativa era Contravale. Isso foi em 2001, antes da cooperativa. Aí não deu certo. A gente foi pegar um serviço lá para Tatuí, não deu certo. Sempre a gente trabalhava nesse processo de cooperativa de trabalho. A fiscalização sempre estava em cima. A gente pegou o contrato com a LL de quatro anos, para trabalhar em Tatuí. E teve um monte de gente indo para lá, meu Deus do céu. O trabalho cooperativo era assim: a gente trabalhava na produção. A empresa, depois, ela pagava para dá descarrega dos vagões de trem. Pagavam, vamos supor, uns setenta centavos por tonelada, para descarregar. Se vocês colocassem no chão, ela não pagava para carregar o caminhão de novo. Então, quando jogavam para dentro do barracão, se estava ganhando uma vez só. E quando a gente ia no barracão, não ganhava. Então, eu lembro que eu cheguei a trabalhar 190 horas a mais e não conseguia ganhar, [pois quando] dividia as despesas não sobrava nada. Minha experiência de

cooperativa era essa. Não foi muito saudável, não. Tinha jornada de trabalho excessiva. Por falta de pessoal, meu irmão teve que romper o contrato lá. Mas, eles seguravam muito nós na empresa, lá.

Entrevistadoras: Eram setenta centavos por tonelada, por pessoa?

CDO: Não. Eu tinha que movimentar 35 toneladas por dia para poder ganhar meu dia. Vamos supor se num dia eu ganhava setenta, oitenta reais ou então 120, no outro dia eu não ganhava. Então, o outro dia tinha que fazer o inverso disso. Tinha dia que a gente ganhava setenta reais, mas depois ficava um monte de dia sem ganhar. Aí, desanima todo mundo. Todo mundo ia embora. Eu fiquei esse tempo fora da cidade e aí eu fiquei desempregado. Daí olhei, minha mãe catava. Comecei a procurar emprego. Aí, minha mulher foi me visitar lá e ficou grávida. Aí, daí [risos] de novo desempregado e outra criança para nascer. Aí, comecei a procurar serviço e não achava. Aí, andei pedindo à Assistência Social cesta básica porque eu estava desempregado. E não estava pagando mais aluguel. Comecei a fazer uns bicos. Aí, eu saía de bicicleta, colocava as coisas na bicicleta. O meu serviço era de guarda. Trabalhava de guarda e pegava material na rua. Sempre pegando latinha, enchia uma sacola. Você não vê, mas amassava uma por uma. Eu trabalhava na avenida e ia amassando as latinhas e ia colocando na sacolinha. Eu ganhava um salário e meio de guarda, né. Só que era um trabalho que ia receber dos lojistas, né. Uns queriam pagar, outros, não. Então, tinha uma pracinha ali, né, aí comecei a ter dificuldade com esse contratante. Também tinha a concessão da rua. Quem chegar primeiro tem a concessão. Ele queria vender caro aquele pedaço da rua, porque, no caso, ele chegou primeiro. Ele tem autorização de explorar aquele espaço ali, de guardar, você não pode pegar para você. Então, não tinha dinheiro para comprar aquele espaço. Depois disso, ele vendeu para outro cara esse espaço da rua, de fazer guarda. E o cara arrumou uns relógios e colocou chave, um monte de chave pelas ruas da cidade. Eu saía daqui da Caixa Econômica

Federal, entrava na Rui Barbosa, subia do lado do *shopping*, saía ali virando o antigo velório, descia do *shopping*, saía lá perto do Itaú e descia. Ali na Ana Mora [Dona Amora], naquela loja que, subindo, tinha um clone de relógio. Eu tinha que ficar rodando o relógio. Aí, eu não achei justo. Não é proibido esse tipo de relógio? É um relógio que põe aqui e eles espalham as chaves pelos cantos. Em vários lugares proibiu-se, porque é um tipo de trabalho escravo, né. Se você deixar de passar lá, naquele ponto, se tiver uma dor de barriga, qualquer coisa, vai acusar lá. Se tiver chovendo você tem que andar do mesmo jeito. Tem que rodar aquela chave. Aí, eu achei muito humilhante e saí. E fiquei só na catação.

Entrevistadoras: E quando você decidiu participar da cooperativa?

CDO: Então, eu comprei uma carroça e um cavalo e comecei a catar. Comecei a estabelecer os itinerários certinhos, os pontos. Comecei a catar mais organizado, mais não entregava no meu nome. Entregava no nome da minha irmã. Também essa atividade de catação tinha que catar durante o dia. Aí, eu tinha muito constrangimento, né, para catar. Naquela época, era pouca gente que catava. Em 2002 comecei a catar.

Entrevistadoras: Naquela época o pessoal colaborava?

CDO: Não, só alguns. Eles perguntavam: “O que você cata?”. Ainda mais no Jardim Europa, que só vinha quem tinha carroça, né. Uns viam você ali mexendo e entravam que nem doido para a garagem. Um senhor, no Jardim Europa, um dia ele saiu na área: “Que você está mexendo no meu lixo, aí? Aí não tem nada não!”. Aí ele: “Para de mexer aí, hein”, aí ele me xingava: “Rapaz novo desse, vai trabalhar, vai arrumar serviço”. Daí, a gente estava num período de recessão muito grande. Então, não tinha emprego. Aí, um dia ele parou e perguntou: “O que você fica fuçando, o que você cata?”. Aí eu falei: “Eu cato pet, papelão, embalagem de leite, latinha de ervilha, essas embalagem, né, tudo o que for embalagem eu pego”. “Oh! então eu vou deixar separadinho e você pega.” Aí, as pessoas veem você direto passando ali, eles começam a

saber. Tinha uma casa que liberava a garagem para eu pegar revista, jornal. Deixava separadinho. A padaria começou a separar e a outra deixava pão para mim dá para o cavalo. Então, comecei a criar um roteiro, para segunda, para terça, outro para quarta, outro para quinta. Então, era bem organizado.

Entrevistadoras: E, aos poucos, o pessoal foi acostumando e passaram a ajudar?

CDO: É, acostumaram. Com isso comecei a ter meus pontos, né. Eu catava, aí começou a ter esse interesse. Um dia eu saía de manhã, chegava e botava o cavalo para descansar. Dava trato para ele, e ia separar o material que tinha pegado. Aí, entrava todo mundo: a molecadinha, mulher, todo mundo macetando pet. E aí, depois, à tarde, eu me organizava e saía de novo para catação no setor de cima. E aí, sempre entregando no nome da minha irmã, né. Comecei a entregar no nome da minha mãe e, depois, no nome da minha irmã. Sempre assim. E aí, depois que apareceu essa possibilidade de criar o lixo da esteira, ia precisar do Lu para vir para cá, para trabalhar organizando a cooperativa, porque antes do processo da cooperativa era só de catador, não era processo coletivo. A gente catava material, levava para o barracão e aí levava para casa. Aí, o caminhão da cooperativa retirava. A venda era coletiva, mas a atividade não era coletiva, até 2003.

Entrevistadoras: Foi em 2003, depois formou a diretoria.

CDO: Aí, a cooperativa foi criada em abril de 2003. Aí, foi feito uma diretoria de nove meses, temporária, até a primeira eleição que ia ter um mandato maior. Teve essa proposta de vir tirar lixo na esteira, né, e de fazer um grupo para trabalhar coletivamente aqui dentro. E aí, começou a fazer essa discussão, porque a Prefeitura estava jogando o lixo diretamente no aterro. Aí, apareceu essa possibilidade de vir triar todo o lixo aqui na Prefeitura e o lixo e o material triado, a renda nossa. Aí, fizemos um grupo com parente de catador, ex-funcionário do Parque de Reciclagem e pessoas conhecidas que participavam. E aí, esse grupo de 35 pessoas participou nesse processo de

discussão. Aí, a gente não parou a atividade, ia catando e fazia as reuniões de preparação para vir trabalhar aqui na usina. O processo foi mais ou menos do começo de abril até setembro. E aí eu ficava um pé lá outro cá. Eu catava e ficava pensando: “Será que vai dá certo esse negócio de participar? Acho que vou ficar sozinho mesmo. Não vou com esse grupo, não”. Nas reuniões já arrancava. Acontece que ninguém trabalhava nesse processo coletivo. A gente se encontrava em reunião, né. Aí ficava eu e outros discutindo: “Você passou no meu ponto e não sei que lá”. E ficava essa discussão e a gente na rua era uma competição, né. Às vezes, tinha uma caixa de papelão ali; eu estava aqui e você estava lá e vinha correndo pegar, aí era porrada. Depois desse processo de vir para a usina, eu vim para cá. Aí, no começo entrei como um dos coordenadores da usina. Foi complicado porque [havia] o pessoal da Prefeitura; além disso, trabalhava trinta da cooperativa e trinta da Prefeitura. E eles judiavam muito de nós. A gente vinha 15 de manhã e 15 à tarde, em dois horários. Uma turma entrava, das sete às duas, das sete ao meio-dia. A outra turma do meio-dia às seis da tarde. E eu entrava ao meio-dia e ia até seis da tarde, nas duas turmas. A gente viu que não estava dando certo, né. Estava dando muito problema. O que a gente fez foi: “Ah, vamos fazer uma turma só, né”. Mesmo assim, o pessoal que vai para a Prefeitura, eles enchem os baldes de caco, enfiava ferro embaixo do lixo. Aí, quebrava o moinho. Aí, eles chamavam nossa atenção, xingavam: “Tem que olhar. Não pode deixar quebrar esse negócio”. E o homem que era encarregado, ele era do contra. Nunca ele ajudou. Sempre queria ferrar e dizia que não ia dar certo. Ele falava isso para nós. Mas vai fazer nove anos que a gente está aqui.

Entrevistadoras: E você tinha a intenção de ficar aqui na cooperativa?

CDO: Não, a bem da verdade, não tinha, não. Minha intenção era arrumar um serviço melhor, mas depois a gente começou a ter um rendimento bom. A gente começou a conseguir garantia de

previdência, garantir uma renda fixa. A gente entrou com um salário mínimo, depois foi para um salário e meio. Naquela época, a gente tinha uns quarenta. Começou a remanejar funcionários da Prefeitura. Daí fomos ficando...

Entrevistadoras: Foram conquistando certo espaço, não?

CDO: E aí, a gente continuou com o barracão, lá em cima, da cooperativa. E logo depois, teve o processo de eleição e aí me convidaram para fazer parte, como diretor vogal, na cooperativa, com mandato de dois anos. O primeiro mandato de dois anos. Quem entra é só um mandato temporário. Aí eu fiz parte da segunda diretoria da cooperativa.

Entrevistadoras: Mas o que você vê de contribuição que a cooperativa trouxe para sua vida, tanto econômica, quanto a vida mesmo?

CDO: Eu vivenciei muita coisa. Participei de muita coisa, né. Acho que esse processo que a sociedade faz de excluir a gente, demora muito para você recuperar a autoestima. E a cooperativa entrou nesse processo. A gente foi se lapidando, a gente foi descobrindo coisa. Eu mesmo fui descobrindo muitas coisas que eu era capaz de fazer. De repente, a gente se sente muito incapaz, muitas vezes, mas ninguém mostra as condições que a gente tem para aparecer num debate, numa discussão. Ela possibilitou tudo isso, né. Então, eu passei a me redescobrir como pessoa. Como você sabe, geralmente todos têm seu lugar na sociedade, em qualquer profissão ou qualquer ocupação. Para isso, a universidade foi importante. A participação da UNESP, porque ela mostrou que a gente era capaz de muita coisa. E eu pensei que a era a oportunidade de trabalhar, reter renda e depois eu me promover e, depois, procurar outra coisa. Não, mas provou que aqui dentro da cooperativa você tem chance de se promover, né. Eu entrei aqui, eu vinha muito pouco. Não debatia. Tinha dificuldade de encarar público, me escondendo, né. Hoje não, qualquer mesa de debate eu discuto. Eu vou representar a cooperativa em vários lugares. Represento o movimento em vários lugares. Então, eu descobri que dentro dessa

ocupação de catador tem um campo de trabalho que tem um potencial muito grande para ser explorado. Isso é, sempre que eu passo para o pessoal acho que o maior ganho que a gente teve dentro da cooperativa não foi um ganho financeiro. Teve financeiro, mas teve um ganho muito grande em promoção das pessoas. A gente não tinha acesso a crédito, não tinha acesso a emprego. Hoje em dia, você tem que ter um nome limpo. Como é que uma pessoa vai limpar o nome, desempregada? Então, a cooperativa nunca exigiu isso de ninguém, né. Se você aceita pensar bem no processo de regresso do sistema prisional. Como é que a pessoa vai ter atestado de bons antecedentes? Não tem. Geralmente, a gente acolheu com muito preconceito os ex-detentos. Eu tinha preconceito com o pessoal do GLS, trans, homossexuais, não é isso? Pulverizou, porque a gente sabe que a luta nossa é a mesma. Então, é construir um espaço dentro da sociedade. Esse preconceito caiu por terra. Os outros movimentos sociais que a gente respeita: o movimento sem-terra, o movimento pessoal situação de rua. Então, você começa a conhecer e tirar essa máscara que a sociedade tem. Cai tudo por terra. Geralmente, a pessoa se revolta quando vê o acesso que todo mundo tem direito. Essas coisas, numa sociedade meio hipócrita, meia balizadora que as pessoas têm que fazer aquilo para a pessoa fazer parte. Também estamos num processo de construção, desde olhar para trás, daí se fala, a gente andou um palmo, mas foi um palmo bem andado. Acho que a maior conquista da gente é essa qualificação. É promover a pessoa e a pessoa entender a sociedade, vê como ela funciona. E, aí sim, você começa a ter alguns objetivos, algumas lutas porque quem constrói a história é a gente que faz todo dia, né. A história é feita pelo povo, né, a gente sente muito isso, né, na militância da gente, na luta, no dia a dia.

Entrevistadoras: Vocês se sentem construindo essa história?

CDO: Ô, a gente constrói porque isso é uma utopia. A gente sabe que dentro desse terceiro setor que eles falam que a gente é, a gente está construindo o terceiro setor, mas a gente está cons-

truindo para chegar em primeiro, segundo. Primeiro é difícil, mas no segundo setor a gente vai, sim. Porque a gente pensa assim: o capitalismo não vai gerar mais tantos postos de trabalho que prega, né. A gente tem de construir uma alternativa que é paralelo ao capitalismo que é de promoção das pessoas e o processo da cooperativa. Não é processo só trabalho, é um processo de conhecimento do mundo do trabalho. Não é uma coisa pequena que amanhã ou depois ela vai sentir efeito nas políticas. Já está sentindo, porque a gente, antigamente, não tinha acesso à política pública. Hoje, a gente está tendo acesso. Então, quando o governo começa a potencializar o povo nessa distribuição de renda, o povo se promove. Porque se a gente tiver um trabalho precário e condições de trabalho precárias, não tem domínio de várias tecnologias. Caminhão, carrinhos, prensa, os espaços. Isso para os catadores foi muito importante. Eu poderia compartilhar. Eu pensei que era uma coisa que pudesse ser passageira porque tem muito exemplo de filhos de catadores que hoje estão dentro da cooperativa. O primeiro emprego está sendo na cooperativa. A gente tem pessoas que estão fazendo faculdade e pensando em ficar na cooperativa, né. Exemplo, a Daniele. Ela trabalha na cooperativa, mas ela está fazendo faculdade de Contabilidade. A gente precisa de um contador, então. E eu, quando entrei na cooperativa, não tinha carta. Só de carroça. Da parte, dentro da cooperativa, consegui tirar carta de motorista. Hoje, eu dirijo ônibus. Então, eu entrei administrador e estou com um monte de atividades, né. [Risos.] Não só. Eu lá, diretor da Nova América... [Risos.]

Entrevistadoras: E como diretor, como era o seu trabalho diário?

CDO: Ah, o meu trabalho é desde a catação até de dirigir, entendeu? Dirigir o coletivo. Dirijo caminhão, trabalho com carrinho, carregamento caminhão, né. Faço tudo.

Entrevistadoras: Não é porque você é o diretor, o presidente, que tem trabalho especial.

CDO: Ser presidente é fazer tudo, geralmente. [Risos.] E ter mais responsabilidade. Acho que, hoje, o processo está bem dife-

rente. Muitas pessoas estão na cooperativa. Em 2005, chegou uma época que a gente não tinha nenhum motorista. O salário era muito baixo. Não achava ninguém, nem para dirigir. Não tinha ninguém dentro da cooperativa que dirigisse. Hoje, nossa, todo mundo dirige. Mas foi através do trabalho que deu condições, o pessoal tirar carta. Uma carta hoje está 1.200, 1.300, oitocentos reais. A cooperativa foi dando curso de coletivo, pagando a carta para outro, depois descontando. Então, evoluiu muito, né.

Entrevistadoras: Em relação ao meio ambiente, em que a cooperativa ajuda? É uma luta de vocês?

CDO: Estamos dentro. Eu não vou ser hipócrita, não. Caí no meio ambiente por causa de um problema meu também. [Risos.] Fiquei desempregado e o meio ambiente [risos] passou a ser uma atividade [de sobrevivência]. Passei a conhecer e também a lutar, porque se luta quando a gente conhece. A gente pensa em defender a Amazônia, mas a gente tem a nossa, o ambiente onde a gente vive, já que estamos pela força do destino aqui. Porque, assim, um catador, a gente não pode falar que nós é catador. Ah! catador é ambientalista. Não, a gente é ambientalista na prática, mais na prática, dentro de um sistema, né. Benza Deus que colocou nós nessa cadeia de preservação, de ajudar a preservar. Com orientação, a gente consegue fazer. Um catador desorganizado ele não consegue muito, não consegue ter uma leitura do trabalho dele. Pode proteger e pode prejudicar também. Ele pega um material aqui e vende para uma empresa que não tem responsabilidade nenhuma com o meio ambiente. Então, a Cooecassis hoje, com a estrutura que ela tem, a gente consegue, a gente vende para as empresas grandes que têm um tratamento de água, que tem as certificações. Então, é difícil a gente vender para atravessador. Então, a gente tem esse cuidado. E todo material que a gente pega, a gente traz para cá, ou a gente destina para a empresa, ou a gente manda para o aterro que é o lugar [apropriado] e não jogar em bueiro. Sempre foi a orientação desde lá atrás, quando a gente

era catador na rua, autônomo. A gente, toda vez que abria uma sacolinha, a gente abria, tirava o material e fechava de novo. Ou, então, a gente levava um saco do lado, colocava dentro daquele grande e amarrava. A gente nunca estourou sacolinha na rua. [Esse assunto] sempre era tema de reuniões. E a gente sempre [orientou para não jogar] em terreno baldio. A gente sempre fez o processo de limpeza de terreno baldio. A gente sempre está nas campanhas da dengue, acompanhando, cedendo caminhão para a campanha. Aí, estamos dentro, né. A luta nossa, hoje, é contra a incineração, porque a gente sabe que são tecnologias que não tem na Europa e no Japão. São tecnologias que não têm uma investigação sobre qual os gases que emitem e o custo de uma usina térmica é muito caro. É a mesma coisa de queimar água, né. Então, ela é um processo que a gente teme muito, né, porque o material reciclável é a renda do catador. Então, a gente pensa muito nisso.

Entrevistadoras: E a relação de vocês, aqui dentro da cooperativa, é de amizade ou de trabalho?

CDO: Então, a relação nossa, a gente tem uns espaços de reuniões, espaços de cultura, as festinhas de confraternizações. Nesse processo, uns são amigos. Um grupo é evangélico, outro grupo é católico. Então, cada um convive no seu espaço. A gente, dentro da cooperativa, antes não tinha, mas hoje a gente tem uns 30% de evangélicos; outros 3% são ateus, outra, né, então... [Risos.]

Entrevistadoras: Tem de tudo, assim?

CDO: Tem de tudo. Tem um pessoal que é de candomblé. É essa origem africana que antigamente eu criticava a minha avó. Porque minha, ela era de escrava e ela tinha um terreno. Eu não entendia, mas hoje eu entendo que é uma cultura que a Igreja acabou com essa cultura que ela tinha.

Entrevistadoras: E sua avó tinha e você nunca entrou em contato com essa religião?

CDO: Então, o pessoal falava que tinha que fazer meio escondido porque tinha um preconceito muito grande. Hoje eu sei. Eu fui

à Bahia num evento e eu vi lá que é tão normal essas coisas. Eu me lembrei de minha avó. Ela nasceu na Lei do Ventre Livre. E morreu em 1982. Eu vivi pouco tempo com ela. Ela morreu com 112 anos. Ela nasceu na Lei do Ventre Livre quando ela nasceu e ela contava para nós. Ela era bem negra, né, e os olhos dela eram azuis.

Entrevistadoras: O olho era azul?

CDO: Olho azul. Eu tenho dois primos que têm o olho azul. Eu não puxei nada dela. Puxei só as sobranças. [Risos.] Queria ter o olho azul, já pensou? Eu ia ser rei do quilombo. [Risos.]

Entrevistadoras: E a atividade de lazer quando vocês saem do trabalho?

CDO: É, geralmente, [tem] arremesso de copo. [Risos.] Arremesso de copo, um churrasco, um futebol. Tinha um time aqui, mas sempre joga a cada 15 dias. Aí, de domingo sempre eu vou para atividade. Um joguinho também, com os meninos também.

Entrevistadoras: Mais com a família?

CDO: É.

Entrevistadoras: E a relação com os seus filhos, como é? Trabalham, estudam?

CDO: Estudam. Entraram na pré-escola. O outro está no sétimo ano. O outro está no quinto ano. Eles vêm para cá, geralmente, quando a gente faz mutirão de domingo. Eles gostam de vir aqui. E aí, eles também fazem algum trabalho. Hoje mesmo veio uma visita aqui com a escola. Vai lá conversar com a professora. A professora me liga e fala assim: “Ah, posso visitar lá”. Ele vem direto, o pequenininho. Ele gosta de trabalhar comigo. Quando eu estou na rua, de caminhão, ele gosta de trabalhar comigo. E, no domingo, nós saímos de manhã e voltamos umas quatro horas da tarde. Nós ficamos no campo. Quando eles não vêm trabalhar comigo aqui no domingo, porque eles gostam de vir aqui, eles ficam brincando. Mas eles têm, graças a Deus, um anjo, consegui dá condições para eles ter acesso à Internet e ter as coisinhas deles. Tudo graças a isso aqui.

Entrevistadoras: Eles só estudam?

CDO: Só estudam, benza Deus. Eu com 12 anos eu já estava ralando. Consegui primeiro, isso.

Entrevistadoras: Já teve algum problema de saúde por trabalhar aqui, ou antes?

CDO: Ah, eu só tive apendicite. Eu tive que operar em 2010.

Entrevistadoras: E a religião, você é católico?

CDO: Então, eu já frequentei todas as religiões. Um tempo estava meio desiludido da vida. Estava meio descabelado. Fui, na crente, pensando que era psicológica.

Entrevistadoras: Como foi a experiência?

CDO: Então, fui mais procurar um alento porque estava desempregado. Então, eu vi que eu tenho uma leitura que cultua o espírito.

Entrevistadoras: Você tem algum sonho para o futuro em relação a sua vida, ou aqui dentro da cooperativa?

CDO: Ah, eu não sei. Sonho com muita coisa. Sonhei em ser político.

Entrevistadoras: Desistiu desse sonho?

CDO: Vou ficar com minha política mesmo. Defender minha classe é muito. Tem um sistema lá e ele está podre. Tive muito convite desde 2006 para participar como vereador. Agora, eu sonho em fazer uma faculdade de Engenharia, mais eu vou terminar esse terceiro. Engenharia Ambiental. Eu vou para umas coisas que eu tenho que fazer em casa. Dá um tempo e esperar meu molequinho menor crescer mais, eu vou tentar fazer uma faculdade. Tem gente que está fechando com 60 anos. Vou começar com 40, né. [Risos.] Eu tenho vontade de um curso superior, mas eu quero fazer uma faculdade que eu me identifique. Engenharia Ambiental, talvez, Matemática. Qualquer coisa vocês ajudam a passar num cursinho, né [?]. [Risos.]

Entrevistadoras: E a importância para você desse trabalho que a gente está fazendo para você e para cooperativa. Tem alguma importância?

CDO: Eu acho que a memória da gente é muito curta, né, se não registra se perde. Acho que é assim. Vai ser muito importante porque a pesquisa, ela não pode ficar com os pesquisadores. Não pode ficar naquele porão da faculdade. Deve vir para campo. Então, acho que isso tem um ganho importante para a gente, que vamos ter a memória, e também para quem está pesquisando, porque é uma maneira nova de se desenvolver para a comunidade. Então, assim, para conhecer a história tem que participar. Vocês estão participando, estão entrevistando, né.

Entrevistadoras: E como você disse, vocês estão construindo uma história, não?

CDO: É, a gente está construindo história. Somos os atores principais dessa história. [Risos.] Não tem nenhum galã, não, né. São tudo feio mesmo. [Risos.] Não tem nenhum Gianecchini aqui, não, mas também estamos participando. [Risos.] Se tivesse avisado, tinha passado pelo menos uma maquiagem, né. [Risos.]

Entrevistadoras: E sobre as atividades de formação, você participa?

CDO: As atividades de formação política, a gente discutiu um pouquinho. Como é construir a política, como acessar as políticas. Eu participei da discussão da Lei de Resíduos. Ela durou vinte anos para ser aprovada. Mas, na reta final, a gente conseguiu participar do Plano Nacional de Resíduo. Eu participei de cinco discussões. Ajudei a amarrar as coisas para colocar lá dentro. E a minha participação dentro do movimento, eu faço parte da articulação política do movimento nacional. Então, eu participei dessa discussão. Do plano estadual eu participei também da [discussão] dos resíduos: da discussão e das audiências. Então, foi muito importante isso, porque isso aí não dá para você ficar assistindo só. Tem que participar. A gente foi lá, fez articulação, fez amarração política. Foi muito importante isso. E isso é um processo. A formação é um processo contínuo. Você não tem como parar porque tem sempre demanda de

informação. Às vezes, era para a economia solidária, para o cooperativismo. Hoje, a demanda é outra. Comercializar em rede e cooperativismo de segundo grau. Então, é um processo, não se acaba, né. Porque a gente está descobrindo, está participando ativamente.

Entrevistadoras: Faz quanto tempo que você está na direção da cooperativa?

CDO: Então, eu participei na segunda gestão como diretor vogal. Aí, em 2006, teve eleição. Eu fui eleito presidente, né. E hoje estou no processo de reeleição. Está terminando, também. Em dezembro termina. Aí, é outra diretoria. Tive dois mandatos. Mas presidente trabalha do mesmo jeito. Não ganha pelo cargo.

Entrevistadoras: Não tem benefícios?

CDO: Não tem. Só cumulativo. Tem que trabalhar, presidir e assinar. E responder criminalmente. Bem complicado o negócio de ser presidente, meu Deus do céu. Geralmente a gente tem trabalho e recebe no final do mês. Aqui, a gente tem um processo todo. Então, você tem que trabalhar, gerenciar e pagar as contas da cooperativa e tirar renda disso. Não é um processo assim. Você chegou aqui oito horas e deu seis horas e seu dia terminou. Não! Você tem que vê se está produzindo, pois não é um processo simples. É difícil todo dia a gente matar um urso. Choveu hoje ou não, você tem que trabalhar. Tem que se organizar e puxar mais o horário, vir no final de semana para dá conta. A gente é responsável por todo o resíduo da cidade, né. Então, é muita responsabilidade. E estou aqui. Todo esse processo de coleta seletiva, do trabalho ninguém ensinou. A gente aprendeu.

Entrevistadoras: Aprendeu na prática?

CDO: Na prática, então, para quem está vindo, e para os grupos que estão nascendo, por exemplo, de Ourinhos, no aterro de Cândido Mota, Quatá, Maracaí, Palmital, Prudente é uma lixaria. A gente foi lá, nem falou: é assim, assim. A gente tinha experiência, mas nós tivemos que aprender na prática. A Prefeitura parou a esteira e falou assim: “O negócio é o seguinte, o

que nós vamos fazer? Quebrou essa esteira e que nós vamos fazer? Vocês têm alguma alternativa?”. Uai, vamos implantar a coleta seletiva. Nós sabíamos da coleta seletiva? Tivemos que aprender, então não foi fácil, não. Eu penso assim, toda vez a gente olhar o mapa, corrige, corrige, né.

Entrevistadoras: A aprendizagem é contínua, também?

CDO: É contínua. Tem, em 2005, a coleta seletiva. A gente está com seis anos. Vai fazer seis anos de coleta seletiva. É um processo que começou de um jeito que ele mudou quase totalmente. Mudou os carrinhos, o sistema, mudou os caminhões, mudou tudo. E tudo isso a gente participou. Os carrinhos novos foi tecnologia nossa. A gente viu, pensou e desenvolveu um carrinho. Aí, os caminhões a gente adaptou máquina. Então, foi um processo que a gente se apropriou, né, a gente se apropriou de tudo, né. Uso da tecnologia é muito importante nisso.

Entrevistadoras: Acho que é isso.

CDO: Tá bom.

As narrativas de mulheres e homens aqui apresentadas poderiam dar margem a outras discussões, pelas novas possibilidades abertas por suas reflexões sobre suas vivências. É possível perceber que os assuntos trazidos por esses protagonistas (que extrapolam os objetivos iniciais do livro) sinalizam, além do já focado, para o que foi silenciado ou o não dito, mas sugerido.

Alguns aspectos ainda convidam à reflexão e dizem respeito às “relações indiferenciadas de gênero”, os conflitos e tensões subjacentes nas opções religiosas, sexuais e familiares apontadas pelos protagonistas, homens e mulheres, os preconceitos de cor e da própria pobreza, o péssimo sistema escolar a que tiveram acesso. Alguns desses temas foram explorados no início de cada capítulo deste livro, como o abandono das mulheres e seus filhos pequenos pelos parceiros que causaram prejuízos materiais, psicológicos e mágoas a todos.

Entretanto, merece destaque a indiferenciação de sexo nas falas desses protagonistas sobre a divisão das tarefas, sobretudo na

ocupação dos cargos da diretoria. Essa relação é descrita de forma harmoniosa e naturalizada que provoca no leitor a seguinte pergunta: por que as disputas não ocorrem se as mulheres, em regra, recebem no mercado formal de trabalho salários mais baixos que os homens e estão submetidas à pesada hierarquia nos locais de trabalho e nem sempre ocupam cargos de chefia? O que há de singular nessa experiência que a diferencia de outras formas e relações de trabalho?

Outro aspecto que merece reflexão diz respeito à “apropriação” por parte desses sujeitos do discurso de autossuficiência e de gerenciamento da cooperativa, o que não corresponde às condições efetivas no dia a dia de trabalho desses cooperados, que depende do apoio e trabalho de seus parceiros, em particular da UNESP – representada pelos professores de Psicologia e os estagiários –, que dá sustentação e aval aos projetos financiados pelo governo federal para o funcionamento das cooperativas de Assis e região que integram esse projeto de extensão da universidade.

Ciente de que o resultado desta pesquisa (que se inscreve no campo da extensão universitária) poderá ensejar outras reflexões, pela diversidade das questões sinalizadas, a segunda parte deste livro expõe sucintamente a trajetória de formação da Cooperativa dos Catadores de Materiais Recicláveis de Assis, bem como o trabalho de organização dos registros fotográficos dessa experiência e os significados subjacentes nesses registros que mapeiam a trajetória dessa experiência e que precisam ser desvelados para o grupo e para os outros.

PARTE II
TRAJETÓRIA DA COOPERATIVA
DE CATADORES DE MATERIAIS
REICLÁVEIS DE ASSIS E REGIÃO
(COOCASSIS)

3

IMAGENS EM TEMPO REAL: A TRAJETÓRIA DA COOPERATIVA DE CATADORES DE MATERIAIS RECICLÁVEIS DE ASSIS E REGIÃO (COOCASSIS)

A segunda parte deste livro tem em mira apresentar a trajetória da Coocassis, desde o seu surgimento, em 2001, ao ano de 2007 e, em seu âmbito, o percurso e as ações daqueles que estiveram envolvidos em sua constituição, contada sucintamente com base em fotos e textos de uma exposição tornada pública em fevereiro de 2011. Essa trajetória foi retraçada apoiada nas fotos de cada etapa das ações que foram realizadas, em momentos distintos, pelos vários protagonistas envolvidos em sua consecução.

Nas imagens recuperadas, foi possível acompanhar a assembleia de fundação da cooperativa, os cursos de formação e capacitação, as palestras diversas, as ações envolvendo a assinatura de convênios com o poder público, municipal e federal, as atividades de trabalho, os eventos culturais, políticos e lúdicos, tais como o coral e as festas de confraternização que, certamente, criam laços de convívio e de sociabilidade entre os seus integrantes. Essas ações passaram a ter um papel estratégico na redefinição do perfil desses trabalhadores cooperados, homens e mulheres que, aos poucos, começam a assumir outra identidade: a de trabalhadores(as) envol-

vidos(as) no tratamento de materiais recicláveis, como é possível ler em seus depoimentos, na primeira parte deste livro.

Esse processo foi dividido em vários blocos temáticos,¹ a saber: “Das origens”, “O ato de fazer: transformar e preservar e os seus significados”, “Atividades de formação: palestras, cursos, encontros, congressos”, “As festas solidárias”, “Os trabalhadores da Coocassis: a foto para a exposição” e “Alguns protagonistas – depoimentos”.

Embora pareça uma quebra na narrativa, os textos apoiados no registro fotográfico feito por Ana Maria Rodrigues de Carvalho de todos os passos desse processo retomam, de outro ângulo, o fio condutor das reflexões aqui apresentadas na primeira parte do presente livro. Acompanhar esse percurso valendo-se de textos curtos e elementos visuais é certamente uma alternativa possível para um livro. Mas acredita-se que isso não causa prejuízo para a compreensão dessa trajetória do grupo em seu percurso de organização de trabalho solidário e cooperado.

As imagens, embora tragam os vários momentos dessa trajetória, se constituem em “registros” dessa inserção, diferentemente das narrativas de seus protagonistas que se apresentam entrecortadas de emoções e do não dito e vão além desses momentos. Essas fotos, em que pese o seu significado ao registrarem o acontecido, não conseguem capturar as dificuldades, sentimentos, dor e desespero enfrentados por esses homens e mulheres, no seu dia a dia, para garantir alguns trocados para sua sobrevivência e de seus filhos e a luta cotidiana para conseguir algum emprego que possibilitasse sair da condição de provisoriade prolongada em que se tornaram as suas vidas. O início dessa trajetória foi nomeado no tópico “Das origens” que será exposto a seguir, tendo na sequência os demais momentos desse processo.

1. Esta segunda parte do livro está estruturada de acordo com a subdivisão temática feita para a exposição.

I. Das origens

A origem da Coocassis resultou do empenho de muitos e seu ato inaugural não pode ser confundido com o processo que permitiu sua criação. Segundo matéria publicada pelo jornal *Voz da Terra* (3/5/2003, p.3), estiveram presentes no ato inaugural da Coocassis, na Câmara Municipal de Assis, os próprios interessados – os catadores – e os demais envolvidos no projeto que compuseram a mesa, tais como: os professores da UNESP, na área de Psicologia, Ana Maria Rodrigues de Carvalho e Carlos Ladeia; o responsável pela Cáritas Diocesana, Roberto Carlos Santos; e o prefeito Carlos Nóbile.

Memória dos Catadores de Materiais Recicláveis de Assis (2001-2007) – fragmentos



Foto 1 – Assembleia de constituição da Coocassis: Câmara Municipal de Assis, 29/4/2003

Fonte: “Coleção” de fotos Coocassis, Cedap, 2010.



Foto 2 – Solenidade de constituição da Coocassis: Câmara Municipal de Assis, 29/4/2003. Da direita para a esquerda – 1ª fileira: José Ailton, João Chaves (diretor da UNESP), Ricardo Melo, Edimir Saito, Iara Morena, Rubens, Carlos Ladeia, Roberto Carlos Santos, Ana Maria Rodrigues de Carvalho, Ricardo Abussafy, Rodrigo Nejn, Edinei Garcia

Fonte: “Coleção” de fotos Coocassis, Cedap, 2010.

Esclarece Ana Maria Rodrigues de Carvalho que

o projeto foi possível graças a um núcleo de estágio da UNESP que faz projetos de extensão à comunidade e vem assessorando a formação e o desenvolvimento da cooperativa. Os encontros com os catadores estão sendo realizados há um ano e meio, todos os sábados, desde que a cooperativa começou a funcionar, num barracão cedido pela Cáritas Diocesana, na avenida Mário de Vito, 542. (*Voz da Terra*, 3/5/2003, p.3)

Em 18 de agosto de 2003 foi firmado o I Convênio entre a Prefeitura Municipal e a Cooperativa dos Catadores (*Voz da Terra*, 16/9/2003), que transferiu a operação com os materiais recicláveis da Usina de Reciclagem de Assis para o comando dos catadores, ficando o apoio técnico, a operação e a manutenção das máquinas sob a responsabilidade dos funcionários da Prefeitura.

O jornal *Voz da Terra*, em 3/1/2004, sintetiza bem os avanços dessas negociações e os benefícios para a cidade. A matéria sob o título “Parceria: usina de lixo avança com Cooperativa de Catadores”, assinada por Renata Baldo Pereira, diz o seguinte:

O ano de 2003 foi particularmente importante para o município no seguimento de coleta e reciclagem de lixo. A Prefeitura, por meio da Secretaria de Planejamento, Obras e Serviços, firmou convênio com a Cooperativa de Catadores, e a mesma, com apoio da Cáritas Diocesana e da UNESP, *campus* de Assis, vem propiciando uma melhoria considerável na separação e comercialização dos materiais recicláveis oriundos do lixo urbano. Atualmente, são 34 cooperados trabalhando na Usina de Reciclagem e Compostagem de Lixo de Assis. Juntamente com profissionais e estagiários da UNESP, também vem sendo implantado na cidade a coleta seletiva. Dezenas de postos de entrega foram instalados em pontos estratégicos que incluem todas as escolas do município e ainda de condomínios e algumas praças....



Foto 3 – Assinatura do I Convênio com a Prefeitura Municipal de Assis, 2003. Da esquerda para a direita: (sentados) Vanda Nogueira, José Eliel de Mendonça, Carlos Nóbile (prefeito), Elma, Osvaldo Gibin; (em pé) Edgar, Ruth, Luis Álvaro Coelho (secretário de Planejamento), Roberto Carlos Santos (representante da Cáritas), Joana, dom Antonio

Fonte: “Coleção” de fotos Cooacassis, Cedap, 2010.

II Convênio firmado com a Prefeitura para implantação do Programa de Coleta Seletiva Solidária – junho de 2005



Foto 4 – Solenidade de assinatura do II Convênio com a Prefeitura , ocorrida na Sala de Meio Ambiente do Parque Buracão. Da esquerda para a direita: João Rosa (vice-prefeito), Jefferson Tartarini, Ézio Spera (prefeito), Nilza Ferreira

Fonte: “Coleção” de fotos Coocassis, Cedap, 2010.



Foto 5 – Assinatura de convênio com o BNDES, no Rio de Janeiro, para a construção do Centro Regional de Processamento, Transformação e Comercialização de Materiais Recicláveis de Assis, Rio de Janeiro, 1º/10/2007. Da esquerda para a direita: Claudineis de Oliveira, Ana Maria Rodrigues de Carvalho, André Leme

Fonte: “Coleção” de fotos Coocassis, Cedap, 2010.

O apoio da UNESP, valendo-se de projetos elaborados pela equipe da incubadora, juntamente com os catadores, vem consolidar as condições para que a cooperativa e seus integrantes possam desenvolver o trabalho de reciclagem do município em condições dignas. Foi a partir desse momento que convênios firmados com a Fundação Banco do Brasil e o BNDES garantiram essa infraestrutura, com a aquisição de caminhões, equipamentos e carrinhos, bem como a construção do Centro Regional de Processamento, Transformação e Comercialização de Materiais Recicláveis de Assis.

II – O ato de fazer: transformar e preservar e os seus significados

O ato de fazer: transformar e preservar e os seus significados (As atividades: da coleta ao processamento)



Foto 6 – Empilhamento e armazenamento de fardos de garrafas plásticas no barracão da cooperativa, agosto de 2003

Fonte: “Coleção” de fotos Coocassis, Cedap, 2010.

**O ato de fazer:
transformar e preservar e os seus significados**



Foto 7 – Abordagem para a coleta seletiva solidária em parceria com a Vigilância Sanitária, julho de 2005. Luciana Oliveira, não identificado

Fonte: “Coleção” de fotos Cooacassis, Cedap, 2010.

As atividades: da coleta ao processamento



Foto 8 – Catadores cooperados durante a coleta nas vias públicas da cidade de Assis, 18/7/2005. Da esquerda para a direita: Aparecida Pedro, Maria Luzia Santos, Valmir Mathias, Vilma Cipriano, Absai Rezende

Fonte: “Coleção” de fotos Cooacassis, Cedap, 2010.



Foto 9 – Catadores cooperados durante a coleta seletiva nas vias urbanas da cidade de Assis, fevereiro de 2007. Da esquerda para a direita: Maria Galdino, Roselaine, Sidnei Sevilha, Solange Carvalho, Raquel Angélica Bastos, Sonia dos Santos, Marinusa Mariano de Souza, Noêmia Virgínia Vitor, Maria de Fátima Clemente

Fonte: “Coleção” de fotos Coocassis, Cedap, 2010.

III – Atividades de formação: palestras, cursos, encontros, congressos



Foto 10 – Eleições municipais. O candidato a prefeito Reinaldo Nunes apresentando suas propostas, 4/9/2004

Fonte: “Coleção” de fotos Coocassis, Cedap, 2010.

As atividades de formação desses trabalhadores são de diferentes tipos. Elas envolvem palestras sobre temas variados, oficinas, atividades de letramento, círculos de cultura, cursos específicos, atividades políticas próprias do grupo, como a participação em encontros e congressos.



Foto 11 – Educação de Jovens e Adultos na Cooperativa (Ejac). Atividades de letramento dentro da cozinha do Parque de Reciclagem da Prefeitura Municipal de Assis, novembro de 2005. Maria Galdino, Daniel Domingues

Fonte: “Coleção” de fotos Cooçassis, Cedap, 2010.



Foto 12 – Curso de capacitação para Coleta Seletiva na UNESP, *campus* da FCL de Assis, ministrado por docentes e estagiários, maio de 2005. Da esquerda para a direita: Luciana Oliveira, Vicentina Oliveira, Iraci da Silva, Aparecida Pedro, Leonice Oliveira

Fonte: “Coleção” de fotos Cooçassis, Cedap, 2010.

IV – As festas solidárias



Foto 13 – Participação no desfile de comemoração do aniversário da cidade de Assis, na av. Rui Barbosa, em 2003

Fonte: “Coleção” de fotos Coocassis, Cedap, 2010.



Foto 14 – Primeira confraternização de final de ano entre os integrantes da Coocassis, familiares e apoiadores, no seu barracão, dezembro de 2001. Dançam: Ana Maria Rodrigues de Carvalho (de azul) e Genara

Fonte: “Coleção” de fotos Coocassis, Cedap, 2010.



Foto 15 – Apresentação do Coral da Cooperativa, de músicas natalinas, na Estação Parada das Artes, 2005: Aparecida Pedro da Silva, Vanda Nogueira S. dos Santos

Fonte: “Coleção” de fotos Cooçassis, Cedap, 2010.

V – Os trabalhadores da Coocassis: a foto para a exposição



Foto 16 – 1ª fileira: Rubens Venâncio Marques, Maria de Jesus Tavares, Fátima Godoy, Sidnei Servilha, Raquel Angélica Bastos, Rosangela de Almeida Alves, Verônica Leiria, Maria Galdino da Silva; 2ª fileira: Aparecida Pedro, Ionice Verlovack, César Augusto Bravo, Absai Rezende, Sônia dos Santos, Maria Raquel Mangureira, Marinusa Mariano de Souza, José dos Santos, Simone Ferreira, Noêmia Virgínia Vitor, Gracileine Elaine, Vanderlice Borges, Jeanete da Silva, Laureci Florentino, Josiane da Silva Cardoso, Lucinéia de Souza, Cecília Aparecida

Fonte: Pedro Henrique Victorasso, 3/9/2010.



Foto 17 – 1ª fileira: Rubens Venâncio Marques, Sônia dos Santos; 2ª fileira: Creuza Soares Cardoso, Sidnei Servilha, Cecília Aparecida, Raquel Angélica Bastos, Noêmia Virgínia Vitor, Claudineis de Oliveira, Alexandre Tavares, Verônica Leiria; 3ª fileira: Laureci Florentino, Rosangela Alves, Vanderlice Borges, Maria de Jesus Tavares, Marinusa Mariano de Souza, Maria Raquel Mangueira, Absai Rezende, Cesar Augusto Bravo, Ionice Verlovack, Lucinéia de Souza, Josiane da Silva Cardoso, Aparecida Pedro, Gracileine Elaine, Simone Ferreira, Maria Lúcia da Silva, Sandra Carvalho, Jeanete da Silva, Fátima Godoy, Maria Galdino da Silva

Fonte: Pedro Henrique Victorasso, 3/9/2010.

VI – Alguns protagonistas – Depoimentos

Depoimento da prof^ª assistente dr^ª Ana Maria Rodrigues de Carvalho (coordenadora da Incubadora de Cooperativas Populares da UNESP – Núcleo de Assis)

Para nós, da UNESP, que participamos intensa e ativamente da organização dos catadores de materiais recicláveis de Assis, juntamente com a Cáritas Diocesana e a Prefeitura, é uma satisfação e

um orgulho ver como a Coocassis desenvolveu-se e fez a diferença nas condições de trabalho e de vida de tantos catadores.

Nesta caminhada, podemos contabilizar muitas horas dedicadas à (re)apropriação de saberes e ao desenvolvimento de várias competências, muitas das quais já adormecidas nesses trabalhadores, submetidos a tantos anos de exploração e expropriação pelo sistema capitalista vigente.

Adotando os princípios da economia solidária e do cooperativismo popular, aos poucos, o grupo foi reconhecendo sua força, seu valor, seus direitos e também seus desafios.

Convencida da importância do acesso e, especialmente, da posse dos bens e meios de produção e assessorada pela equipe da UNESP, a Coocassis elaborou projetos e respondeu a editais que lhe garantiram a aquisição de máquinas, equipamentos e veículos necessários ao desenvolvimento de suas atividades.

O convênio entre a Coocassis e a Prefeitura, ampliado e aperfeiçoado a cada ano, garante hoje a coleta seletiva solidária em 100% dos domicílios e apoio à coleta de lixo domiciliar. Atualmente, o quadro de sociotrabalhadore é de 130, em média, com uma retirada mensal de R\$ 650,00, aproximadamente.

O acesso a políticas públicas do governo federal para inclusão de catadores possibilitou à Coocassis, entre outras, a construção do Centro Regional de Processamento, Comercialização e Transformação de Materiais Recicláveis de Assis, a ser inaugurado ainda em 2010. Esta conquista possibilitará a comercialização em rede e o avanço na cadeia produtiva, a partir da transformação de plásticos, trazendo grande benefício aos catadores de Assis e região.

A luta desses catadores, por meio do Movimento Nacional de Catadores de Materiais Recicláveis (MNCR), ainda é grande, pois, em vários municípios, muitos ainda trabalham em “lixões” e não têm seus direitos sociais garantidos.

Para a Coocassis, os principais desafios são:

- apropriação dos princípios e valores da economia solidária e do cooperativismo popular por todos seus sócios;

- pagamento pela Prefeitura por serviços prestados na coleta seletiva.

Paralelamente a toda mudança na realidade concreta, é possível reconhecermos como esses trabalhadores também mudaram. Em 2008, defendi a tese de doutorado, pelo Instituto de Psicologia da USP, discutindo como a cooperativa é um espaço de trabalho e de sociabilidade que tem desdobramentos na consciência dos catadores.

Nesses quase dez anos de trabalho conjunto (universidade e catadores), articulando conhecimentos científicos e saberes populares, construímos novos conhecimentos com os quais desencadeamos um processo de alteração da realidade vivida por esses catadores e, paralelamente, de formação de profissionais mais críticos e comprometidos com transformação da realidade social. (Assis, 13 de setembro de 2010)

O aprendizado e seus segredos

Depoimento de um cooperado, Claudineis de Oliveira:

Olha, conheci a cooperativa, através da minha mãe, que era catadora.

Devido à dificuldade de reinserção no mercado de trabalho achei na catação uma atividade providencial de renda naquele momento.

Mas achei segurança, pois tinha um ideal.

A ideia de trabalhar organizado e ser dono do próprio negócio, ter uma estabilidade de trabalho, motivou eu a participar do coletivo.

A cooperativa foi se tornando parte da vida e eu parte dela, construir uma história sendo um ator é muito importante, esse é o diferencial. Não ser quem ajuda a fazer mas sim fazer juntos.

A mudança na minha vida foi radical, de participar da vida política do país, de lutar por política pública, de circular nos

meios políticos, universitário, social, de compreender como funciona a sociedade, uma mudança no cotidiano e saber que a gente tem que ter uma participação efetiva na história desse país que fazemos parte da construção da nossa história, coisas que o capitalismo e essa sociedade burguesa roubou de nós.

A organização dos catadores em cooperativa fez com que a gente conhecesse outros grupos de catadores, o MNCR, MST, movimento dos povos em situação de rua e conhecer a lutas deles, saber que temos os mesmos ideais e sonhos.

Olha, me organizar em cooperativa só me mostrou que todo sonho sonhado junto é possível, quando pessoas acreditam em pessoas, tudo é possível, a Coocassis é um exemplo. Olha, estamos fazendo parte da história do mundo do trabalho e da sociedade e isso, para trabalhadores, muitas vezes excluídos pela sociedade, é muito importante o resgate do ser humano, isso é o maior ganho de qualquer sociedade e a cooperativa é isso, um espaço de aprendizagem e resgate dos nossos saberes. (Assis, setembro de 2010)

Depoimento de Creuza Soares Cardoso:

Encontrei na catação uma maneira de sobreviver e também de fazer uma atividade que traz importantes benefícios a todos que colabora com a coleta seletiva.

E também na cooperativa aprendi a trabalhar coletivamente organizado.

E é também através da cooperativa que somos nós, catadores, que trazemos soluções para o meio ambiente para o trabalho e geração de renda.

E que catador organizado, o trabalho é valorizado.

Para mim, é muito importante estar fazendo parte de um trabalho solidário.

Pois, quando decidimos lutar juntos e organizados caminhando sempre de mãos dadas é que acreditamos que é possível sonhar e mudar a realidade em que vivemos.

Penso que a cooperativa mudou muita coisa na minha vida.

E, ao mesmo tempo, sinto que temos muito a fazer.

Precisamos de boa vontade do poder público e da população e, às vezes, do próprio catador. Depois que eu entrei na cooperativa aprendi que nós, catadores, precisamos estar sempre unidos.

E juntos, podemos se livrar de atravessadores e exploradores.

Adquirindo sempre o respeito à nossa classe e fazendo dos nossos sonhos uma realidade. (Assis, setembro de 2010)

4

RESSIGNIFICANDO A MEMÓRIA: A "COLEÇÃO" DE FOTOS E SEUS SUPORTES

A elaboração dos suportes dessa memória em imagens teve um percurso para garantir sua organização técnica. O trabalho final objetivava recuperar a memória histórica dos catadores de materiais recicláveis da Cooocassis e compôs-se de várias etapas. Nessa fase inicial, duas delas foram cumpridas: a) a organização do acervo dessa cooperativa, composto por fotografias de diversas atividades desenvolvidas pelos cooperados e seus colaboradores; e b) a pesquisa de matérias dos jornais locais sobre o assunto.

Terminada essa fase, foram produzidas fontes orais, com o intuito de construir a memória desses trabalhadores autônomos que garantiam a subsistência de seus familiares juntando pelas ruas da cidade os materiais recicláveis descartados pela população de Assis. Hoje, fazem a coleta seletiva desses materiais de forma cooperada. O projeto estruturou-se com base em procedimentos distintos, uma vez que uma parte envolveu pesquisa nos jornais locais sobre a criação da Cooperativa dos Catadores de Materiais Recicláveis de Assis, e a outra, a organização das fotos, usando metodologias distintas, como as descritas a seguir.

1. A pesquisa nos jornais locais: Para compor o dossiê sobre a Cooocassis, inicialmente, foi feito um levantamento de

informações nos jornais *Voz da Terra* e *Jornal de Assis*. As matérias coletadas foram organizadas cronologicamente e transformadas em um dossiê (digitalizado e em papel), para subsidiar os vários interesses dos cooperados e as pesquisas futuras sobre o trabalho do grupo.

2. Organização da coleção de fotografias: O prosseguimento desse trabalho resultou na organização e descrição de 1.245 fotos, que foram agrupadas por temas e subtemas, numeradas sequencialmente e, posteriormente, identificadas. A seguir, passaram a ser catalogadas, em fichas que registram informações de cada foto, tais como: tema, subtema, código, autor da foto, local, data, descrição física, nome das pessoas fotografadas, conteúdo, descritores e notas.

A “coleção” de fotos: a memória e seus suportes

Após essa etapa de sistematização de cada foto em ficha catalográfica (que poderá compor um futuro banco de dados), o conjunto desse material foi armazenado, seguindo os cuidados necessários para sua conservação. Para isso, foram construídos pelos bolsistas, voluntários (e, na fase final, estagiários do Cedap), os suportes de papel *kraft* (pouco alcalino) e fixadas as cantoneiras; as jaquetas especiais, confeccionadas de poliéster transparente, neutro (*acid free*).

Concluída essa etapa, as fotos foram guardadas nessas jaquetas e, finalmente, foram acomodadas em caixas de material alcalino, devidamente identificadas, possibilitando, a partir daí, o uso desse acervo, sem que haja sua danificação.

Esse material, já organizado, encontra-se guardado em uma sala do Cedap, em baixa temperatura e disponível para os próprios protagonistas e os pesquisadores.

As imagens e os pequenos depoimentos do bolsista e da voluntária que se seguem retraçam o percurso desse trabalho sobre a participação específica no projeto e o aprendizado adquirido.



Foto 18 – À esquerda, as fotos já acondicionadas na caixa. Ao lado, as ferramentas necessárias para esse trabalho

Alunos do curso de História: bolsistas e voluntários que trabalharam no projeto (2008-2010)



Foto 19 – Pedro Victorasso (bolsista PROEX – 2009; Santander – 2010) e Natália Sobral (voluntária – 2010).

Ferramentas e etapas distintas do trabalho de organização visando à conservação das fotos (setembro de 2010).



Foto 20 – Pedro Victorasso (bolsista) e Natália Sobral (aluna voluntária do quarto ano do curso de História), foto de 2/9/2010. (Supervisão técnica do projeto, na área de Conservação: Izabel Mano Neme [Cedap]. Período: 2008-2010)

Depoimentos – bolsista e voluntária

Pedro Henrique Victorasso (2009-2010):

Logo que entrei no projeto de extensão, em andamento, “Memória dos Catadores de Materiais Recicláveis de Assis (SP) (2001-2007)” tive conhecimento da existência da cooperativa e de sua organização solidária para o trabalho. Então, dei continuidade ao processo de organização do acervo fotográfico da cooperativa.

Esta etapa do projeto compreendia a identificação dos indivíduos das fotografias, a organização e sistematização das fichas fotográficas e, por fim, o processo de conservação do acervo.

Trabalhar no projeto foi uma experiência positiva em vários aspectos. No início, foram feitas leituras sobre sistematização de

acervos fotográficos. Durante as identificações das fotografias, tive a oportunidade de interagir com os catadores e com seus colaboradores, assim, esse trabalho demorado vinha sempre acompanhado de histórias interessantes sobre os membros desse grupo. No decorrer do processo de sistematização não houve grandes dificuldades, pois as informações dadas nas reuniões de identificação eram inseridas nas fichas fotográficas, acompanhadas pelas descrições físicas e notas sobre as fotografias. O processo de conservação, etapa delicada e demorada do projeto, contou com a supervisão técnica de Izabel Mano Neme, do Cedap, para que, no final do processo, as fotografias fossem acomodadas em sala com temperatura ideal, em suportes e caixas de materiais próprios para conservação, facilitando, assim, o acesso dos pesquisadores.

Os benefícios que o projeto trouxe para minha vida acadêmica foram muitos, pois participei de congressos e fóruns de projetos de extensão, com apresentações orais e em pôster. Tive, também, a oportunidade de me aproximar do Cedap, que me despertou uma paixão em trabalhar na área de conservação após os dias de trabalho no projeto e através dos cursos de extensão, fatores que serão positivos na minha vida profissional.

As dificuldades durante a elaboração do projeto também existiram, pois o trabalho, mesmo sendo de certa forma fácil, é demorado, como a dificuldade em identificar o maior número de indivíduos possíveis nas fotografias, em acervo que compreende mais de mil fotografias, até chegar à finalização do processo de conservação. Mas, passadas as dificuldades, é muito gratificante ver que, enfim, a etapa da organização do acervo fotográfico da Cooocassis foi finalizada e coroada com uma exposição sobre o projeto, que, a meu ver, se estende aos pesquisadores e à comunidade em geral. Após o contato com os catadores cooperados para a identificação das fotografias, foi notável a importância social deste projeto de extensão, pois os catadores gostam da ideia de serem conhecidos e terem seu trabalho reconhecido pela população, que até então os marginalizava.

Natália Sobral (2010):

Trabalhar como voluntária com o acervo fotográfico da Cooacassis foi muito gratificante, pois me permitiu, além da aprendizagem específica do trato e formação de acervos fotográficos, uma compreensão melhor dos projetos desenvolvidos dentro da universidade que se voltam para a comunidade.

Desafios se colocaram: tivemos que trabalhar bem em equipe e lidar com prazos e pressões. No entanto, toda essa experiência, apesar de apresentar dificuldades, se converteu em uma valiosa marca em minha vida estudantil, pois me abriu os olhos para o poder que a universidade tem de contribuir com melhorias para a sociedade, e me acrescentou valioso conhecimento técnico, acadêmico e de vida.

Lembrarei com carinho e gratidão de todos envolvidos no projeto, sejam da UNESP, sejam da própria Cooacassis. (Assis, setembro de 2010)

EPÍLOGO

OS CATADORES: O DIREITO AO PASSADO

Assim, as narrativas do presente livro certamente trouxeram contribuições para se pensar a exclusão social e seus desdobramentos no campo da memória e da história de muitos brasileiros que foram esquecidos por suas elites no poder.

A exclusão desses grupos sociais do mercado formal de trabalho tem apresentado outros desdobramentos que sinalizam para sua marginalização em todos os níveis e, também, ao direito à memória e ao passado. Sabe-se que os registros memorialísticos voltam-se àqueles protagonistas que se destacaram em atos considerados heroicos ou em situações remetidas a experiências singulares ou traumáticas. Já os sujeitos comuns, por não se enquadrarem nessas categorias, ficaram esquecidos e sem registros de suas trajetórias, sempre consideradas banais e de pouco apelo para serem rememoradas, por integrarem um cotidiano no qual as rotinas se repetem incessantemente, sempre atreladas a dimensões da esfera privada que se articulam à luta pela sobrevivência.

Este livro caminha em sentido oposto a essas projeções. Ao desenvolver esse conjunto de atividades sobre um grupo de trabalhadores que desempenhava atividade bastante marginalizada na e pela sociedade, criou outras possibilidades de reflexões por trazer conhecimentos e dimensões de vivências recortadas por difi-

culdades e estratégias para enfrentar os reveses de um cotidiano marcado por privações. Mas, também, os relatos desses protagonistas evidenciam a busca por dias melhores e pela garantia da sobrevivência e de um teto para os seus, sem perder de vista os sonhos e as esperanças de superação nesse intento, em que pese os muitos obstáculos enfrentados cotidianamente.

Ao incorporar a exposição como a segunda parte deste livro, a intenção foi trazer a trajetória desse grupo de cooperados, nos anos iniciais da Coocassis e as primeiras etapas desse processo, as quais envolveram a junção de dois projetos que buscavam dar apoio aos que viviam da coleta de recicláveis e de um grupo de desempregados que vinham se reunindo com a professora Ana Maria Rodrigues de Carvalho, em busca de alternativas (e de possibilidades) para sua inserção no mercado de trabalho e de sua valorização enquanto pessoas, na crença de que elas seriam capazes de se reinventar, se lhes fossem dadas oportunidades para redefinir as suas vidas, numa experiência solidária e agregadora.

Se este livro não tem o poder de alterar as condições materiais da existência de cada um desses protagonistas, certamente dará a oportunidade ao público de conhecer as muitas estratégias utilizadas por esses homens e por essas valorosas mulheres que cuidam de sua prole de forma corajosa, independente dos obstáculos de cada dia, marcados por muitas privações.

Em seus relatos, evidenciam que não teriam condições de romper a margem se não fosse a ajuda que vêm recebendo no sentido de superação do despreparo anterior, de uma formação deficitária, escolar e profissional, para sua inserção no mercado de trabalho e para o acesso aos direitos diversos, os quais podem ser sintetizados no direito básico de uma vida digna.

Nestas palavras finais, porém, para amarrar os fios que articulam passado e futuro, faz-se necessário voltar à questão inicial sobre o significado, para o grupo, da guarda de “fragmentos da memória” de suas lutas para garantir o direito ao trabalho e a uma vida digna. Responder a pergunta parece uma tarefa simples, se a extensão desse registro de memória aos demais segmentos da

sociedade não implicasse entrar em confronto com certos privilégios e concepções de mundo, já consagradas, do registro memoria-lístico, antes prerrogativas de poucos. Adotar uma perspectiva que expande os suportes de memória para os diferentes segmentos da sociedade sugere que eles se constituam em elementos fundamentais para consolidar a identidade social dos sujeitos, notadamente os que foram colocados à margem da sociedade, por uma herança que remete à sua origem social de despossuídos e os impede de ter acesso a outros bens culturais disponíveis àqueles que, em razão de sua origem, controlam os circuitos do poder e de tudo o que lhes confere prestígio social. Este livro, apoiando-se nas narrativas de seus protagonistas e no registro fotográfico (e sua organização de forma adequada que propicia a preservação da memória das lutas elementares dessa categoria de trabalhadores), permite ao grupo a oportunidade de usufruir de dimensões que o valorizam socialmente e o colocam como parte integrante da sociedade mais ampla, até de ser conhecido pelas gerações futuras, revertendo situação secular de pessoas fadadas ao esquecimento, em decorrência dessa origem. Portanto, o direito à memória integra o conjunto de direitos, inclusive ao passado, que propicia a cada pessoa as condições de reconhecimento pelas gerações futuras, independente de seus feitos serem ou não heroicos.

Zélia Lopes da Silva

Assis, primavera de 2012

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. Referências bibliográficas do livro

- ALBERTI, Verena. Histórias dentro da História. In: PINSKY, Carla Bassanezi. *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2005. p.155-202.
- FREITAS, Sônia Maria de. *História oral: possibilidades e procedimentos*. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP; Imprensa Oficial do Estado, 2002.
- MALUF, Marina & MOTT, Maria Lúcia. Recônditos do mundo feminino. In: NOVAIS, Fernando A. & SEVCENKO, Nicolau. *História da vida privada no Brasil*. v.3. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p.367-421.
- MONTENEGRO, Antonio Torres. *História oral e memória: a cultura popular revisitada*. São Paulo: Contexto, 1992.
- PORTELLI, Alessandro. Sonhos ucrônicos, memória e possíveis mundos dos trabalhadores. *Projeto História (São Paulo: Educ)*, n.10, 1993.
- PORTO, Carla Lisboa. *A mulher malandra e a popular nas percepções de Ismael Silva e do jornal Correio da Manhã (1930-1935)*. Assis, 2008. 135f. Dissertação (mestrado em História) – Faculdade de Ciências e Letras – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mes-

quita Filho”. [Bolsista: Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico].

VELLOSO, Mônica. As tias baianas tomam conta do pedaço: espaço e identidade cultural no Rio de Janeiro. *Estudos Históricos (Rio de Janeiro: FGV)*, v.3, n.6, p.207-28, 1990.

2. Referências bibliográficas da Exposição

CARVALHO, Ana Maria Rodrigues. *Cooperativa de Catadores de Materiais Recicláveis de Assis (Coocassis): espaço de sociabilidade e seus desdobramentos na consciência*. São Paulo, 2008. 331f. Tese (doutorado) – Instituto de Psicologia – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras – Universidade de São Paulo.

MATTOS, Terezinha de. *Componentes espaciais, sociais e culturais em fotografias de Cuiabá (MT), na década de 1920: subsídios para a leitura documental de imagens*. Marília, 2008. 158f. Dissertação (mestrado em Ciência da Informação) – Faculdade de Filosofia e Ciências e Letras – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos (Rio de Janeiro)*, v.2, n.3, p.3-15, 1989.

_____. Memória e identidade social. *Estudos Históricos (Rio de Janeiro)*, v.5, n.10, p.200-12, 1992.

RODRIGUES, Jaime. Arquivo “Geraldo Horácio de Paula Souza”: um acervo sobre História e Saúde. *Patrimônio e Memória: UNESP (FCLAs – Cedap)*, v.4, n.1, p.1-15, 2008.

SILVA, Zélia Lopes da. Projeto. *Memória dos Catadores de Materiais Recicláveis de Assis (SP) (2001-2007) – (Bolsa PROEX)*.

Fontes

Acervo de fotos. “Coleção” Coocassis, 2001-2007, Cedap, 2010.

Jornal de Assis (2004-2008).

Voz da Terra (2003-2006).

EQUIPES QUE TRABALHARAM NO PROJETO MEMÓRIA DOS CATADORES DE MATERIAIS RECICLÁVEIS DE ASSIS (2001-2007)

1. Livro

Prof^ª dr^a Zélia Lopes da Silva – Curso de História/Cedap (autora e coordenadora geral, elaboração e redação dos textos)

Bolsistas PROEX – Curso de História

Entrevistadoras: Ana Carolina Piccinin (2011)

Emily Yaeko Oka (2011)

2. Organização da coleção fotográfica da Coocassis

Colaboraram nessa fase do projeto de organização da coleção fotográfica dos catadores de materiais recicláveis, organizados na Coocassis, além dos alunos bolsistas e voluntários, pessoas e instituições. Embora muitas pessoas tenham integrado o grupo, cabe destacar o trabalho do bolsista Pedro Victorasso na organização do acervo fotográfico, em 2010-2011, que foi fundamental para o término dessa fase do projeto. Ele foi incansável na busca de informações para identificar os protagonistas, donos das fotos. Também são de sua autoria as fotos do grupo.

2.1. Equipe responsável pelo projeto de organização da coleção fotográfica

Prof^ª dr^ª Zélia Lopes da Silva – Curso de História/Cedap (autora e coordenadora geral; proposta da exposição e elaboração de textos)

Bolsistas – Curso de História

Pedro Henrique Victorasso (2009-2010)

Milena Costa (2008)

Derlei Alberto dos Santos (mar.-maio 2008)

Larissa Elizabete Fumis (2008)

Alunos voluntários – Curso de História

Sarah Rodrigues Lucas (2009)

Natália Sobral (2010)

Thales Pagoti Lima (2^º sem. 2010)

2.2. Colaboradores do projeto

Professores do curso de Psicologia

Dr. Carlos Rodrigues Ladeira – Sugestão de tema para elaboração do projeto/Prefácio

Dr^ª Ana Maria Rodrigues de Carvalho – Identificação de fotos e eventos e revisão final da trajetória da Cooperativa/Depoimento/Prefácio/Fotógrafa da “coleção” Coocassis

Técnicos do Cedap que colaboraram em sua execução

Marlene Aparecida de Souza Gasque – área de Arquivos (2008)

Izabel Mano Neme – área de Conservação (2008-2010)

Cooperados

Claudineis de Oliveira – identificação das pessoas nas fotos/depoimento

Creuza Soares Cardoso – identificação das pessoas nas fotos/depoimento

2.3. Transcrição das entrevistas

Três entrevistas

Ana Carolina Piccinin (2011) – bolsista

Emily Yaeko Oka (2011) – bolsista

Demais entrevistas

Alunos do Programa de Formação do Cedap (2012)

Acompanhamento do trabalho da transcrição das fitas

Carolina Domingos Barbosa Monteiro (Historiógrafa do Cedap)

Ana Carolina Elisio Hengles – 3º ano do curso de História

Alison Leandro Dias – 1º ano do curso de História (voluntário)

Danillo Rosa – 3º ano do curso de História

Glauce Marina Alves Ferreira – 4º ano do curso de História

Sheila Misaella Barbato Marcondes – 2º ano do curso de História

Willian de Freitas Batista – 4º ano do curso de História

Autoria das fotos da “coleção” fotográfica da Coocassis sob a guarda do Cedap

Drª Ana Maria Rodrigues de Carvalho (Capítulo 3)

Fotos do trabalho técnico

Pedro Henrique Victorasso (Capítulo 4)

SOBRE A ORGANIZADORA

ZÉLIA LOPES DA SILVA é graduada em História pela Universidade de Brasília (1975), mestre em História pela Universidade Estadual de Campinas (1982), doutora em História Social pela Universidade de São Paulo (1992) e livre-docente em História do Brasil (2004) pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, com tese sobre carnaval em São Paulo. É professora adjunta da UNESP. Leciona no Departamento de História e na Pós-Graduação da mesma universidade. Dirige atualmente o Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa Prof^a Dr^a Anna Maria Martinez Corrêa – Cedap, da UNESP, *campus* de Assis. É editora da revista *on-line Patrimônio e Memória Unesp*). Historiadora com experiência em pesquisas referentes ao período republicano, sobre temas como carnaval e culturas do povo, história social e patrimônio cultural, tem publicado artigos em periódicos da área e alguns livros de produção individual, a exemplo de *Os carnavais de rua e dos clubes na cidade de São Paulo: metamorfoses de uma festa (1923-1938)*, publicado em 2008, e também coletivos, como *Arquivos, patrimônio e memória: trajetórias e perspectivas* (1999, edição digital em 2013).

SOBRE O LIVRO

Formato: 14 x 21 cm

Mancha: 23,7 x 43,16 paicas

Tipologia: Horley Old Style 10,5/14
2014

EQUIPE DE REALIZAÇÃO

Coordenação Geral

Tulio Kawata

ISBN 978-85-7983-526-1



9 788579 835261

CULTURA
ACADÊMICA 
Editora